

# Revista Feminina

Out. de 1918



# ALGUMAS DAS IMPORTANTES CURAS PELO



LEVI FIMENTA DE PAIXÃO



ESTANISLAU GALESTRINI FRANCO  
ALVARO DO SUL, P. S. C.



THEODORO MARIN



MANDUEL JULIO DE MIRANDA  
LARGO N. 5 - BAURAZA, 12  
UBERABA - MINAS



ANTONIO ANDEL  
DE CARVALHO



CARLOS FERREIRA MOURA  
L. THOMAS DE AGUIAR



ROBERTO LACERDA  
RUA DE FARIAS



JOSELO PORTELLA DE MOURA  
CALLE BARRA, 201



JOSE ALEZANDRO D'AVILA  
P. S. C. - UBERABA



ANTONILACIO ALEX. VOLANTE  
P. S. C.



PEDRO ALVES DOS SANTOS  
RUA BARROSA

**MAPPIN STORES**  
SOCIÉDADE ANÔNIMA INGLEZA

## ARTIGOS PARA CAMA E MEZA

Esta secção oferece aos nossos freguezes um grande e variado Stock de Artigos Brancos, de garantida qualidade e belleza, procedente das melhores Casas especialistas Inglesas.

ARTIGOS  
FINOS  
E  
DURAVEIS  
POR  
PREÇOS  
MODICOS



V. S.  
PODERÁ  
VISITAR-NOS  
SEM  
COMPROMISSO;  
DE  
COMPRA

Guarnições para jantar e para Chá, Guardanapos, Toalhas para Meza, toalhinhas bordadas para bandeja e centro de meza, Lençóes, Fronhas, Colchas, toalhas para banho e rosto, etc.

# MAPPIN STORES

Rua 15 de Novembro N. 26  
SÃO PAULO

Rua Sto. Antonio N. 21 e 23  
SANTOS

O ESPECIFICO DA ANEMIA  
TUBERCULOSE, etc.

Vinho Reconstituinte

— SILVA ARAUJO —

Rachitismo - Fastio - Escrophulose, etc.

Usam-se 2 meios calices por dia

INGESTA Farinha lactea  
phosphatada  
de SILVA ARAUJO

ALIMENTO IDEAL

Para crianças, amas de leite, pessoas  
fracas, convalescentes

Torna as crianças sadias  
e fortifica os fracos

Para uso das crianças dyspepticas, que têm difficuldade em  
digerir e cujas evacuações são irregulares, fétidas, esver-  
deadas ou talhadas, usa-se **e sempre eficaz**  
o poderoso, inegalavel

**DIGESTIVO INFANTIL**  
de SILVA ARAUJO

Usa-se ás colheres de chá após as refeições  
— ou após as mammadelas —

A' base de papaina virgem, pura

Companhia de Industria  
e Commercio

**Casa TOLLE**

Rua PIRATININGA N. 27 - Caixa, 201 - São Paulo

Premiada em diversas exposições e com a maior recom-  
pensa "GRAND PRIX" na Exposição de Torino em 1911

**Bombons  
e Chocolates finos**

Unico fabricante no Brasil e America do Sul do:

**Cacao com aveia, Abelha** (marcas registradas). — **Vinhos,  
Vinagres, Licores, Xaropes,**

**LICORES CUSENIER** fabricados sob a fiscalização da casa de PARIS.

Possue o privilegio em todo o Brazil para a fabricaço do alcool absoluta-  
mente neutro e inofensivo, unico que se presta para a fabricaço dos licores  
finos que a Companhia prepara por distillaço, com productos importados  
directamente da Europa.

# ORVALHO

## DA BELLEZA



O MELHOR  
CREME  
PARA A PELLE

### Pharmacia Castor

Rua Albares Penteado, 5-A  
S. PAULO

## CASA GENIN

Rua 15 de Novembro N. 8-A  
S. PAULO - Caixa, 204

ESPECIALI-  
DADE EM  
BANDEIRAS  
de Algodão es-  
tampado, de  
Filele de lã e de  
seda.



Confecção esmerada de bandeiras de seda proprias  
para Linhas de Tiro e escoteiros. - Preços modicos.

PEÇAM ORÇAMENTOS

A "Casa Genin" tem sempre um variado sor-  
timento de lãs, linhos, sedas  
e artigos para bordar e para flores artificiaes.



O unico meio de  
conservar a vossa  
saude é ingerir ali-  
mentos sãos e be-  
ber agua pura.

Para este fim  
[procurar os melho-  
res fornecedores e  
comprar o

### Filtro "Fiel"

O melhor dos filtros.

A' venda na  
RUA SÃO BENTO, 14

Depositario Geral para o Es-  
tado de São Paulo:

Arsenio J. Silva

Secção F. - Caixa Postal 740  
Telephone 5185 - Central  
SÃO PAULO

Peçam o catalogo  
ilustrado sem com-  
promisso] algum.

# Epura

cara rapida e totalmente CROSTAS dos creangas  
FURUNCULOS (cabecas de prego) - ECZEMA - MÃO BRABITO -  
COMICÇÕES - molestias da pelle.  
DEPURATIVO IDEAL DAS FAMILIAS proporciozando logo és  
primeiras doses um estado de bem estar geral.  
SEM DIETA - INOFFENSIVO.  
Tolerado pelos organismos mais delicados. Pate todos as edades  
desde a creanga de peito. Em todas as drogerias. - - - S. Paulo

# CASA BARUEL

Chamamos a atenção da illustrada classe medica e do publico em geral, para os productos da nossa

Secção Industrial - Pharmaceutica

que se recommendam pelo capricho e rigor scientifico com que são preparados:

Agua Inglesa Baruel - Elixir Aristopeptico - Magnesia Fluida Baruel - Segredo Oriental - Vinho Iodo Tannico Phosphatado Baruel - Sabão Infantil - Polvilho Diaquilão Baruel - Depilatorio Martins - Elixir de CC. Sagrada Baruel - Extracto de Tamarindo e Xarope Easton Baruel.

Secção de vendas  
R. Direita, 1 - Largo da Sé, 2

Secção de expedição  
Rua Marechal Deodoro, 2

Filiaes:  
Aven. Rangel Pestana, 149  
Rua das Palmeiras, 42

Secção Industrial Pharmaceutica:  
Avenida Cantareira, 47

Completo sortimento de  
Drogas e Especialidades  
Pharmaceuticas

Secção Especial de  
Perfumarias

## Baruel & Cia.

Caixa Postal, 64  
Telephone N. 20  
Endereço Telegraphico:  
BARUEL - S. PAULO

### S. PAULO

## FABRICA IRLANDESA

— DE —

### Capas de Borracha

Importação de Capas de Borracha das mais famadas  
Fabricas Inglesas

## Mauricio Teitel

Especialidade sob medida para homens, senhoras, chauffeurs e  
crianças

Por atacado e a varejo

Rua Sete de Setembro, 168 - Rio de Janeiro

Telephone 5543 Central

Photogravura "A Paulicéa"

Clichés e Carimbos de borracha

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 92

Telephone Central 3908

SÃO PAULO



## Instituto LUDOVIG

### TRATAMENTO DA CUTIS.

O Creme Ludovig é o mais perfeito CREME de TOILETTE. Branqueia, perfuma e amacia a pelle. Tira cravos, pontos pretos, manchas, pannos, espinhas e sardas. Os preparados do INSTITUTO LUDOVIG curam e impedem toda e qualquer molestia da cutis.

Para a pelle e os cabelos usem os productos de Mme. LUDOVIG.

Os INSTITUTOS LUDOVIG do Rio de Janeiro e S. Paulo mantêm uma secção especial para attender (gratuitamente) a todas as consultas que lhes sejam dirigidas sobre PELLE ou CABELLO.

HENNE EXTRÉ DE LA MOCQUE.

Succursal:  
Telephone, 5850

Rua Direita, 55-B S. PAULO

Enviamos catalogos gratis.  
Rua Uruguayana, 11 - RIO

## Indicador da Revista

Dr. DESIDERIO STAPLER

Ex-substituto da Polyclínica Geral em Vienna Ex-interno de clinica dos hospitais. Cirurgião de Hospitál da Beneficência Portuguesa de São Paulo

Operador. Molestias de senhoras.

CONSULTORIO

N. 4, Rua Barão de Itapetininga N. 4

De 1 ás 3 horas da tarde. TELEPHONE 1.407

DR. RODRIGUES GUIÃO — Clinica medico-cirurgica, especialmente de partos, molestias de senhoras e crianças.—Consultorio rua de S. Genio, 14 (Palacete Jordão), 1. andar. sala n. 71. Consultas, das 13 ás 15 horas. — Residência: alameda Barão de Piracaba, 139. — Telefone, 28-28.

DR. LUIZ PEREIRA BARRETO — Especialidade: cura radical de hemorroides por processo sem dor, sem sangue e sem cloterormio. Residência, rua Appa n. 2. — Cons.: rua 15 de Novembro, 9 - das 11 ás 12.

RAYMUNDO REIS — Cirurgião-dentista. — Atten de cas 12 ás 18 horas. — Rua de São Bento, 27 — São Paulo.

DR. LUCIANO GUALBERTO — Utero, Anexos, Bexiga e Rins. Cons.: rua Libero Badaró, 120, das 7 ás 3. Res.: rua Vergueiro, 373. Telephone Central 770.

Laboratório de Análises de

DR. JESUINO MACIEL — Microbiologia e Clinica clinicas. — Aberto das 8 ás 18 horas — Se atende á especialidade. — Rua Libero Badaró 53 — Telephone, 5439 - Central.

## A Sciencia da Maternidade

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente: «isto elle bebeu com o leite e nesta synthese popular está encreada toda a importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber a força, a saúde, o *mens sana in corpore sano*; com o leite pode-se tambem beber o rachitismo, a fraqueza dos ossos, a pessima dentição, renunciando a futuro miseravel, arrastado em meio de molestias e de dores.

Na maior parte desses ultimos casos a mãe deve ser accusada; durante o aleitamento ella não se preoccupou de repousar, de alimentar-se bem e, principalmente, de enriquecer o seu leite com principios nutritivos e basicos para a formação do esqueleto da criança, do arcabouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella teria evitado se tomasse cada dia quatro *Malcom Iricalsic Pastilleas*, nas quaes existem todos os elementos necessarios para tornar o leite abundante, grosso, gorduroso e opulento de principios calcicos para a formação dos dentes e dos ossos. A Empresa Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em São Paulo.—Um vidro com 100 partilhas: 20.000. Enviar o pedido e importancia. — Com quantia tão insignificante garantireis a formação perfeita do lindo bebê sobre o qual repouse a vossa olhar delicado de mãe.

Empresa Feminina Brasileira

REVISTA FEMININA

Praça Antonio Prado (Palacete

Briccola) São Paulo

Guilherme Weixel  
Cubebes  
Telefone 12.2001.  
(Cidade.)  
Rua dos Guayanaes 155.  
São Paulo.

## Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O JUGLANDINO de GIFFONI é um excelente reconstituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, poderoso tónico depurativo e anti-escrophuloso, que nunca falla no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.

É superior ao óleo de fígado de bacalhão e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o *iodo vegetalizado* intimamente combinado ao *tannino da noqueira (Juglans Regia)* e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitalizador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.

Um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao óleo e as emulsões; dahi a preferéncia dada ao JUGLANDINO pelos mais distintos clinicos, que o recitam diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparados o VINHO TANNICO GLYCERO-PHOSPHATO.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacies desta cidade e dos Estados e no deposito geral: Pharmacia e Drogeria de FRANCISCO GIFFONI & C.  
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro



Tónico dos nervos, do cerebro e dos musculos

GOTTAS PHYSIOLOGICAS

Silva Araujo

(Quarantina - Iodo - Kola - Arsénico)

NEURASTHENIA

CONTRA TODAS AS MANIFESTAÇÕES

NEURO-SÓRO

SILVA ARAUJO

Base: Glycerophosphato de Sódio e Strychnina-Cacodylate

# Santelmo

O Rei dos Sabonetes.

Guiry - Rio.

# = Estabelecimento Agrícola =

DE LUIZ DA SILVA

Escriptorio: *Rua Libero Badaró, 125* - S. PAULO

*Grandes viciros de plantas fructiferas e ornamentaes — Estação de Pirapitinguy, Villa Emma e rua Maria Antonia, 69 - (Cons.)*

Especialidade em laranjeiras e roseiras.

Deposito de sementes: de algodão das melhores qualidades. de chá, dos capins da Australia. (*Paspalum Dilatatum*), Capim de Rhodes (*Cloris Gayana*), Manduvira, Alfafa de Murcia, Gramma de Castella, «Sectaria Gracillis», «Sacharina». «Sudan», Jaraguá e Catingueiro roxo; mudas de capim «Imperial» ou da Venezuela, capim «Araguaya», «Ramis», Gramma de Macahé ou de Pernambuco, Consolda do Caucaso e canna Stiambo.

Forragens espezias para porcos: Araruta gigante e inhames diversos.  
Grande criação de porcos «Duroc-Jersey» e «Berkshire», puro sangue.

Fabrica do Carrapaticida marca «Touro», do ingrediente «Buffalo» e das afamadas machinas «Luiz da Silva» para matar formigas, unicas capazes de destruir grandes formigueiros.

## PEÇAM CATALOGOS E INFORMAÇÕES

Compra e vende reproductores das melhores raças.

Agente geral de «La Hacienda»

Importador do arsenico marca «Cão», de Fenner, a melhor marca ingleza.

# TINOCO MACHADO & CIA.

S. PAULO

LARGO DO THESOURO, 5 (1. Andar) - Telephone. 3558

Unicos vendedores neste Estado das superiores **VELAS**

**Brasileiras**

**Pequenas**

**Ypiranga**

**Colombo**

**Paulista**

**Bicho**

**Cia. Luz Stearica**

**do Rio de Janeiro**

Os incontestáveis triunfos do ELIXIR DE NOGUEIRA



*Exmas. senhoras - senhoritas e crianças, curadas com o grande depurativo do Sangue*  
ELIXIR DE NOGUEIRA do Pheo. João da Silva Silveira

PREFIRAM  
**LACTA**

CHOCOLATE E LEITE, O MAIS DELICIOSO

# A Saude da Mulher

cura

## Incommodos de Senhoras



A escriptora e actriz dramatica

**Sofia Gallini**

**Verdades claras que  
valem por si proprias**

*"A Saude da Mulher é o  
maravilhoso preparado para  
curar radicalmente qualquer  
incommodo de Senhora.*

*Sofia Gallini, Rio de Janeiro".*

Ha verdades cujo valor d'expressão têm mais força que qualquer tentativa verbal ou escripta no intuito de tornal-as mais flagrante e evidentes. A phrase popularisada e de tão larga diffusão que a escriptora Sofia Gallini (mais conhecida na imprensa do Rio pelo pseudonymo de *Sonia*) adoptou e assignou, afim de exprimir o seu exacto conceito sobre o remedio a que as senhoras tanto demem, encerra uma dessas verdades

que não carecem de explicações mais clara do que o seu proprio enunciado. E assim é por que já não se discute mais em therapeutica moderna, o tratamento das doenças do utero e ovarios. O emprego d'A Saude da Mulher para casos variados e diversos de perturbações de regras é unanimemente reconhecido como o melhor e mais rapido processo de cura.

A Saude da Mulher combate efficazmente todas as affecções genitaeas, qualquer que seja o mal. Cura flores brancas, suspensões, fluxos, cólicas uterinas, irregularidades menstruaes, obesidade, dores reumathicas. Essas duas ultimas doenças têm como causa directa o arthritismo. E está provado, por longa observação e demorado estudo, que A Saude da Mulher combate taes manifestações do fundo arthritico.

A Saude da Mulher cura, infallivelmente e em pouco tempo, todas as enfermidades uterinas, desde as da puberdade até as da idade critica.

Assignatura annual para todo o Brasil . . . . . Rs. 10\$000

Assignatura com registro 15\$000

Idem para o estrangeiro 20\$000



Redacção :

Prça Antonio Prado :

Palacete Brícola :

Telephone, 5911 - Central

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA SALLES -- Secretária: AVELINA DE SOUZA SALLES

ANNO V



SÃO PAULO, OUTUBRO DE 1918



NUM. 53

## OUTUBRO



assumpto preferido pelos chronicistas me mez que acaba de findar, foi o que se relaciona com o requerimento de uma senhora para sua inscrição num concurso do Ministério do Exterior, requerimento que foi deferido, deante dos pareceres

de nossos eminentes juristas Ruy Barbosa e Clovis Bevilacqua, o ultimo dos quaes, consultor juridico daquelle Ministerio, ambos accordes em declarar que, perante a nossa Constituição e o nosso Código Civil, a mulher se acha em egualdade de condições ao homem, no que respeita ao gozo e exercicio dos direitos privados, conforme se exprime o titular daquelle pasta.

Este acto de nossa patria, segundo ella declarou em entrevistas que jornalistas lhe foram pedir, obedeceu apenas ao desejo de obter um logar fixo, que lhe proporcionasse desde já os sufficientes recursos para prover ao lar, pois que, ainda solteira, tem sua mãe impossibilitada de trabalhar, e a ella compete o encargo dos seus.

A simplicidade e a sinceridade desta resposta devia ter bastado para preservá-la dos comentarios humoristicos dos chronicistas, e para fechar sobre ella o velarium da discreção e de um respeito implicando admiração, pela nobreza de tão digna brasileira. Nós somos, porém, um povo chocarreiro e mal educado; e, através dos seculos, á proporção que supomos galgar os cimos da civilização, tornamo-nos mais grotescamente chocarreiros, e mais despedaçadamente grosseiros. Aliás a civilização que nos exportam, e que nós recebemos famelicos e semi-animas, com a sede da esponja, resume aquelles vicios, poreja aquellas indecades, já nos seus romances e folhetins, já nos seus theatros, nos quaes se faz da virtude e da moral, de seus aspectos e de seus resplandecentes, um jogo de humorismo, com as ascuas de uma ironia semi-borona e depravada, enquanto se queimam pivetes e troiscos de incenso, ao adulterio, á prostituição, e aos demais fermentos da putrefacção das almas.

O caso, pois, que, em qualquer sociedade bem formada, teria provocado louvores ao nobre afan dessa brasileira brasileira de vinte e poucos annos dedicados ao estudo e ao trabalho, si de um lado lhe valeu a admiração e o encorajamento de homens da estatura moral de Ruy Barbosa, o maior dos americanos vivos, trouxe-lhe ao mesmo tempo o desgosto da glosa de mediocridades anarchicas, cujo espirito peço, apenas aprendeu até hoje a balbuciar contra a mulher — que lhe foi, hontem, mie, e que lhe será amanhã a fechar os olhos da agonía — que ella nasceu para alicear creanças, para terziz meias e para os demais misteres do lar, da cozinha á dispensa, não se devendo immiscuir em assumpto de ordem publica, para os quaes não está prevenido o seu espirito de comprovada inferioridade. Estes comentarios, porém, não de-

vem nem por um momento pesar de desgosto, senão de comiserção, no animo de nós, mulheres. Elles apenas provam não a nossa inferioridade, mas sim a inferioridade e a ignorancia destes intrujes que se mettem a rabiscar sandices, e que desconhecem todas as notaveis paginas escriptas pela mulher na historia da humanidade. Para que lhes responder, para que lhes acenar com os nomes das grandes heroínas que nos aponta a Historia, para que lhes lembrar os nomes das imperatrizes e rainhas que têm dirigido as maiores collectividades humanas, para que lhes citar, um a um, os nomes das grandes escriptoras, antigas e contemporaneas, das grandes artistas, na musica, na escultura, na pintura, em todos os ramos da arte — espiritos ao lado dos quaes é rastejante como a herva daninha a prosa infame de taes arlequins do folhetim? Superflua tarefa, trabalho inutil de Sisypho, penitencia impropicia de Danaides, que apenas nos fatigaria sem maior proveito sobre a empedrada impermecabilidade dessas columnas artificiaes, armadas com o cimento da presumpção, e do pedreiro de retalhos de instrução, ligados pela agua suja da perversidade.

Si, porém, comentarios ellas não valem, equal conceito não podemos applicar aos considerandos com que o nosso Ministro do Exterior concedeu a inscrição da nossa patria. O despacho de S. Exa. pecca, desde logo, pela sua exuberancia, facto mais que extranhavel num departamento que exige, como S. Exa. affirma, num daquelles seus considerandos, «tantos attributos de discreção»... Todo nosso mal, mal aiavico, que herdamos dos lusos, e que parece incuravel, tem sido o da loquela, o da parolagem. Somos um paiz essencialmente... bacharel. Ora si justamente um dos defectos que nos imputam os homies é a nossa loquacidade — que é mais fabulosa que real — parece-me que nossos homens, e principalmente os homens publicos, deviam dar-nos o exemplo da concisão. No despacho a que alludimos tudo quanto fosse além do «deferido», despacho obrigatorio pelo nosso texto constitucional, devia ser considerado como desnecessario e censuravel, principalmente neste momento internacional, em que o tempo do governante não sobra para o desporto de torneios philosophicos. Além de excessivo, torna-se inopportuno o seu despacho, quando entra a doutrinar sobre as funções da mulher na sociedade, e — caso comico — a dar-lhe conselhos paternaes que não assentam com a natureza do caso. «Não sei, diz S. Exa. em seu despacho, si as mulheres desempenhariam com proveito a diplomacia, onde tantos attributos de discreção e de capacidade são exigidos, mas que não são privilegio dos homens; o que não posso é restringir ou negar o seu direito, toda a vez que as leis existentes não o restringem, nem o negam. Se nas monarchias as mulheres podem ser imperatrizes ou rainhas, não vejo porque se lhes feche o in-

gresso aos cargos administrativos. Melhor seria, certamente, para o seu prestigio que continuassem a direcção do lar, taes são os desenganos da vida publica.»

Mas si taes são os derrengos da vida publica por que se afeitam os homies a ella, e procuram della excluir-nos?

Melhor seria, n'ingum o contesta, que a nós, mulheres, sómente coubessem os encargos da direcção do lar. A concurrencia da vida moderna, porém, é que nos tem trazido para a lucta, para o ganha-pão, para a dura lucta, porque já não basta a muitos e muitos lares o esforço do homem. A nossa incursão na vida publica, não é mais do que um esforço para a boa direcção do lar. E' claro, é evidente que uma mulher que dispõe de um lar proviço e farto, não sahirá por mera fantasia a disputar um logar de professora, de caixeira, de dactylographa, ou qualquer outro. Si ella vem para a rua, si ella deixa como a abelha a sua colmeia, é porque sente que no seu lar começa a desenthar-se o quadro das privações. Não é um movimento de emancipação, nem um movimento pantafaçudo de reacção que a traz ao proscenio, que joga sua pobre alma sonhadora e delicada contra as arestas vivas e cruéis da concurrencia do trabalho. Não; é um movimento compassivo e bom; é um movimento bem feminino, bem mulher, cheio de piedade e de altruismo, que a arranca de casa, que a atrai á officina escura e mal arejada, de industrialismo sem alma, ou ao bvlção do commercialismo onzenario e roubalhão, indo buscar, como a pobre abelha, mesmo no monturo onde se putrefazem todas as miserias do egoismo dos homies, o pouco alimento que suas mãos debeis podem comportar, para que não tirem, em casa, de hio, ou não se estilem de fome e sede os filhos de seu amor.

Quem creou esta nova alma feminina? Foi a mulher? Não. E' evidente que ella preferiria continuar tranquilla no seu canto de sombra, que lhe é patria, essencia, amor e sangue; que ella ali preferiria viver agardando com a luz de sua almotolia fat a chegada do esposo...

E o homem, o homem caçado, extortado e quasi invalidado da civilização moderna, o homem que já não produz o suficiente para o sustento de seu lar, quem está creando o typo da mulher de hoje, da mulher que se vê forçada a aguerri-r-se, a fazer de sua fraqueza, força, a sair com seu pobre corpo franzino a despedaçal-o em todas as urzes do caminho, a espoetear-o por todos os lançoos dos judeus do moderno Golgotha, para de seu sangue e de sua carne fazer a hostia que alimente os deuses de seu tempo!

«Este é o meu sangue; bebei-o; esta é a minha carne; comei-a...» São as phrases de Christo, são as phrases finces de todos os mysterios a que asomam aos seus labios apés

vinte seculos de escravidão!... E accusam-n'a, e motejam-n'a!...

Quando ella assim se immola, e quando ella assim abre ao redor da pallida e esquadra imagem de seu martyrio, um halo de santidade, uma aurora de consagração immortál, é doloroso, é iniquo, é acerbo e cruel, que os proprios homens que ella sãe a soccorrer, acoimem-n'a de revolucionaria, de anarchica, procurem crucifical-a nos quatro braços da cruz infamante da critica, e offerçam á sua sêde de sacrificio a esponja agri-salgada de sua censura, embebeda no vinagre de seu rancor e no sal de sua ironia.

Continuemos, porém, com a mesma coragem e com o mesmo impulso, e digamos com Jesus aos pobres de espirito que nos não comprehendem, e aos iagrats que nos cospem: «Perdoae, Senhor, elles não sabem o que fazem!»

Anna Rita Malheiros.

(Para «Revista Feminina», de S. Paulo).

NOTA — As chronicas de d. Anna Rita Malheiros, a nossa brilhante chronicista, são transcriptas por dezenas de jornais brasileiros. Este fact, que muito nos penhora, mais nos penhoraria si nosos distinctos conrades quisessem citar o nome de nossa «Revista», quando fazem aquellas transcripções.

## A nossa exposição de trabalhos

Dentre tantas iniciativas postas em pratica pela nossa saudosa directora d. Virgilina de Souza Salles, todas ellas tendentes a dar ao espirito da mulher uma orientação segura em todas as actividades compatíveis com o seu sexo, dentre tantas iniciativas uma das mais sympathicas e a que, de prompto, ganhou as mais francas adhesões, foi a instalação de uma exposição permanente de trabalhos femininos. Nessa exposição encontra-se de tudo que constitue ou possa constituir tarefa ou prenda de mulher: arte pura ou arte applicada, pintura, aquarella, guache, modelagem, rendas, bordados, attributos para «toilette» ou enxovaes, etc.

Annexa á nossa redacção, a sala, destinada á exposição, é constantemente visitada pelas familias. Nem todas as senhoras que a visitam o fazem com interesse de adquirir os objectos ex-

postos, escolhendo-os nos mostruarios; muitas ha que o fazem por simples espirito de curiosidade, examinando as peças e observando, nas etiquetas, os preços de cada uma.

O apello que fazemos ás senhoras paulistas é que, tomando em consideração a bella iniciativa da nossa saudosa directora, toda vez que queiram passar algumas horas agradaveis e honestas no centro da cidade, se dirijam á redacção desta revista para ver os nossos mostruarios, onde, por certo, encontrarão muita coisa interessante, propria para uso domestico ou para ornato decorativo.

preciso advertir que a venda dos productos expostos não representa nenhum interesse commercial para a

administração da «Revista Feminina», mas sim e exclusivamente para as senhoras expositoras. A estas tambem renovamos o nosso apello, para que continuem a enviar-nos os seus trabalhos, concorrendo para enriquecer o stock, que, dia a dia, graças á numerosa clientella, se vê diminuido. As pessoas que nos enviam os seus trabalhos auferem lucros, tentadores ás vezes, conforme a sua cotação e valor, tornando tambem conhecidos os seus nomes para obter novas encomendas.

As aulas de pintura, costura, modelagem, arte applicada, etc., continuam a dar os mais auspiciosos resultados. Muitas das discipulas, dentre as primeiras que se inscreveram nessas aulas, figuram actualmente entre as nossas melhores expositoras, tendo apresentado trabalhos de notavel valor artistico, elogiados por quantos os examinaram e cotados por preços vantajosos.

Cada uma dessas especialidades está a cargo de professora de real competencia.

E' certo que muitas das nossas patricias, quer as da capital, quer as do interior ou de outros Estados, se dedicam, na intimidade do seu lar, a pequenas prendas domesticas, como bordados, peças para enxoval de creanças, fronhas rendadas e a outras mais de innegavel utilidade. E' certo tambem que essas prendas, para cuja execução houve dispendio de capital, de tempo e de paciencia, não são, as mais das vezes, destinadas ao commercio, senão a presentes. Ora, esse capital, esse tempo e essa paciencia seriam mais bem empregados se as gentis e intelligentes patricias enviassem as suas prendas para a nossa exposição de trabalho, com a respectiva indicação do preço. Nada lhes custa isso. Uma vez expostos os objectos á apreciação das familias que frequentam assiduamente a nossa sala de exposição, é facil, conforme o seu valor e utilidade, obter para elles o preço conveniente.

## EXPEDIENTE da Revista Feminina

(Fundada por VIRGILINA DE SOUZA SALLES)

Secretaria - AVELINA DE SOUZA SALLES

Redacção: Praça Antonio Prado

(Palacete Briccola) 2.º and. salas 1 - 3 e 5

Telephone n. 3661 - Central

Officinas: Rua Aurora 3 — S. PAULO

Correspondencia: Toda correspondencia sobre assumptos femininos, encomendas de trabalhos, etc., deve ser dirigida á secretaria AVELINA DE SOUZA SALLES. Toda correspondencia relativa á administração da Revista, pedidos de assignaturas, emissão de vales postaes etc., deve ser endereçada ao director JOÃO SALLES.

### ASSIGNATURAS:

ASSIGNATURA ANNUAL - 10\$000

Assignatura annual com registro - 15\$000

Assignatura para o estrangeiro  
20\$000

As assignaturas podem começar em qualquer mez, terminando um anno depois, no mez correspondente.

Toda senhora que nos arranjar 10 assignaturas de uma só vez, terá uma assignatura gratis.

AVISAMOS AS SENHORAS ASSIGNANTES CUJAS ASSIGNATURAS TERMINAM NESTE MEZ, QUE DEVEM MANDAR REFORMAR-AS QUANTO ANTES, EVITANDO ASSIM QUE LHEZ SEJA SUSPENSA A REMESSA DA REVISTA.

Precisamos de boas agentes em todas as localidades do Brasil.

# A's nossas patricias

Vimos confiar ás nossas leitoras, ás nossas dedicadas collaboradoras, ás nossas generosas cooperadoras, que do Norte ao Sul do Brasil empenham-se na propaganda de nossa revista, e ás senhoras brasileiras em geral, o grande triumpho que acabamos de obter para o jornalismo feminino no Brasil no 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas, que se reuniu em setembro proximo passado na Capital Federal.

Naquelle Congresso, que approximou representantes dos principais órgãos de publicidade de todos os Estados da Federação, teve pela primeira vez assento a mulher brasileira, representada pela sua imprensa, para a discussão de problemas sociaes de alta transcendencia.

Nenhuma de nossas leitoras, nenhuma senhora brasileira deixará por certo de comprehender a importancia deste facto para o nosso sexo, abrindo-nos o campo para o inicio de uma acção mais larga, mais efectiva, mais sensível no desenrolar de nossa evolução, cuja moral nos compete regenerar, chamando-a novamente ás crencas e ás tradições que fizeram a nobreza de nosso passado, e que dia a dia se dissolvem na impudencia e na depravação do opportunismo dos açambarcadores da politica nacional, dos progreiros fatidicos que, no balcão de seu egoismo, mercadejam com todas as paixões e galardaoando todos os vicios, ameaçando a integridade serena da virtude de nossos lares. Esposas mães, a attitude dinamica de acção que o evoluir de nossa sociedade nos impõe, não é um gesto revolucionario ou de mal entendido «suffragismo», no que este termo, aliás mal comprehendido, ganhou de expressão anarchica com os gestos desaproveáveis e, digamos mesmo, quasi ridiculos de algumas senhoras inglezas. Nós, brasileiras, sahimos a campo sabendo o que devemos, o que podemos, e o que queremos fazer. A unica vontade que nos anima e que constitue o nosso programma é melhorar as condições de nossa moral, é arrancar o caracter brasileiro do declive pelo qual elle rola, precipite, e no qual se arranham, se descarnam, se pueam as noções de pudor, de honestidade, de lealdade, de bravura cavalheiresca e de generosidade embelezadora, que formaram o substractum de nossa grandeza de antanho. Tudo isso representa um patrimonio que se não pode perder, e que nós mulheres, que em cada lar reunimos uma a todas as lembranças que nos ficam da vida affectiva, podemos, agora, abrindo as gavetas do passado, reconstituir com carinho com que reconstituimos as paginas da infancia de nossas filhas.

Para tanto era necessario que, saltando sobre preconceitos futeis e abusões anachronicas, uma de nós tivesse o primeiro gesto. Teve-o, abnegadamente, Virgínia de Souza Salles, fundando esta Revista, e assistindo-a durante os ultimos annos de sua vida, superior a todas as ironias, forte dentro de suas convicções, admiravel e magestosa dentro da belleza de seu ideal. O 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas acaba, agora, de consagrar o seu esforço, não somente convidando a mulher brasileira a tomar parte, por intermedio de sua imprensa, na discussão dos problemas sociaes que constituem seu programma, como ainda, approvando uma moção de applauso á *Revista Feminina*, e recommendando-a como modelo; e mais, ainda, inaugurando o retrato de nossa fundadora na galeria dos jornalistas mais notaveis do Brasil da *Associação de Imprensa do Rio de Janeiro*, ao lado de Quintino Bocayuva, Ferreira de Araujo, José do Patrocínio, Alcindo Guanabara e outros vultos de maior destaque em nossa imprensa, como verão ás nossas leitoras em outra de nossas paginas.

O 1.º Congresso de Jornalistas, representando o pensamento da maioria da imprensa brasileira, assegurou em seu parecer que «o momento é o mais propicio pa-

ra ser incorporado ás nossas leis, aos nossos regulamentos, aos nossos costumes, o principio de equalidade social, economica, civil e mesmo politica da mulher e na defesa de nossa integridade moral—que deverá ficar a cargo, principalmente, da imprensa, nenhum elemento se afigura melhor para auxiliar a consecução desse desideratum, do que o esforço, a dedicacão, a força de vontade de que é capaz a mulher, como já tem dado sobejas provas em todos os tempos.»

Esta victoria, de um alcance moral incalculavel, e que nos tem valido telegrammas e cartas de felicitação de todo o Brasil, não queremos que seja nossa, como não queremos que esta Revista seja nossa, como não podemos admitir que o ideal que nos anima não seja o ideal de cada uma de nossas patricias. Tudo quanto fazemos, tudo quanto obtemos pertence a todas nós, as senhoras brasileiras, porque nossa obra é uma e unica, de uma elevação e de uma belleza moral que só caracterisam as obras collectivas, em que se fundem e apparecem as personalidades para só viverem as idéas, e porque, principalmente, nossa iniciativa se vae desenvolvendo e consolidando pela carinhosa sympathia com que a tem cercado nossas cooperadoras, que se não fatigam de enviar-nos com a expressão de sua inteira solidariedade, novas e novas assignaturas. Para estas, accentuadamente, para estas operarias ainda mais nobres, mais dignas, mais elevadas porque são as operarias obscuras, que não pedem nem honras, nem publicidade, trabalhando na sombra o trabalho lento e paciente da formiga, é que nos voltamos com mais emoção neste momento em que a mulher brasileira pôde inscrever a sua primeira grande victoria social no Brasil.

Com ellas, com todas nossas collaboradoras, assignantes e amigas, congratulamo-nos neste momento por tão assignalado triumpho. Outras se succederão, levando-nos aos poucos á solução que se está hoje impondo a todas as nações civilizadas, que começam a admitir o concurso da mulher na direcção dos assumptos sociaes, desde a Inglaterra, povo rotineiro e essencialmente conservador, que não tem até hoje adoptado o systema metrico, já concedeu, no emtanto, o direito de voto politico ás mulheres..

Mais do que nunca, pois, todas nós, brasileiras, devemos agrupar-nos num gesto de absoluta solidariedade, e esta solidariedade deve mostrar-se mais precisamente ao lado da imprensa feminina militante, sem a qual nenhuma conquista é possível.

Um pequeno esforço de cada uma de nossas leitoras representará uma cellula mais para o grande organismo que estamos preparando, e um esforço tão pequeno que não importará numa despezza nem mesmo de energia. Pedimos, pois, a cada uma de nossas leitoras que commemorando o grande triumpho que acabamos de obter no 1.º Congresso de Jornalistas, enviemos uma nova assignatura angariada entre suas amigas. Os nomes das nossas leitoras que attenderem ao nosso apello serão publicados no nosso proximo numero, para que fiquem inscriptos na historia do feminismo brasileiro, que dentro em breve, mostrará ás nações irmanas que sua pujança não é menor, seu espirito combativo não é menos intenso, e que seu civismo, animado de uma alta e perfeita moral, não é nem menos accessivel, nem menos devotado do que o de suas irmanas, que nesta hora tormentosa para a humanidade, dão á melhor de suas energias a cada uma de suas patrias, substituindo o homem em todos os misteres do commercio, da industria e da intelligencia.

R direcção.

# Sugestões da Musica



O concerto ia começar. Eram cinco os executantes: um pianista, um latagão de compleição de atleta de feira, com os olhos tão á flor do rosto que dir-se-ia estarem espiando um descuido do dono para desertar das prisões orbitárias; um violoncello por cujas cordas tensas errava, distrahida, a mão do musico, typo tão magro que parecia oferecer a caveira para estudos de osteologia, calvo como um joelho e de barbichas duras como cerdas de escova; dois violinos, que, a dar-se credito ao que diziam as noticias, prometiam prodigios de sonoridade e de gymnastica de arco, e um contra-baixo, de cordas grossas como cordoalhas de navio, que pareciam apenas roçar o cavalete, tão frouxas estavam. O piano permanecia aberto, com o seu riso immovel de dentes brancos.

O theatro começava a encher-se. Certas vozes, que se ateavam, mal destacavam no sussurro dos cochichos discretos e no rumor surdo dos passos, que se abafavam.

O publico, gosando o deslumbramento das luzes, que fulguravam nas ampoulas de vidro aperolado, interessado em ver o decote das damas e os braços que pendiam do rebordo dos camarotes, nem dava conta de que estava tardando o inicio do programma, e, pelos modos, tinha ares de não se interessar pelo concerto.

Alguns «habitúes» retardados iam occupando as suas localidades com uma lentidão preguiçosa, arrastada, quasi irritante. Os que já estavam installados davam mostra de cansaço, mal disfarçando o bocejo que lhes trazia agua aos olhos; e os que entravam, paravam, ás vezes, a meio caminho, olhando para os lados, como á cata de caras conhecidas. Alguns, apinhados nas frías, conversavam em voz baixa, alheios ao ambiente. Os retardados, na platéa, para attingir, através de mil obstaculos, as suas poltronas, roçavam o joelho das senhoras, que lhes lançavam soslaio aborrecidos ou ameaçadores.

Um acorde bravo ferido sobre o teclado fez convergir, de subito, a attenção do publico para o grupo dos musicos. Os retardatarios, na ancia de occupar os seus postos, avançavam, desequilibrando-se, causando um rumor imprevisito, que afogou os primeiros compassos da musica.

Oliverio Monteiro, que tinha permanecido de pé, de costas para o palco, como só soem fazer os audaciosos e os «habitúes» de salões de concerto, apressou-se em occupar o seu posto na primeira fila de poltronas.

Oliverio era um lindo moço. Elegante e distincto. Distincto sem ser altanciro, elegante sem preocupação de elegancia. Os seus olhos azues, de um azul pallido, com reflexos metallicos, exprimiam alternativamente a crueldade e a ternura. Seus labios, que não riam, pareciam conservar nas commissuras os vestigios de um sorriso ironico. Era fervoroso pela musica, e se o convidassem a ser franco e veraz, diria, decerto, que, afóra a musica, todas as demais artes o deixavam frio e indifferente. E assim era. Os desportos, em que era exímio, os livros, que lia constantemente para enriquecer o seu espirito, as viagens, tudo isso era para elle secundario. O que o abalava, o exaltava, lhe povoava a imaginação era a musica. A musica distrahia-o das suas preocupações, alliviava-o das suas tristezas, suggerindo-lhe consolos e allivios que não podia dispensar. Na trama da sua vida sentimental as recordações andavam enlaçadas ás emoções musicaes.

Assim como em certos individuos um perfume evoca a visão de uma mulher, ou um semblante entrevisto ao passar aviva a recordação de um sítio, uma sonata de Beethoven, uma balada de Schumann ou uma symphonia de Mozart despertavam em Oliverio toda uma série de lembranças, ora alegres, ora tristes. Sua memoria auditiva era tão aguda, como exaggerada era a sua curteza visual.

O primeiro numero do programma, uma partitura de Haydn, predispoz-lhe o animo para o recolhimento. Era uma musica quasi religiosa, com vagas e sonhadoras intercedencias, uma musica que evocava em seu espirito a visão chimerica de um amor inattiguido. Imaginava haver amado em outro tempo uma menina, toda innocencia e candura, e que, transcorridos os annos, desilludido e errante, voltava, cheio da nostalgia, daquelle amor, livre ou arrastado pela suggestão dos acordes, corria atraz de aventuras imaginarias, que o libertavam, por instantes, da escravidão da vida.

A symphonia 13.a de Schumann, toda languidez e ternura, imprimiu aos seus pensamentos outra direcção. Via um campo, no socego das horas matinaes; aqui, um casario entre arvoretas, illuminado de sol; além, um riachosinho de curso mauso e preguiçoso, e mais além, descendo a encosta do morro, uma rapariga, ruiva e branca como a Dorothea de Goethe, a gular, com o cajado em punho, as ovelhinhas travessas. A musica de Mendelssohn, que se lhe atolhava incolor, pobre de idéas e suggestões, seguiu-se a *Apassionata*, de Beethoven, obra-prima, de imperecedora recordação.

Beethoven? Aos olhos de Oliverio estava numa categoria quasi divina. Era o seu confidente, o explorador da sua alma, o que o ajudava a viver, a querer, a amar, a soffrer e esquecer. Toda a sua vida espiritual estava subordinada á inspiração do musico. Em suas symphonias encontrava os complexos matizes da sua alma, suas indecisas transformações sentimentaes, o deliquio da ternura, a paixão, o odio, a inquietação, o canção, a dôr, o consolo... Beethoven? Ninguém se lhe aventajava em profundidade lyrica. As almas solitarias, as almas rebeldes que emigram para o paiz do sonho, com asco das realidades chatas que as rodeiam, não encontram, para essas ancias de libertação, outro interprete como Beethoven. Só elle, o mago demente, é que o soccorria nas horas atribuladas e lhe vertia sobre as feridas moraes, tão dolorosas, o balsamo consolador distillado em forma de rythmos.

Oliverio escutava, subjugado, o segundo tempo da sonata, aquelle andante que se não pôde ouvir sem que se sintam os nervos abalados. Na unção, quasi religiosa, com que attendia á voz plangente dos instrumentos juntavam-se dois estímulos: o da musica soberana e a recordação de uma mulher.

Ella tambem gostava desta sonata, pensava elle. Beethoven era tambem para ella, como para elle, um idolo.

Uma vaga de melancolia envolveu-o todo. Começou a vel-a na imaginação, formosa nas suas linhas mas aspera no seu gesto, esquivando-se ás suas desculpas, emquanto elle implorava o perdão de uma falta involuntaria. Porque se acabou «aquillo»? Como foi que «aquillo» se acabou? Elle amava-a com uma ternura quasi febril, á força de intensa; poz naquelle amor a fé que se desviava das coisas santas e eternas, associando-se á sua alma e acreditando alcançar as venturas immerdouras...

; E agora? Porque deixou de amar? Uma rimas de Camoamor, o poeta suave, entraram a cantar-lhe aos ouvidos:

«Passa o vento arrebatado,  
Que junta dois corações;  
Mas depois

Sopra o desamor gelado,  
Tornando logo importuno  
Um dos dois.»

Oliverio Monteiro, em sua poltrona, permanecia de cabeça baixa. Parecia dormir ou sonhar. Sua alma voava, arrebatada, envolvida num manto de recordações felizes, isolando-se das horas passadas, como se a sua vida se regesse por um meridiano imaginario. O processo usual para se computar o tempo agurava-se-lhe irrisorio e caprichoso. Cuidava-se na plenitude do amor e da felicidade, numa época muito remota da sua existencia, num passado que recuava ou num futuro que se alia. Entre aquelle passado e aquelle futuro medeava o momento presente, cheio de venturas inacessiveis.

O acaso, ou, porventura, um impulso que o devaneio lhe deu aos olhos, obrigou-o a levantar a cabeça. Passeou os olhos vagos por aquelle leito de damas decotadas, que pareciam servir de ornato ao rebordo de velludo dos camarotes. O acaso fez-lhe demorar os olhos numa dama, que occupava a segunda ordem de camarotes. Era um rosto conhecido e familiar. Era uma mulher que o solicitava com o olhar, que o chamava com vivas instancias, convidando-o para um inquebrantavel armistício de paz e amor.

«Tambem sonhei como tu», pareciam dizer aquelles olhos divinos, ou, então: «Pensei tambem, como tu, na resurreição do nosso amor».

Oliverio não pensou em mais nada. Levantou-se da poltrona, cujo assento, alliviado do seu peso, se fêchou de estalo, e, antes que a orchestra terminasse uma fuga de Bach, correu, gaigou as escadas e chegou ao camarote, um pouco pallido de fadiga e emoção. Ella, de pé, pallida tambem e com o collo arqueando de susto, esperava-o atraz do reposteiro de torçopelo...

E ninguem, em todo o theatro, suspeitou que uma simples symphonia de Beethoven tivesse a virtude de reconciliar aquelles dois corações onde o amor tinha gelado...



# Manifestações de pezar

Continuam a ser dirigidas ao nosso director cartas e participações de pezar pela morte da nossa querida e nunca esquecida companheira de trabalho, D. Virgínia de Souza Salles. A acção da saudosa e valorosa patriota na obra da regeneração do caracter da mulher em nossa terra, não será, por certo, olvidado, não pelos resultados actuaes, que ainda se não fizeram sentir, mas futuramente, quando a sua obra for profundamente comprehendida. O programma que ella traçou, em que está compendiado, numa synthese magnifica, tudo quanto deve concorrer para o engrandecimento da mulher, para o seu prestigio no mundo, na sociedade e no lar, para o advento dessa nova era em que a mulher, compenetrada dos seus altos destinos, se libertará de muitos laços que a escravizam e se corrigirá de muitos defeitos que a afeiam e lhe diminuem o valor, esse programma, que era o della, continúa a ser o nosso. Desapparecida a excelsa senhora, continuamos nós, inspirados pelo mesmo ideal, a levar por deante a sua obra, já hoje impercível.

A exemplo do que temos feito em nossos numeros anteriores, seja-nos permittido transcrever ainda algumas manifestações de pezar que nos tem sido dirigidas.

Em Olinda, 27 de Agosto de 1918.

*Presado e illustre sr. João Salles.*

Sómente agora, de regresso de uma viagem feita ao interior do Estado, soube, pelos ultimos exemplares da «Revista Feminina», do doloroso fallecimento de sua bem amada esposa, esse espirito rutilo que com a sua immensa intelligencia e a sua magnifica lição de mulher fundou e orientou tão brilhantemente essa Revista, que é bem um triumpho do feminismo brasileiro, e quando escrevo «feminismo», sabe o amigo que me não refiro ao que deseja fazer das mulheres um ridiculo arremedo masculino, mas, sim, áquelle defendido pela inequívoca D. Virgínia: o que alterna, nas mãos femininas a penna e a agulha...

Queira o distincto amigo receber o meu abraço de sentimentos pela desdita que o fere tão cruentamente.

Amigo atto.

Mario Sette.

*A' brilhante redacção da «Revista Feminina».*

Antonietta Ibiapina, significa, com os mais expressivos sentimentos de pezar, toda a tristeza de que se acha possuida pelo desapparecimento desse tudo illuminado, espirito avançado e progressista, que vinha quando o orgão defensor dos interesses do feminismo pacifico e benemerito — dessa saudosa Virgínia de Souza Salles.

Manãos, 2—8—1918.

Fortaleza, 9 de Agosto de 1918.

*Illmo. Sr. João Salles, dd. Director da «Revista Feminina».*

Apezar de não ter a subida honra de vos conhecer, faço-vos esta, cujo fim é tratar de um assumpto que vos toca muito de perto, como seja o recente e prematuro desapparecimento da inclita e saudosa fundadora da revista, ora por vos dirigida...

Velho assignante da «Revista Feminina», não podia como todo mundo não pode, deixar de sentir profundamente a morte de dona Virgínia, por quem sempre tive a admiração mais sincera, e cujo GRANDE SONHO sempre tinha vindo «pari-passu» acompanhando.

Melhor que ninguem, sabeis qual era este seu sonho: — o da fundação de uma revista em que se projectassem os raios das mais fulgurantes intellectualidades femininas da nossa querida Patria. Chrgou dona Virgínia a realizar esta sua aspiração, tão elevada e tão digna?

Sim, e da maneira a mais cabal, pois a «Revista Feminina», (perdoae-me o bairrismo), é a melhor do mundo.

Peço-vos não vejas nisto um exaggero germanico, quando grava nos seus fabricos: DAS BEST IN DES FELT.

Não vae nesta minha affirmação parcella alguma do classico exaggero allemão: é que, quando tal categoricamente affirmei, levei tambem em conta a moralidade tradicional da «Revista», a selecção dos seus collaboradores e a delicadeza e o primor da sua feição verdadeiramente artistica.

Dona Virgínia, ao morrer, devia levar consigo um supremo consolo: o da certeza da realisação deste seu GRANDE SONHO.

E do outro mundo, (do Céu, certamente), velará pela «Revista» com o mesmo affecto e com o mesmo maternal e religioso carinho com que velará pelos pobres orphanos do seu amor e dos seus affagos, pois a «Revista», a que tambem deu o primeiro sôpo de vida, bem pôde se enfileirar ao lado dos inconsolaveis reventos da sua alma de ecócl.

E eu, conhecedor da nobre missão que nesta vida teve dona Virgínia, sabedor do importantissimo papel que teve no mundo das nossas letras, não podia silenciar, no «Gremio Literario Cearense» de que tou humilde socio, o seu passamento, tão sentido pelo Brasil inteiro.

Assim sendo, propuz que se inserisse, na acta da sua sessão de domingo p. passado, (4 de Agosto), um voto de pezar pela morte de dona Virgínia, voto este que foi unanimemente approved e que foi acompanhado da delegação do «Gremio»: á minha pessoa, para, por meu intermedio, vos scientificar de tal, e de que o «Gremio Literario Cearense» tambem se irmana convosco e com a sociedade brasileira em peso, na grande dôr por que ora vinde de passar.

E' por isto que ousou fazer-vos estas linhas, acompanhadas de dois jornaes de Fortaleza, nos quaes vereis que tambem sentimos, sinceramente, o desapparecimento da sempre saudosa e querida fundadora da melhor Revista Feminina do Mundo.

Com os meus votos de respeitoza estima,

O C. o. e Amigo Certo:

Gilberto Camara.

Castro Alves, 16—7—1918.

*Illmo. Sr. João Salles.*

Saudações.

A presente tem por fim avisar-vos que remetto hoje por carta registrada com valor, a importancia de 10\$000 para a renovação da minha assignatura da «Revista Feminina» que termina neste mez.

Muito grande é a nossa dôr pelo fallecimento de D. Virgínia, quero crêr que não virá o desanimo da vossa parte, para que não vejamos enfraquecer tão bella missão que é a de proporcionar-nos uma leitura agradável e proveitosa como a da «Revista Feminina». Espero que continueis a remetter-me a Revista sem interrupção. Subscrevo-me agradecida e fervorosa admiradora.

Pitella Figueiredo.

Grão Mogol, E. de Minas, 10 de Agosto de 1918.

*Illmo. Sr. João Salles — S. Paulo.*

Meus respeitosos cumprimentos.

Depois de dous mezes de ausencia desta cidade, fui, no meu regresso, ha 3 dias, dolorosamente surpreendida com a infausta nova do passamento da excellentre directora e fundadora da «Revista Feminina», de que tou assignante ha menos de um anno. Durante este pouco tempo, tenho admirado a sublime fundadora da nossa Revista, não somente pelo talento e clareza de vistas de que a descobri logo possuidora; mas tambem e principalmente, pela coragem e energia com que se houve para fundar e dar vida a uma tal Revista, num meio como o nosso, onde todos os prejuizos e preconceitos se tem unido sempre para abafar, muito antes de nascerem, as mais justas e santas espirações femininas.

Nunca acreditei que a manifestação da emancipação da mulher devesse dar-se pelo direito do voto. Acho, ao contrario, essa idéa tão prejudicial e absurda, que prefiro a ella a nossa actual escravidão. De facto, a mulher, hoje, com a pessima educação civica e moral que temos, accorrendo ás urnas, teriamos o fim do mundo, o caos, o juizo final. Na humidade da minha reconhecida ignorancia, sonhei sempre a mulher liberta pela mulher. Era um sonho, ou quasi sem esperanza; mas sonho, apesar de tudo. Os homens, os que nos julghem inaptos, ou porque considerem o nosso esclarecimento como uma perigosa invasão aos seus dominios, ou finalmente porque, occupadas em outros assumptos, não possam dispensar ao nosso sexo um pouco de trabalho e estudo, pouco têm feito em nosso beneficio, relativamente ao que podiam ter feito. Em todo o caso, damos muitas graças a Deus e a elles: já somos pessoas e não cozas...

O certo, porém, é que a educação da brasileira, salvas honrosas exceptas, ou é completamente nulla, ou inteiramente nociva. Ou deixam-na inteiramente á lei da natureza, sem o mais rudimentar conhecimento do que seja a vida e seus deveres; ou prejudicam-na com uma educação de espietividade de saltes, onde se mostram eximias na arte de jogar epigrammas e phrases arresvadas, ou de dançar, cantar, etc., etc., sem um momento sequer para lembrarem dos sagrados deveres que têm a cumprir e da divina missão regeneradora a que Deus a destina!

Tudo o que de grandioso ella não e não faz, tudo o que de bom ella é capaz, eu rumino ha annos, no meu canto obscuro de humilde e descrente dos aperfeiçoamentos a custa de cobres. A degenerencia dos homens, tendo como consequencia a dos governos, pelo desaparecimento quasi total de mulheres de antiga fibra, que se preocupavam mais com a honra, valor e dignidade da sua familia do que com os estojos de pés e cosmetics, é um facto. E o engrandecimento moral e material do homem pela formação dos seus costumes, do seu caracter e de suas crenças e virtudes pelas miés esclarecidas; a fecundissima acção da mulher amorosa, previdente, carinhosa e ao mesmo tempo enérgica e severa na formação do homem de amanhã, que por seu turno melhorará a condição da mulher futura, protegendo-a e amando-a melhor; o aperfeiçoamento do homem que será então amoroso, equitativo, cordato, mais rijo no cumprimento dos seus deveres civicos e particulares; e como uma consequencia fatal, a Nação, grande e forte, justa e amada, patria feliz de filhos felizes e heroicos, tudo isso, todo esse bello sonho tem-me acalentado a mente, porém como um sonho, só um sonho! E eis que me surge elle estampado, acariciado, protegido e amparado por um espirito forte e bemlazejo, que, ancoando em si a precisa energia, entia, corajoso e firme, em luta contra todos os obstaculos, apontando ao seu sexo o caminho a seguir na vida. Os fracos, os vencidos como eu, ao encontrarem um só assim, são tomados de espanto a principio, de um sentimento de adoração depois. Foi o que a mim me succedeu a respeito de d. Virgínia. Admirei-a e amei-a por tudo de raro e de grandioso que o seu coração guardava. Segui-a no meu canto obscuro, sem dar signal de vida, como perdido viajor que segue a estrella que o deve levar a porto seguro. E a morte impiedosa vem roubar-nos o seu amor, justamente agora que tão precisa nos é a sua coragem! Consola-nos tanto quanto possível, a certeza de que sua sublime obra progredirá até atingir o fim que a saudosa senhora tinha em mente chegar. Sim! É preciso que a sua lembrança, viva e lucida em nossos corações, nos impulsione á união e á lucta a que com tanta coragem e abnegação se votou.

Ainda que um pouco tarde, venho trazer-vos e á redacção da «Revista Feminina», os meus sentimentos de profundo pesar pelo gozo tremendo que nos feriu a todos, e a certeza de que, na medida de minhas fraquissimas forças, tudo farei para o engrandecimento da nossa querida Revista, que deve ser sempre a affirmacão viva do entranhado amor da querida morta ao sexo fraco.

Gom muita estima e alta consideração sou

De V. S. criada e admiradora sincera.

Guimar Lellis da Silva.

\*\*\*

São João Mirim, 7 de Julho de 1918.

Illmo. Sr. João Salles.

Amigo e Sr.

Junto a esta a quantia de dez mil réis, (10\$000) para pagamento de nossa assignatura da «Revista» correspondente ao corrente anno; pagamento este, demorado por um descuido nosso.

Aproveito a oportunidade para dirigir a V. S. os protestos do nosso muito sincero pesar, pelo infausto pagamento de vossa ex-celta Esposa, que tão sabiamente dirigia a «Revista Feminina» que honra e demonstra a cultura da mulher Brasileira.

Respeitosos cumprimentos

*Líbido Pereira Vianna.*

### Gremio Literário Cearense

Na ultima sessão do «Gremio» discursaram successivamente: Hildeberto Ramos que leu no «Jornal de Ithéus» um artigo de Raul Bueijo sobre o «Gremio» e pediu inserção na acta de um voto de congratulações pelo jubileu literario de Ruy Barbosa; Silva Thé que tratou de assumpto administrativo; Euclides Cesar que disse um conto de sua lavra a tratou da guerra européa; Gilberto Camara que propoz um voto de pesar pelo fallecimento de d. Virgínia de Souza Salles; e Aristobulo de Castro que discorreu sobre assumpto gremial.

Foram approvados os votos propostos por Hildeberto Ramos e Gilberto Camara.

(Noticia inserta no «Correio do Ceará», de Fortaleza, Numero de 10 de Agosto)

### Gremio Litterario Cearense

Foi uma das mais animadas, a ultima sessão do «Gremio».

Usaram successivamente da palavra: Euclides Cesar que saudou os visitantes Fernão Motta, Carlyle Martins e o poeta De Saboya leu um conto de sua lavra intitulado «Uma Tragedia Curiosa»; Hildeberto Ramos que leu um artigo publicado na imprensa bahiana em que são tecidos vivos elogios ao Ceará intellectual, pomenoriando o «Gremio Literario Cearense».

Foi tomada em consideração a candidatura do sr. Alcebades Mattos. A' ordem do dia ainda usaram da palavra: Gilberto Camara que requereu um voto de pesar pelo fallecimento da escriptora patricia d. Virgínia Salles, lendo versos de Eugenio de Castro e d. Gilka Machado; Euclides Cesar que atacou de relance o problema internacional applaudindo o projecto do deputado Nicanor do Nascimento que regula o mobilisação dos estrangeiros residentes no Brasil; Sabino Thé e Wulmar Borges que borboletearam sobre themas e Aristobulo de Castro que dissertou sobre assumpto de ordem administrativa.

Para a proxima sessão: discurso de Eurico Pinto e conferencia mensal de Assis Moura e trabalho literario de Estradas de Oliveira.

(Noticia inserta no «Jornal Pequeno», de Fortaleza, Ceará, Numero de 5 de Agosto).

Santos, 3 de Julho de 1918.

A' Revista Feminina -- S. Paulo.

Presados Srs.

Em primeiro, devo apresentar á essa revista os meus votos de pesar, pelo passamento da illustre directora.

Devo tambem levar ao vosto conhecimento que não recebi o numero do mez passado e rogo enviarem todos os esforços, no sentido de não ser prejudicada com a falta do referido jornal. Espero pois, receber o mais breve possivel.

Sem mais, sou com estima.

De V. a S. a  
Rosa Moreira

### «Revista Feminina»

Edita-se na capital a popular «Revista Feminina», da saudosa d. Virgínia de Souza Salles. E' o jornal mais conhecido entre as senhoras e o mais apreciado do bello sexo.

O exemplar que temos á mesa de trabalho, n. 48, V anno, está repleto de interessante e util collaboração, além da parte affecta á redacção, a qual não poupa esforços para que as suas leitoras de todo e por tudo fiquem satisfeitas ao lerem a «Revista».

Muitos e variados trabalhos de agulha ornou o n. 48 da «Revista» e como este todos apparecem á venda, chamos de finas leituras. A assignatura annual custa 10\$000, apenas, o que quer dizer que é de graga tão util publicação.

(Do «O Mensageiro», de Mineiros, Estado de S. Paulo, Numero de 1 de Setembro).

Ilmo. Sr. João Salles.

Respeito: as saudações,

Desejando colleccionar as revistas de minha assignatura, vejo, com pesar que me falta o numero de janeiro do corrente anno, crendo ser possível adquiri-lo, preço remetter-m'o.

Certa de que serei obsequiada, me assigno com consideração e grata. Antes de assim fazer porém, permitti que vos apresente sinceros pezaros pelo desaparelhamento de vossa idolatrada esposa e da vossa illustre.

Adelaide Monteiro.

Usina Santo Ignacio, Cabo, E. F. S. Francisco—Pernambuco.

A' *sympathica e illustrada* «Revista Feminina».

Maria Eça Menezes envia sinceras condolencias pelo passamento de sua saudosa e pranteada directora — D. Virgínia Salles.

Jequié, 3 de Julio de 1918.

Santa Luzia, 16—8—1918.

Exma. Directora da «Revista Feminina».

Leido o n. de Junho li o fatal fallecimento de D. Virgínia. Foi para mim uma surpresa o seu prematuro fallecimento! por tão grande p'rida que tivemos, envio sinceramente a «Revista Feminina», os meus sentidissimos pesames, igualmente ao seu distincto esposo Sr. João Salles. O nome d'ella não foi só a honra da familia como para a mulher brasileira.

De V. Exa. etc.

Getrudes Gloria Nobrega.

#### IN MEMORIAM

D. Virgínia de Souza Salles

Bemaventurados os que morrem no Senhor

Com verdadeiro pesar registamos o infausito acontecimento da morte da exma. sra. d. Virgínia Salles, dedicada vice-presidente da Associação das Damas de Caridade de S. Vicente de Paulo, desta cidade.

Esposa e mãe soube sempre repartir a sua grande actividade pelos multiplos deveres do seu estado e pelas obras de Deus e dos pobres.

O seu perfil de mulher e de christã vê-se claramente neste trecho dum bello artigo da lavra do nosso director, publicado na «Revista Feminina», o qual pedimos licença para transcrever:

«Com D. Virgínia, felizmente, podemos dizer que bemaventurada foi a sua morte: viveu ella sempre illuminada pela fé, sustentada pela mais indeclinavel esperanza, confortada pela pratica constante de seus deveres religiosos, domesticos e sociaes.

Conheci-a na infancia dentro do lar paterno, santuario que foi sempre zelador de todas as virtudes christãs.

Tive-a, em sua desabrochada adolescencia, como cooperadora, em varias iniciativas da vida social-catholica, nesta capital.

Caçou-se com aquelle que hoje supporta as agruras da sua viuvez. Sem embargo da multiplicação dos seus affazeres de desvelada esposa e mãe, nem por isso abandonou essa corporação. Si, devido ao novo theatro da sua actividade, ao lado do «seu marido e meu amigo sr. João Salles, se fez precisa a sua actividade, principalmente depois de fundada por ambos a «Revista Feminina», conservou-se sempre no posto que lhe confiei de vice-presidente da Associação das Damas de Caridade. Ainda solteira desempenhou-se do cargo de secretaria do Conselho do Apostolado da Oração, que teve de deixar em vista das occupações da sua nova situação de directora da alludida «Revista». Em espirito, porém, esteve sempre unida ás obras, a que se entregára na mocidade.»

(Da magnifica revista catholica «Vozes do Carmelo», n. de 25 de Agosto de 1918)

«Revista Feminina»

Nós somos dos que acreditam na affirmação intellectual da mulher, tanto elle se adapta aos fins cerebraes e da vida superior. As provanças scientificas que limitam as luzes da intelligencia feminina são debéis para o effeito pratico, porque os exemplos de fulgur estão bem accozos.

No Brasil, temos Julia Lopes, Rita Malheiros, Gilka Machado e innumeradas outras, entre as quaes Carmen Dolores e Virgínia de Souza Salles têm lugar especial.

Essas são verdadeiras capacidades, e outras ha que se vêm affirmando maravilhosamente grandes pelo pensamento.

Isso é lembrança que dá serios incentivos á mocidade feminina de Sergipe que menos cuida da intelligencia, muito se ajuntando em momices exteriores, dando-se, porém, distincções meritorias, mais nas artes que nas letras.

A leitura sadia pouco romantica e melhor nos seus alicerces moraes, é o caminho precelesco para tão sublime alcançe.

Lêrem, os espiritos femininos, priscos mestres, da pólpia de Machado de Assis, — o diaphano ironista da belleza e da vida, como Coelho Netto, e, se quizerem estrangeiros, Victor Hugo, Mantegazza e Julio Dantas, e autores que taes, é o mais sagrado empenho que podem animar, mesmo que busquem em outras fontes as leis divinas da sagração do lar, que é a perfeição da familia, e, por consequente, da sociedade.

Emílio Faquet, na *Arte de ler*, obra de orientação magnifica, considera a leitura como a extrema virtude humana; e, assim, as mulheres, dadas as injustas e proverbias õas que se lhes jogam, quanto ao espirito, têm necessidade precipua de lêr muito e muita coisa supina.

Sairam-nos essas letras assim, ao léu da penna, com a exaltação que sempre temos ao ler a «Revista Feminina», seminario illustrado e de valor insuprível nas letras brasileiras.

As ideas que planta, os principios que estabeleceu e aos quaes obedece, e, sobretudo, a pureza da sua construcção intellectual e moral, têm significação rara.

E' uma revista que deve entrar em todo o lar que se illustra nas razões da vida superior.

As virgens, pudicas e perspicientes, encontram moldes de pensamento e bondades praticas que elevam e purificam.

Pesar da morte, atroz e dilacerante da sua directora, a sempre lembrada e illustre patrona D. Virgínia de Souza Salles, a «Revista Feminina» é o casulo bemdito das perfeições femininas, é um sacratio de pérolas soltas e radiosas.

No seu ultimo exemplar, que vem ainda colheito de notas de lucto, em sentimento ao doloroso passamento da inesquecivel senhora paulista que realizou, com a revista referida, tantos prodigios a abnegações, a «Revista Feminina» traz paginas de verdadeiras concepções de sentimento sincero á memoria de D. Virgínia Salles, onde tambem se vê, com uma carta real e de coração, um soneto indito do nosso companheiro Pêreles Barrêto o qual passamos a transcrever:

“D. VIRGÍLIA DE SOUZA SALLES

(A' SUA LAPIDE)

Nobre cabeça, pensamento forte,

Descansa neste Além que ninguém sonda;

Dorme no leito sepulchral da morte,

Feito de cal e areia, de onda em onda...

Teu nome viverá de sul ao norte,

— Pois que não ha quem no Brasil o esconda,

E sobe a gloria, que plantaste forte,

A geração te evoca em sacra ronda.

Pensando — fôrte Luz, no lar — D'itude,

Nas tuas obras tudo esplandecia

Como esboço da tua excelstude.

Fica, pois, neste marmore deterso,

Como lembrança perennal sombria,

Essa perenne sombra do meu Verso.

Sergipe.

Munis Barrêto.

De outros homens da leiras de S. Paulo tambem são publicados os votos de maqua, pelo que se avalia muito do valor em que era havida no Brasil a fundadora da revista que tantas aureolas tem alcançado merecidamente.

Que as sergipanas votem-se á leitura de tal orgão é o que estimamos, porque elle merece, tem valores imaginarios em tudo que proclama, pela sua moral e pela sua litteratura evangelizadas por espiritos cristallinos e sagrados.

Esse nosso comelho é muito sincero, e, sem nenhuma vaidade, achamos que merece ser seguido pelas nostas patricias que estudam e que lêem.

(Do «Diario da Manhã», de Aracajú,  
Sergipe, numero de 27 de Agosto).

# A REVISTA FEMININA?

N.º 10

## I Congresso Brasileiro de Jornalistas

— A nossa *Revista* mereceu uma moção de applausos do I Congresso Brasileiro de Jornalistas, reunido no Rio de Janeiro. A Associação de Imprensa do Rio de Janeiro collocou o retrato de sua fundadora no salão de honra, na galeria dos grandes jornalistas brasileiros.

Reuniu-se no mez passado no Rio de Janeiro o I Congresso de Jornalistas Brasileiros, promovido pela Associação de Imprensa daquelle Capital, sob a presidencia do senador federal conde dr. Fernando Mendes de Almeida, director do *Jornal do Brasil*.

A nossa *Revista*, accedendo ao convite que lhe foi dirigido pelo brilhante jornalista João Mello, director da Associação de Imprensa do Rio, compareceu aquelle congresso no qual se reuniam jornalistas de todo o Brasil, apresentando uma memoria sobre a «Imprensa Feminina no Brasil», memoria que damos abaixo, e que foi approvada unanimemente, tendo o Congresso votado uma moção de applausos á nossa iniciativa. Foi incumbido de relatar a nossa memoria o dr. Cleantônio Jiquiriçá, da *Collecção e do Rio-Jornal*, cujo retrato honra hoje as nossas paginas. O dr. Cleantônio Jiquiriçá é um formoso espirito, servido por uma vasta illustração. Seu parecer, que damos abaixo, é grato a todas as mulheres brasileiras. Espirito superior, emancipado dos preconceitos da rotina, avigador no estudo da unica philosophia compativel com o genio de novo seculo, que é o que se enraiza no analyse da evolução natural da humanidade, o dr. Cleantônio Jiquiriçá enfileira-se decididamente ao lado dos grandes pensadores mundiaes que se vêm batendo pela egualdade civil dos sexos. Seu feminismo, como o que sempre foi apregoado nestas columnas, não é o feminismo revolucionario e anarchico que pretende subverter as nações de ordem em que se equilibram as sociedades, «masculinizando» a mulher.

Elle pensa, como nós pensamos, que a mulher deve continuar a ser a dona affectiva de seular; reclama, apenas, para a heroica collaboradora do homem, um papel que não seja o de escravização physica e psychica; reclama, apenas, que se lhe dê o direito de pensar e que lhe não negue o direito de concorrer mais directamente para o aperfeiçoamento social, fonte primeira como elle o é da moral.

E', pois, para nós motivo de justificado orgulho o seu parecer, que foi adoptado unanimemente pela 5.ª commissão do Congresso, composta dos seguintes jornalistas: Presidente, senador dr. João Lyra Tavares; secretario, dr. Alcibiades Delamare; relatores: José N. Daher, Augusto Sá, Luiz Guimarães Filho, dr. Sampaio Ferraz, Leopoldo T. Leite Filho, Mozart Monteiro, Thomé Reis, Paulo Pereira, Diniz Junior, Porto da Silveira, Armando Vidal, Cleantônio Jiquiriçá, Paulo Hasslocher, Dionysio Silveira, Basilio de Magalhães, Casper Libero e João A. Pereira Rego.

### Uma grande homenagem a Virgílima de Souza Salles

No dia 16 de setembro, ás 5 horas da tarde, os trabalhos do I Congresso Brasileiro de Jornalistas foram momentaneamente interrompidos para que se realizasse a solemnidade da inauguração dos retratos de Alcindo Guanabara e de nossa saudosa fundadora, Virgílima de Souza Salles, na galeria de jornalistas notaveis do Brasil, installada no salão de honra da Associação de Imprensa do Rio de Janeiro.

Naquelle galeria figuram os retratos de Evaristo da Veiga, Ferreira de Araujo, Quintino Bocayuva (inaugurados ha tres annos, com um discurso de Alcindo Guanabara) Hippolito José da Costa (inaugurado ha dois annos, com um discurso de João Mello, actual presidente da Associação) e João Francisco Lisboa (inaugurado ha

um anno, com um discurso do senador conde de Fernando Mendes). Nella vemos, agora, figurar com grande justiça o retrato de Virgílima de Souza Salles que foi a maior jornalista feminina militante, não só do Brasil, como de toda a America do Sul.

O salão nobre da Associação de Imprensa encheu-se para aquella solemnidade não somente dos jornalistas de todo o Brasil, como de muitos homens de letras e de admiradores dos homenageados.

Foi em primeiro logar inaugurado o retrato de Alcindo Guanabara, o grande jornalista e politico, senador da Republica, cujo elogio foi feito em bello discurso pelo dr. Paussilippo da Fonseca.

Em seguida foi inaugurado o retrato de Virgílima de Souza Salles. Seu elogio foi feito em nome da Associação de Imprensa pelo dr. Cleantônio Jiquiriçá, cujo discurso damos a seguir, tendo sido coroado por uma salva estrepitosa de palmas em que toda a sala vibrou deante de sua eloquencia sobria e equilibrada de pensador.

Teve a palavra em seguida o nosso estimado collaborador dr. Arthur de Cerqueira Mendes, que nos pehorou com sua ida ao Rio por delegação de nossas redactoras e collaboradoras, e por um grupo de intellectuaes paulistas, para dizer de nossa saudade e de nossa admiração pela grande brasileira.

O dr. Arthur de Cerqueira Mendes revelou-se mais uma vez o eloquente e brilhante orador, ao qual a tribuna tantos louros tem proporcionado. Desde suas primeiras phrases empolgou o auditorio com sua palavra quente e musical servindo a idéas precisas e a imagens encantadoras. Sua oração—que a imprensa do Rio classificou com justiça de primorosa—foi de começo a fim entrecortada de applausos, e applausos sinceros, vibrantes e espontaneos de um auditorio que cinco minutos antes lhe era desconhecido. Suas ultimas palavras foram cobertas por uma salva prolongada de palmas, e todos os presentes, bem como a directoria da Associação de Imprensa, trouxeram-lhe felicitações univocas pela bella affirmação de seu espirito, que, em meio tão culto e de tantos oradores, valeu por uma assignalada victoria.

### Nossos agradecimentos á Associação de Imprensa

Antes de fecharmos estas linhas e de passarmos a transcrever os discursos moção, seja-nos permitido exprimir publicamente o nosso agradecimento, não somente aos dois oradores que fizeram o justo elogio das altas virtudes de nossa nunca esquecida fundadora—como, principalmente á Associação de Imprensa do Rio de Janeiro, que tomou a iniciativa daquellas homenagens.

Desde o momento em que entramos naquella casa de fraternidade e de affecto que se chama a Associação de Imprensa do Rio de Janeiro, comprehendemos que lámos ali respirar uma atmosfera de carinhosa solidariedade a atmosfera placida e amavel de um lar maior que os outros lares, de uma familia mais numerosa que as outras familias.

E assim foi. A Associação tem hoje á sua frente uma directoria que se pôde ufanar de, em praso relativamente curto, ter consolidado definitivamente aquella grande obra, fazendo desaparecer pequenas dissensões, divergencias de ponto de vista profissionais e outros embaraços que em todas profissões se apresentam, e reunindo ao redor de sua mesa todos os jornalistas

para a consunção da mesma hostia de affecto reciproco, para a consunção do mesmo vinho quente de fraternidade. Desde seu presidente João Mello nome que se impoz á admiração de seus confrades pelo seu esforço tenaz, intelligente e decidido, apesar de sua modestia que de tão receiosa parece uma nevoa de pudor embaçando o brilho de crystal de uma alma inteiriça—até o menor de seus auxiliares, toda a directoria actual tem se entregado apaixonadamente á tarefa de engrandecer a obra de confraternisação dos jornalistas brasileiros, obra que deve merecer a inteira sympathia, o mais vigoroso auxilio e rumorosa propaganda por parte de todos nós.

A *Revista Feminina* foi recebida naquella casa com as mais captivantes demonstrações de affecto. Vivemos ali algumas horas verdadeiramente entre irmãos, esquecidos de todos os dissabores de lucta, gosando a grande paz, paz alegre e festiva, que deriva da approximação de forças que pelo mesmo ideal se batem dispersos, e que, num momento dado, cessam o seu pelear, para se revigorar num gesto de confirmação da solidariedade que os une sob a mesma bandeira.

mente pela mesa do 1º Congresso aos jornaes dos Estados.

A todos os collegas que nos acompanharam na hora em que tanto se confortava o nosso coração enviavamos igualmente os nossos agradecimentos.

### O discurso do orador da Associação da Imprensa

Damos a seguir o discurso pronunciado pelo dr. Cleantho Jiquiriçá, em nome da Associação da Imprensa do Rio de Janeiro, ao inaugurar-se o retrato de d. Virgíllina de Souza Salles, na galeria dos jornalistas mais notaveis do Brasil:

« Meus senhores.

Gentilmente convidado pela Directoria da Associação Brasileira de Imprensa para proferir algumas palavras, por occasião da inauguração, na sede social, do retrato da Sra. Virgíllina de Souza Salles, tão prematuramente roubada á vida, seja-me licito justificar essa homenagem, que presta a Associação, pois, a muitos



O salão da Associação da Imprensa, quando o dr. Cleantho Jiquiriçá fazia o elogio de Virgíllina de Souza Salles, por occasião da inauguração de seu retrato.

A iniciativa da directoria da *Associação da Imprensa* abrindo espaço na sua galeria de jornalistas notaveis do Brasil para o retrato da nossa fundadora, ainda mais vem demonstrar, ao lado de seu grande descortino emancipado, o proposito que a anima de congregar e premiar a todos os operarios da idea, a todos os trabalhadores da ardua missão da imprensa, que saibam honra-la e dignifica-la, sem distincção de politica, de sexo ou de crenças.

E a uma *Associação* que obedece a tão bello e a tão largo programma cada um de nós deve ter orgulho de pertencer, e desejo sincero de auxiliar com o concurso de seu esforço.

### A imprensa do Rio

Toda a imprensa do Rio de Janeiro, desde o *Jornal do Commercio*, o mais antigo de nossos jornaes, acompanhou com expressões de subido apreço as homenagens prestadas á memoria de nossa saudosa directora, cuja noticia foi tambem transmittida telegraphica-

mente por meio de um telegrama.

perecerá exquisito inaugurar-se na galeria dos jornalistas o retrato de uma senhora. Já um poeta o disse: «Honrae as mulheres! Ellas espalham rosas celestes no curso de nossa vida; ellas formam laços afortunados do amor e sob o véo pudico das graças, ellas alimentam com mão sagrada a flôr immortal dos nobres sentimentos».

A Associação Brasileira de Imprensa nada mais faz, com a presente inauguração, do que honrar uma senhora digna dessa homenagem, cumprindo assim tambem disposições dos Estatutos.

A Sra. Virgíllina de Souza Salles foi uma heroína do jornalismo e a primeira senhora que, no nosso amado Brasil, fez delle profissão exclusiva, fundando em 1914 e dirigindo até nos ultimos momentos de vida uma revista que, a principio, foi denominada *Luta Moderna*. Filha de distincta familia paulista, ideou o seu jornal que, em começo, appareceu com quatro paginas, apenas, e de publicação quinzenal, com o intuito de «tomar parte em todas as discussões de idéa social e nellas intervir

com o direito de critica que á mulher deve assistir tanto quanto ao homem».

Esse jornal teve logo uma tiragem de 30.000 exemplares, distribuidos gratuitamente, como propaganda, por todo o Brasil.

De uma tenacidade admiravel, de uma clarividencia notavel, de uma força de vontade extraordinaria, a Sra. Virgílna de Souza Salles de tudo cuidava para o bom exito de sua tentativa.

Depois da distribuição do setimo numero foi estabelecido o preço de tres mil réis annuaes para as assignaturas, isso ainda como elemento de propaganda; mas essa quantia, mesmo com o numero elevado de assignantes conseguidos, não bastava para a manutenção da *Lula Moderna*.

Lutadora e dedicada a Sra. Virgílna de Souza Salles annunciou então varios melhoramentos, passando a publicação á forma de revista mensal, com illustrações e quinze paginas de texto, mantendo o preço de tres mil réis para as assignaturas, e ainda distribuindo premios, entre os quaes figurou o sorteio de um predio do valor de vinte e cinco contos de réis.

Dedicando-se com afinco á sua obra, sahiu ella a campo e foi angariar pelo commercio os annuncios «saltando por sobre todos os preconceitos e vencendo sua natural repugnancia, creada como fóra no conforto e na abastança».

Dahi resultaram innumeros melhoramentos para a sua publicação, que mudou o titulo para *Revista Feminina*, que é o seu nome actual.

Essa Revista tem sempre progredido e constitue hoje uma das mais brilhantes publicações de nossa patria, uma victoria real, que «abriu novos horizontes ao espirito feminino».

Sua obra, porém, não consiste apenas em publicações de artigos, de produções litterarias. Ella vae além. E' assim que, annexa á Revista, ha uma *Biblioteca feminina*, aberta gratuitamente ao publico; funciona uma *Bolsa domestica de economia*, em uma das salas da redacção e onde são facilitados ás senhoras os meios de collocar trabalhos, artigos de bordado, prendas domesticas, objectos de decoraçáo e de arte, sem necessidade de intermediarios, sem cobrança de porcentagens e até mesmo sem publicação ou conhecimento dos nomes das expositoras, ás quaes são remetidos os productos das vendas.

E esse bello auxilio «não sujeita os lares modestos a vexame algum».

Ainda, como inicio da futura Universidade Feminina, com cuja creação sonhava a Sra. Virgílna de Souza Salles, funcionam, tambem annexos á Revista, *Cursos de educação domestica*, que «constam de trabalhos de senhora, noções sobre a direcção do lar, bellas artes, economia e outros assumptos de interesse feminino».

Em uma memoria apresentada agora ao Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas, pela direcção da *Revista Feminina*, e que tive a honra de relatar, vem detalhados e brilhantemente desenvolvidos todos os serviços da Sra. Virgílna de Souza Salles, os quaes justificam plenamente a presente homenagem.

Seja-me licito registrar a coincidência de, na mes-

ma occasião em que se inaugura o primeiro retrato de uma senhora na galeria dos jornalistas, inaugurar-se tambem o do saudoso mestre do jornalismo, Alcindo Guanabara, que foi um dos mais dedicados e esforçados propagadores dos direitos da mulher.

Que o bello exemplo da Sra. Virgílna de Souza Salles tenha imitadoras, são os nossos melhores votos. E que todos aquelles que tanto se revoltam quando se fala em garantir os direitos da mulher, principalmente, o direito ao trabalho, verifiquem que ellas podem e estão na altura de todos os mandatos de todas as missões.

E nem se diga que a Sra. Virgílna de Souza Salles, dedicando-se ás lides jornalisticas, descurou dos deveres e obrigações que muitos, egoisticamente, entendem que são os unicos que cabem á mulher, porquanto ella foi, «além de melhor das directoras e das mais amigas, a mais meiga, a mais exemplar, a mais completa mais dedicada das esposas, ao mesmo tempo que a mais carinhosa das mães».

Rendamos-lhe, pois, o nosso preto de saudade.  
— *Cleantho Aquiriçá.*

O discurso do dr.

Arthur de Cerqueira Mendes

Extrahimos do *Jornal do Commercio*, do Rio, um resumo das lindas phrases pronunciadas pelo nosso brilhante collaborador dr. Arthur de Cerqueira Mendes, em nome de todos nós que cultivamos a dolorosa flor da saudade pela grande, boa e meiga alma de Virgílna de Souza Salles:

«A' seguir delegado por um grupo de intellectuaes de S. Paulo, fallou, o dr. Arthur Cerqueira Mendes,

Começou dizendo haver recebido de um grupo de intellectuaes de S. Paulo a ta refa de represental-os naquella reunião de saudade.

E, desempenhava-se do cargo com facilidade, muito embora emocionado.

Profundamente justa era a homenagem prestada pela Associação Brasileira de Imprensa a Virgílna de Souza Salles, um dos vultos mais interessantes que o orador ha conhecido. Revelar-lhe o nome é lembrar a *Revista Feminina*.

Foi Virgílna de Souza Salles, diz uma senhora--escritora, Anna Rita Malheiros, «quem trouxe a semerte dessa idéa, colhendo-a no precioso estojo dos seus dourados sonhos de mulher, fazendo-a espoucar de germinação ao calor de seu seio, acamando-a depois em terra carinhosamente afogada num dos pequenos e delicados vasos do seu lar, vigiando-lhe cada manhã o crescimento, transportando depois a verde e fragil haste para um vaso maior de um programma mais vasto, protegendo-lhe a formação, e trazendo-a, finalmente, quando a vio bafejada pelo favor publico, de tronco rijo e promettedor, para um espaço maior com todo o Brasil aberto á sua circulação, vencendo rapidamente na galhardia da sua frente larga e bemfazeja.»

Para essa victoria era preciso mais do que um simples esforço, que uma simples vontade, tantas são as causas que dificultam o desenvolvimento das idéas dignificadoras e nobres, e cabe aqui parodiar o interessante e profundo autor da «Alma das cousas», tantos elementos hostis os esmagam, que é necessário um concurso admiravel para que se enraizem e fructifiquem: o do amor.



Dr. Cleantho Aquiriçá, orador da Associação da Imprensa na inauguração do retrato de nossa fundadora.

E Virgínia de Souza Salles amou a vida pelos mais nobres e interessantes aspectos.

Nos seus olhos fluctuava sempre o grande sonho de ver a mulher exercendo pela graça e pela virtude, uma immensa soberania. E acariciando esse ideal, num largo trecho de tempo, não se lhe percebeu traço de desfalecimento, sombra de desânimo.

Uma tarde, como é amavel recordar! numa dessas tardes cizentas de minha terra, fui a redacção da «Revista» beijar-lhe as mãos. Trabalhava. Sobre a mesa, gravuras, desenhos, riscos.

Em duas tiras de papel, o esboço dum artigo. Mostrou, com um gesto, aquella material para a tarefa idealizada. E explicou, então, o desejo de que todo o lar humilde se transformasse numa encantadora estufa de affectos, espiritualizado com tons de arte fina e delicada.

E com o encantador poder de sua visão, pintou as habitações obscuras, illuminadas por um sorriso, aquecidas pela alma da mulher. E condemnou com uma palavra dolorosa, o feminismo que sae pelas ruas, pnhos irados e iradas phrases, em busca de grosseiras reivindicções — que se viessem a ser realizadas dariam fim á nossa vida affectiva, seriam as mortaldas do sonho.

Ampliando a esphera de sua esperanza, Virgínia de Souza Salles installou uma bibliotheca feminina, depois a Academia Feminina de trabalhos domesticos, e, finalmente, o encanto que é a Boisa Domestica de Economia, hoje um verdadeiro successo, para a venda, sem que disso resultem beneficios para a «Revista», dos primos que sahem das mãos femininas.

Mas, diz o orador, não vou além neste instante, do desejo de dizer uma palavra de saudade por essa senhora que tinha na sua bondade o traço de sua organização superior. E a sua saudade, o orador a sentia ficar allí naquella casa. E com a sua saudade ficara tambem o consolo de que o sonho de Virgínia Salles, será cultivado com carinho por aquelles que com ella aprenderam a cultivar uma época profundamente feliz para os homens.

«Morreste, e isso repete com Rita Malheiros, morreste, mas fica a tua obra, e tua obra immensa, que nós continuaremos com o amor que por ella nos infundistes!

Tambem elles, bandeirantes, morreram antes de ver realizados os seus sonhos, mas ahí está a terra, esse S. Paulo, de cujo seio sahem cada dia almas como a tua que trazem uma crença e um ideal...»

#### A REVISTA FEMININA NO BRASIL

Memoria apresentada pela direcção da «Revista Feminina» ao 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas, que se realiso no Rio de Janeiro, a 10 do mez passado.

Entre os assumptos que devem ser relatados no 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas pareceu-nos de interesse uma breve noticia

sobre a imprensa feminina no Brasil, e mais particularmente sobre a imprensa profissional feminina, ou seja, sobre as senhoras que têm feito da imprensa profissão exclusiva, della tirando os meios de sua subsistencia.

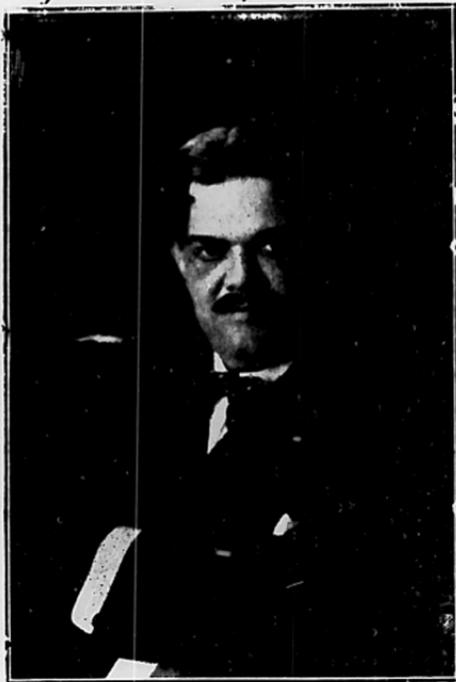
Quando foi publicado o primeiro jornal feminino do Brasil? Eis ahí uma pergunta para cuja resposta teriamos que remontar aos archivos de nossa vida colonial, pois della deve datar o primeiro esvoaçar do nosso espirito feminino, nas paginas de uma «MAGNOLIA», ou de uma «Aurora do Porvir», ou de qualquer outro desses pequenos periodicos de sociedade com que as senhorinhas se comprazem, e que lhes reflecte a alegria e a fantasia de suas almas em flor.

Aliás, aquella pergunta, referida a outros pontos da terra, tem ficado sem resposta. Não se sabe ao certo qual tenha sido o primeiro jornal feminino da Alemanha, por exemplo, cujo espirito de classificação e de catalogação é proverbial. Assegura-se que foi um pequeno jornal apparecido em Berlim, em 1848, redigido por Frau Luiba Otto, que trazia por epigraphe

o distincto: «Mulheres! Libertae-vos!» — e cuja publicação foi prohibida em 1853, depois de violentos ataques á Policia (sempre a policia e os jornaes!), tendo sido queimados todos os seus exemplares.

Si, porém, não é facil precisar quando surgiram, aqui e ali, as primeiras sementes de uma idea tão vasta como a do protelytismo feminino á causa da defesa de seus legitimos direitos, é menos difficil apreciar a importancia que tem tomado a imprensa feminina em nosso reculo, e num inquerito ultimamente feito, verificou-se que 340 jornaes consultados responderam que contam entre seus auxiliares e colaboradores um numero de senhoras jornalistas que corresponde a um terço dos jornalistas homens.

No Brasil o numero das senhoras que escrevem para jornaes é, ainda, relativamente pequeno, e destas, parecos que a primeira, e talvez ainda unica, que fez do jornalismo profissão exclusiva, foi Virgínia de Souza Salles, que surgiu na arena da imprensa em 1914, fundando a *Lueta Moderna*, e que falleceu ha quatro mezes apenas, tendo feito durante todo aquelle prazo a vida de jornalista de combate. Esta senhora, filha de uma das mais distinctas familias de S. Paulo, irman do commediographo e romancista Claudio de Souza, no Brazil, horizontes novos e



Dr. Arthur de Cerqueira Mendes, que obteve um dos maiores successos oratorios do Congresso, na sua gração sobre Virgínia de Souza Salles

abriu para a imprensa feminina vastos.

Em julho de 1914 fundava ella seu jornal, que apparecia apenas com quatro paginas, com proposito de publicação quinzenal, e que se firmava num programma, não de feminismo emancipador, no conceito do suffragismo inglez, mas sim de tomar parte em todas as discussões da vida social, e nellas intervir com o direito de critica que á mulher deve assistir tanto quanto ao homem. Com o mesmo formato foi a *Lueta Moderna* publicada até seu 7.º numero, e com uma edição constante de 30.000 exemplares, que eram distribuidos gratuitamente por todo o Brasil, no intuito de angariar assignaturas, e preparar assim o seu futuro — Nessa fase como em toda a fase ulterior de consolidação de seu periodico, Virgínia de Souza Salles desenvolveu um esforço e revelou uma tenacidade, que fariam o orgulho de qualquer homem. Ella, antes de lançar o primeiro numero d' *A Lueta Moderna* organizara pacientemente um archivo de sessenta e tantos mil endereços de pessoas residentes em todos os Estados do Brasil, colhendo-os aqui e allí, e principal-

mente nos jornales locais que ella conseguia obter nas redacções dos diários paulistas. Armada deste bello archivo, que demonstra já uma das condições do trabalho feminino, a paciência tenaz, começou ella a distribuir alternadamente por aquellos 60 mil endereços os primeiros numeros de sua publicação. Este trabalho de sementeira foi pratico e eficaz, e as assignaturas, que por um pensamento de propaganda eram apenas de 30000 por anno, começaram a chover. Ao fim do primeiro semestre terminou a distribuição gratuita, mas todo o esforço, e não menor despeza por ella occasionado apenas havia produzido um milheiro e tanto de assignaturas, que, aquelle preço, não bastavam para a manutenção do periodico. Alma de lutadora Virgínia de Souza Salles, longe de desanimar, aitou-se com mais coragem á luta, disposta a vencer a todo o transe. Era uma dessas almas raras que o revez parece afiar como se afiam em asperezas de pedras as existentes, e a seguir deu á sua publicação a forma de revista mensal, com illustrações, e quinze paginas de texto, «A despeito de tudo, dizia aquelle artigo, continuaremos a manter o preço de tres mil reis para as assignaturas annuaes, de modo a favorecer a difusão do nosso periodico, e nossos assignantes continuarão a ter direito a valiosos brindes!».

Corajosa e pugnaz, saliu, então, a correr as casas de commercio a angariar annuncios, saltando por sobre todos os preconceitos e vencendo sua natural repugnancia, creada como fóra no conforto e na abundancia, com os olhos apenas firos no seu ideal, que era a implantação definitiva da imprensa feminina no Brasil. Deste seu novo esforço resultaram fructos immediatos, e o numero seguinte, o de janeiro de 1915, apresentou-se com grandes melhoramentos, mudando o seu titulo para *Revista Feminina*, que é seu nome actual. Entre os novos premios aos assignantes, apesar de continuar a assignatura a tres mil reis, figurava o sorteio de um premio no valor de vinte e cinco contos de reis, sorteio que fez com que se quadruplicasse o seu numero de assignaturas. Daquella data em diante a prosperidade da Revista foi cada vez maior. Novos colaboradores abrihantaram o seu texto. Numa de suas capas, illustradas por Calixto Cordeiro, Olavo Bilac iniciou sua collaboraçã; e nas suas paginas internas surgiram os nomes consagrados de Coelho Netto, Magalhães de Azeredo, nosso Ministro em Roma, Garcia Redondo, Felix Pacheco, Alfonso Arinos, e outros membros da Academia Brasileira; Claudio de Souza, Amadeu Amaral, Cerqueira Mendes, René Thiollier, Cyro Costa, dr. J. J. de Carvalho, Julio Cesar Silva, Luiz Carlos, e outros e outros muitos escriptores nacionaes, ao lado de Julia Lopes de Almeida, Francisca Julia da Silva, a poetisa dos *Marmores*, Anna Rita Malheiros, sua brilhante chronicista, cujas chronicas são transcriptas por dezenas de jornaes diários, B. Mendonça Lima, sua correspondente em Pariz, Chrysantême d'O Paiz, Albina Pires de Campos, Dra. Alzira Reis, Preciliana Duarte de Almeida, Laurita de Lacerda, Anna Cesar, e outros grandes espiritos femininos, que têm na *Revista* campo propicio á sua brilhante eclosão.

Em fins de 1915, ou seja anno e meio após sua fundação, a *Revista* das senhoras paulistas tinha seu nome feito, suas paginas estavam triplicadas, e sua edição era uma das maiores das publicações periodicas brasileiras. Em todo o Brasil ella começava a contar com a sympathia de nossas patriotas que, espontaneamente, se dedicavam a angariar-lhe novas assignaturas. Foi, então, sua assignatura elevada a 5\$500 annuaes, para, poucos mezes depois, ser elevada a 7\$000, preço que vigorou durante o anno de 1916, com numero sempre crescente de novos assignantes. Em fins deste ultimo anno a *Revista* apresentava-se com um numero de cem paginas de texto e mais de duzentas gravuras. Sua publicação não sómente creava sympathia no meio feminino, como em todas as camadas sociais, tal o escrupulo, a boa escolha e a moralidade de seus concetos, discutindo activamente todos os aspectos sociais, mesmo os politicos. S. Eminencia o Cardeal Arcoverde, chefe da egreja brasileira, em carta aberta veio encorajar aquella iniciativa, aconselhando a difusão da *Revista* no seio da familia brasileira, ao mesmo tempo que se registravam em sua secção *De todo o Brasil* as expressões de incentivo que de todos os cantos de nosso paiz lhe vinham.

Estava passado o primeiro periodo de luta incansante e a *Revista Feminina* podia considerar-se definitivamente firmada ao fim de seu terceiro anno de publicação ininterrupta. A assignatura foi, então, elevada a 10\$000 por anno, preço que até esta data vigora, achando-se a *Revista* no seu 5.º anno de vida.

Sobre o que vale este continuado esforço assim se exprimi o *Jornal do Commercio*, do Rio, o decano de nossa imprensa, em artigo editorial de seu numero de 5 de junho deste anno, noticiando o fallecimento de Virgínia de Souza Salles e do qual apenas trancrevemos alguns poucos topicos:

«Na historia da imprensa brasileira deve ficar registado o esforço de Virgínia de Souza Salles, que representa mais do que

uma simples tentativa, porque ao cabo de cinco annos se tornou uma victoria real, abrindo novos horizontes ao espirito feminino, e ellecendos aos interesses da collectividade energias até então occultas pela nebulosa de prejuizos que tem trazido a mulher brasileira alastada do estudo dos problemas sociais. A *Revista Feminina* começou modestamente, com poucas paginas de texto, e parecia nos seus primeiros numeros vestida á vida elementar que tem tido, entre nós, publicações do mesmo genero. A energia pouco vulgar de sua directora conseguiu, porem, com enorme e terrivel luta, vencer aos poucos todos os obstaculos que se oppunham á sua empresa.

Seu programma não se limita a proporcionar aos lares brasileiros uma leitura san e escolhida, e tomou ella o encargo de manter secções diversas de educação domestica e de civismo, abordando tambem todas as grandes questões sociais, e principalmente as que dizem de perto com o nosso patriotismo, despertando no espirito da mulher brasileira um interesse directo e vivo, quente e activo, por todos os grandes assumptos nacionaes. Desde a entrada do Brasil na guerra sua penna vibrou de santo entusiasmo, exhortando a mãe brasileira a todos os sacrificios e a todas as resignações pela causa da civilização. A energia de sua directora longe de exgotar-se parecia crescer na proporção da multiplicidade com que se apresentavam os aspectos de sua campanha. E, depois de referir-se ás diferentes secções da *Revista*, que abaixo enumeramos, conclue: «O destino cruel veio, no entanto, cortar na flor da mocidade uma existencia por tantos motivos bemfazeja e útil á collectividade, justamente quando sua *Revista* nos chegara a dar, mensalmente, cem paginas de um texto brilhante e escolhido, que, de tal forma era confeccionado, mereceu uma carta autografa de Sua Eminencia o Cardeal Arcoverde, recomendando sua disseminação em todos os lares!».

Sua obra continuará, felizmente, amparada e dirigida pelas suas companheiras de cruzada, que delle receberam o legado de sua fé e de sua abnegação, e deverá perpetuar o nome de uma das primeiras mulheres (senão a primeira) que se atiram decididamente á ardua missão da imprensa, e que soube revelar a pujança e o brilho do espirito feminino, mais que tudo a sua potente dedicação, de que muito deve esperar o Brasil, para a obra ingente de sua reorganização moral.

#### Secções annexas á «Revista Feminina»

*Bibliotheca feminina.* — A bibliotheca feminina, annexa á redacção da *Revista*, compõe-se de mais de mil volumes, e está aberta, gratuitamente ao publico, sendo grande o numero de leitores, principalmente senhoras, que a procuram.

*Bolsa Domestica de Economia.* — Esta Bolsa que funciona ao lado das salas de redacção mantem uma exposição permanente dos trabalhos enviados por suas leitoras, artigos de bordado, prendas domesticas, objectos de decoração de aric. Estes trabalhos, que as senhoras difficilmente podiam collocar, e que quando chegavam a collocar faziam-n'o sujeitando-se ao preço dos intermediarios, que muitas vezes era insufficiente para pagar o seu custo real, a *Revista* encarrega-se, gratuitamente, de vender, remetendo a importancia ás expositoras. Creou, assim, uma nova fonte de renda para os lares modestos, e sem nenhum vexame para as expositoras, cujo nome não figura nos mostradores. De toda a parte do Brasil são remetidos trabalhos para sua exposição, e a Bolsa tem tido em alguns mezes movimento superior a dez contos de reis!

*Curso de educação domestica.* — Como inicio da futura Universidade Feminina, com cuja creação senhava Virgínia de Souza Salles, foram abertos cursos de educação domestica, que ainda funcionam regularmente, e com grande numero de alumnas. Estes cursos constam de trabalhos de senhoras, noções sobre a direcção do lar, bellas artes, economia, e outros assumptos de interesse feminino.

#### CONCLUSÃO

Com a existencia já relativamente longa da *Revista Feminina*, de S. Paulo, que se acha no seu 5.º anno de publicação, e perfectamente consolidada do ponto de vista material, pode considerar-se uma realidade a imprensa feminina no Brasil. Seu corpo de redacção, bem como muitas de suas collaboradoras, recebem salario fixo, o que implica a existencia do jornalismo feminino como profissão. Sua fundadora durante seus ultimos annos de vida viveu de seu jornal, fazendo delle seu exclusivo alimento. E' de desejar que outras senhoras lhe imitem o exemplo e que a imprensa feminina possa alcançar no Brasil a importancia que tem nos paizes mais adiantados do mundo, trazendo para as lutas do pensamento um novo e valioso contingente.

Não foi nosso intuito apresentando os dados acima fazer um preconceito da *Revista Feminina*, de S. Paulo, que continuamos a publicar com a mesma fé o mesmo amor que lhe dedicava sua fundadora. Como dissemos de início foi nosso unico proposito que ficassem registados no *1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas* dados que, mais tarde, se tornarão interessantes para a constituição da historia do jornalismo no Brasil. E fizemo-lo despretenciosamente, sem preocupação de forma litteraria ou rhetorica, satisfeitos de podermos prestar mais esta homenagem à memoria de tão notavel brasileira, que apesar de toda a brava luta a que a arrastou o seu apostolado — e como para demeritir o argumento principal dos anti-feministas — foi, alem da melhor das directoras e das amigas, a mais meiga, a mais exemplar, a mais completa e a mais dedicada das esposas. ao mesmo tempo que, a mais carinhosa das mães!

E que neste Congresso de Jornalistas seja formulado o nosso voto de pezar pela morte recente da illustre brasileira, de que tanto tinha a esperar a imprensa brasileira.

### Parecer do relator approvedo unanimemente pelo I Congresso Brasileiro de Jornalistas

O trabalho apresentado ao I.º Congresso Brasileiro de Jornalistas pela Direcção da *Revista Feminina*, de S. Paulo, não é uma these sobre «A Imprensa Feminina no Brasil», mas apenas a historia da fundação daquelle Revista. Isto, entretanto, não significa que esse trabalho seja muito merecedor de figurar nos annos do Congresso, pois servirá de valioso subsidio para a historia dessa imprensa. Por elle se verifica a extraordinaria tenacidade e força de vontade de uma senhora, por todos os titulos digna de nossa admiração, do nosso respeito e do voto de pezar nesse trabalho proposto, pelo seu prematuro passamento.

Aquelle *Revista*, fundada ha cerca de cinco annos, e com grandes sacrificios mantida, constitue, entretanto, hoje, uma verdadeira empreza, com base solida, dirigida por senhoras da melhor sociedade paulista, e onde funcionam annexas uma *Biblioteca feminina*, uma *Bolsa domestica de economia* e *Cursos de educação domestica*.

A *Revista* já fixou, de ha muito, os salarios de quantos ali trabalham e constituiu, nos ultimos tempos de vida de sua digna fundadora, a Sra. Virgínia de Souza Salles, o seu exclusivo meio de vida.

É um modelo perfeito e completo para outras creações identicas e é unico, portanto, com essa organização perfeita, ou mesmo com uma imperfeita, nenhuma outra existe, de que se tenha conhecimento. Apenas, no Rio Grande do Sul, algumas senhoras, entre as quaes poderemos citar as Sras. Heloisa e Henriqueta Mello e Maria Falcão, tem feito meio de vida da profissão de jornalistas.

A natureza submetteu a mulher ao homem, mas a natureza não conhece escravos, portanto sendo a mulher, como o homem, um ser pensante, que tambem tem necessidades, aspirações e interesses particulares a defender, cabem-lhe igualmente direitos.

Não nos achamos mais nos tempos em que a mulher era olhada como verdadeira escrava, figurando sempre em posição secundaria.

Em uma interpretação talmudica de uma das passagens da Genese sobre a criação de Eva, lê-se: «Di Deus tivesse querido que a mulher se tornasse senhora do homem, tel-a-hia tirado de seu cerebro; si tivesse querido que ella fosse sua escrava, tel-a-hia feito sahir de seus pés. Elle quiz, porém, que ella fosse a sua companheira, a sua igual e, consequentemente a tirou de um de seus lados», talvez mesmo do lado do coração, para que ella seja bem amada pelo homem.

E, agora, o que é preciso, é que se cuide com mais afincio, com mais amor, de sua educação, quer physica, quer moral, quer intellectual, para que ella possa, com justiça, ser integrada em seus direitos. «Educar a mulher, diz o Dr. Tito Livio de Castro, é intervir na relação humana, é dirigir-a no sentido da evolução mental. A mulher pôde evoluir, pôde educar-se».

E J. B. Lay disse mesmo: «E' pela educação das mulheres que é preciso começar a dos homens.»

O momento é o mais propicio para ser incorporado às nossas leis, aos nossos regulamentos, aos nossos costumes, o principio da igualdade social, eco-

## A grande victoria feminina

Classificada em primeiro lugar, a senhorita Maria José de C. R. Mendes foi nomeada.

As contras nessa *Revista* para o preto leguena a grata noticia de que a nossa digna patriota havia sido classificada em primeiro lugar e immediatamente nomeada para o alto cargo de terceiro official do Ministerio do Exterior, da Republica, que tem a ellecção de consel de primeira classe. É a primeira mulher brasileira que entra para o nosso corpo diplomatico.

É a primeira grande victoria, e victoria intellectual que acaba de obter a mulher brasileira, pois a quell ora se obtém todos os secretariats de Estado. El' carotenca de espirito e de tempo prohibe-nos maiores comentarios, e deixamos aqui apenas consignadas as nossas mais vivas felicitações a nossa patriota pelo seu grande triumpho. Foram as seguintes as classificações dos candidatos, todos, menos a nossa patriota, bacharéis em direito.

Calligraphia—Joaquim de Souza Leão Filho, Maria José de Castro Rebello Mendes e Jorge Latour.

Dactylographia—Maria José de Castro Rebello Mendes, Joaquim de Souza Leão Filho e Jorge Latour.

Portuguez—Maria José de Castro Rebello Mendes, Jorge Latour e Joaquim de Souza Leão Filho.

Francez—Maria José de Castro Rebello Mendes, Joaquim de Souza Leão Filho e Jorge Latour.

Inglez—Maria José de Castro Rebello Mendes, Jorge Latour e Joaquim de Souza Leão Filho.

Allemaõ—Maria José de Castro Rebello Mendes, Joaquim de Souza Leão Filho e Jorge Latour.

Geographia geral e especialmente do Brasil—Maria José de Castro Rebello Mendes, Joaquim de Souza Leão Filho e Jorge Latour.

Historia geral e especialmente do Brasil—Maria José de Castro Rebello Mendes e Joaquim de Souza Leão Filho, em igualdade de condições e, em segundo, Jorge Latour.

Arithmetica—Joaquim de Souza Leão Filho, Maria José de Castro Rebello Mendes e Jorge Latour.

Algebra—Joaquim de Souza Leão Filho, Maria José de Castro Rebello Mendes e Jorge Latour.

Noções de Direito internacional, Publico e Privado, e de Direito Constitucional, Administrativo, Civil, Commercial e Industrial brasileiros—Jorge Latour, Maria José de Castro Rebello Mendes e Joaquim de Souza Leão Filho.

A' vista disso foram classificadas: em primeiro, Maria José de Castro Rebello Mendes, com sete primeiros lugares; em segundo, Joaquim de Souza Leão Filho, com quatro primeiros lugares; em terceiro, Jorge Latour, com um primeiro lugar.

Tendo approvedo o concurso e a respectiva classificação, o ministro das Relações Exteriores, por portaria, nomeou a senhorita Maria José terceiro official da Secretaria de Estado daquelle Ministerio.

nomica, civil, e mesmo politica, da mulher com o homem.

E o primeiro, o mais indispensavel, o mais urgente dos direitos de que a mulher contemporanea tem necessidade, é o direito ao trabalho.

E ella, que já se atirou francamente, e com successo, á carreira das letras juridicas e á da sciencia de Hyocrates, pode tambem ser uma excellente auxiliar do homem nas lides jornalisticas.

E, nesta epoca, em que tanto se fala em necessidade de união, em esforço para manutenção de uma unidade, já existente e que nada ameaça vizivelmente, mas que é preciso seja sempre defendida, refiro-me á união do Brasil integro, defeza essa que deverá ficar a cargo, principalmente, da imprensa, nenhum elemento se afizura melhor para auxiliar a consecução dessa desideratum, do que o esforço, a dedicação, a força de vontade de que é capaz a mulher, como já tem dado sobejas provas em todos os tempos.

### CONCLUSÃO

Assim, o Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas recebe com carinho a colaboração da mulher na imprensa e faz votos pelo desenvolvimento da Imprensa Feminina no Brasil, para que essa imprensa vá muito além do que as simples secções femininas atuais, dos jornales, ou simples colaborações femininas, tendo mesmo como modelo, digno de imitação, a «*Revista Feminina*», de S. Paulo, a cuja fundadora ora rende e presta homenagens de que se tornou merecedora.

Em 14 de Setembro de 1918.

Cletho Jiquitá, relator.

# O FEMINISMO NO BRASIL

Uma brasileira apresenta-se a concurso para a carreira diplomatica e o Sr. Ministro do Exterior manda inscrever-a, apoiado nos pareceres de Ruy Barbosa e Clovis Bevilacqua, os grandes juristas brasileiros, declarando que nosso Codigo estabeleceu a mais perfeita igualdade entre o homem e a mulher quanto aos direitos privados.

As doutrinas que ha cinco annos desenvolvemos nestas columnas, e que tendem a erguer a mulher do papel parasitario e escravizado em que tem sido mantida, transformando-a numa força autonoma e util, creadora e regeneradora, dia a dia fructificam em novos aspectos, que nos enchem de orgulho, porque ninguem nos pode negar, e á nossa inesquecivel fundadora, Virgínia de Souza Sales, a vanguarda desta campanha, o primeiro passo deste novo apostolado pela redempção de nosso sexo.

Em toda a Europa, em todo o Mundo civilizado, desdobra-se neste momento, com incrível vigor, a campanha feminista. Não a campanha ridicula, sanhuda e revolucionaria, que serve de pretexto a remoques dos tolos, dos enfatuados e dos retardados mentaes; mas a campanha ponderada e calma, que se enraiza nos principios philosophicos e moraes, e nos principios essenciaes de conservação da especie, ora dizimada physicamente, e depravada moralmente, pela guerra mundial.

A mulher brasileira, que se mostrou através de nossa historia, sempre intrepida, brava e abnegada nos momentos agudós da nossa nacionalidade, a mulher brasileira cujo espirito não é nem menos brilhante, nem menos nobre do que o da mulher européa, que acorreu a supprir as vagas de todos os misteres — não podia conservar-se na inercia, neste momento de radicaes transformações da vida e da moral da sociedade humana. Nem podia limitar-se ao papel de enfermeira da Cruz Vermelha, ou de organizadora de concertos e festas em beneficio das victimas do actual cataclysmo. Ella enveredou — e com acerto, e com proposito, e com oportunidade — por diversos ramos de

actividade, de que conservam o monopolio os homens, e em todos elles está demonstrando a sua perfeita capacidade, e provando que sua pretendida inferioridade é um mytho creado pelo egoismo masculino, para afastar uma concorrente, que produz melhor, mais ponderado, e mais barato... concorrente que lhe convem conservar num

estado primitivo e escravizado.

Acaba ella agora de dar mais um grande passo, de que resultado uma decisão que lhe é de grande alcance. O Ministerio do Exterior abriu um concurso para o preenchimento de uma vaga de 3.º escriptuario. Entre os concorrentes, que requereram inscripção, figura d. Maria José de Castro Rebello. Houve um natural espanto, e não menor hesitação no Ministerio. Uma senhora na diplomacia!... Permittam isto as nossas leis? Consentia o nosso Codigo que as brasileiras pudessem concorrer a cargos publicos?

Aliás esta hesitação não tinha razão de ser, porque nenhum de nossos textos constitucionaes nega tal direito ás mulheres. Tratava-se, porém, do Ministerio do Exterior, da Diplomacia... — diziam os que superintendem aquelle departamente... [car-

reira em que é necessaria discreção... E este absurdo e ridiculo considerando só foi resolvido com o luminoso parecer do nosso maior mestre de Direito, o Conselheiro Ruy Barbosa e que foi confirmado pelo consultor juridico do Ministerio do Exterior, o illustre civilista brasileiro, Clovis Bevilacqua. E deante destes pareceres foi aceita a inscripção de nossa patricia, firmando-se de vez o principio de que as senhoras brasileiras podem inscrever-se para os concursos de cargos publicos, e podem ser nomeadas para os mesmos.



D. Maria José Rebello Mendes

Quem é d. Maria José de Castro Rebello Mendes, ou como é tratada mais intimamente, d. Marietta Mendes, e que acaba, com seu acto, de proporcionar ensino para que se resolvesse um assumpto de tão transcendental importancia para o nosso sexo?

Esta pergunta, que acode ao espirito da leitora, acudiu tambem ao nosso espirito, e incumbimos a uma de nossas redactoras de obter uma entrevista com a nossa patricia, que com sua familia reside no Rio.

Damos abaixo o resultado dessa entrevista, e alegrá-nos proclamar que d. Marietta Mendes, é uma das muitas e entusiasticas senhoras que por todo o Brasil propagam a nossa Revista, como ella logo de começo referiu, e que immensamente nos penhorou.

Fomos recebidos pela sua progenitora, exma. sra. d. Josephina de Castro Rebello, que amavelmente nos acolheu. D. Josephina, que pertence a uma das mais distinctas familias bahianhas, é irmã do dr. Castro Rebello, director do Departamento da Ilha das Flores, e nome muito acatado na sociedade carioca. Informou-nos que sua familia tinha sahido, de visita a parentes que moravam na proximidade, e revelou o nosso intuito, objectou-nos com essa modestia que tão bem caracteriza a nossa feminilidade, modestia que se arreceia de qualquer ruido:

— Mas por que uma entrevista? A Marietta tem a seu cargo a familia, e para mantel-a das aulas particulares. Viu o edital do concurso; pareceu-lhe que o lugar fosse bom, resolveu inscrever-se... eis ahí tudo. Mas já nos temos arrependido, pelo ruído que se tem feito ao redor de um acto perfeitamente natural, e que demonstra a boa vontade de minha filha.

— E' que sua filha, sem o pensar, veio provocar a solução de um problema de alto alcance para todo o nosso sexo, e terá agora de sofrer a discussão de seu acto, que nós achamos nobre e elevado: discussão que nem sempre será educada, principalmente da parte dos chronicistas masculinos, muitos dos quaes confundem o espirito com a grosseria, e isto por lhes faltar aquelle e sobrar este...

— Si ella soubesse...

E, deante de nossa insistencia, a delicada senhora mandou prevenir sua filha de que a esperavamos. Contou-nos, então, que tivera um collegio na Bahia, juntamente com a conhecida educadora d. Mathilde Beschroëder. Nelle fizera d. Marietta seus primeiros estudos, para mais tarde vir a ajudal-a nos encargos do magisterio, e praticara largamente em linguas estrangeiras, e materias do curso secundario. Mais tarde, seu estado de saúde obrigou-a a vir para o Rio, onde tem alguns parentes. Coube, então, a direcção da casa, e a responsabilidade de suas despesas, á d. Maria José, e ella não quiz valer-se dos offerecimentos dos seus, tornando-se hospede de qualquer delles. E, dando um lindo exemplo do que vale a coragem da mulher brasileira, d. Marietta, que é uma moça de vinte e poucos annos, assumiu valentemente a missão que o destino lhe confiara. Obteve alumnas particulares por meio de annuncios, e o pouco tempo que lhe sobrava dedicou a fazer o curso da Academia de Commercio, para tirar um diploma que lhe assegurasse um futuro mais amplo. Fez um brilhante exame do 1.º anno daquela Academia e acha-se actualmente no 2.º anno. Uma vida intensa de trabalho, que a obriga a multiplicar suas horas para, num momento como o actual, manter com o seu só trabalho uma familia de cinco pessoas, e mantel-a, como ella a mantém, dentro do bem-estar e do conforto, sem elleo superfluo!

Neste momento de nossa entrevista surgiu d. Marietta, e nós que já romantisavamos sua figura de tão dedicada abnegação, tivemos quasi uma decepção vendo uma mocinha, um creança quasi, que nos extendia a

mão, com um sorriso de tanta e tão simples candura! Admiráveis prodigios da natureza feminina!

E foi com a mesma simplicidade que ella nos respondeu quando lhe exprimimos a nossa admiração pela sua brava conducta.

— Oh, minha senhora, mas o que eu faço faria a senhora, fariam todas, si tivessem sua mãe impossibilitada de trabalhar!— e seu olhar tão meigo, e de tão san innocencia, envolveu carinhosamente a figura de sua mãe.

E a sorrir, com uma singeleza que cada vez mais nos encantava, disse-nos:

— Já conhecia a sua Revista; sou uma de suas leitoras e propagandistas. Na Bahia angariel-lhe algumas assignaturas, que lhe envie.

— E as idéas que pregamos estão de accordo com seu modo de pensar? Disse um dos jornaes que lhe eram indifferentes as idéas feministas.

— Os jornaes dizem tanta coisa quando entrevistem uma pessoa. Aprecio immensamente a Revista e não posso ser indifferente aos problemas que interessam á nós mulheres. Effectivamente meu acto, inscrevendo-me para o concurso no Ministerio do Exterior não obedece a nenhum proposito reaccionario, e muito menos o de chamar para meu nome a publicidade, que tanto me tem vexado, mas contra a qual nada posso fazer. Meu ganho, actualmente, com lições particulares é incerto. Pensei em concorrer a qualquer cargo que me desse a garantia de um rendimento fixo.

Informamos nos, em seguida, sobre as materias do concurso, que são as seguintes: Portuguez, francez, allemão, inglez, geografia, arithmetica, algebra, dactylografiã, e—o que é menos commum—Direito Commercial, Direito Internacjonal, Direito Civil, Direito Constitucional e Direito Administrativo.

Sobre ellas disse-nos d. Marietta:

—As linguas, tanto o francez, quanto o inglez e o allemão, me são familiares, si bem que não conviva diariamente com Schiller, Goethe, Milton e Byron, como, gentilmente, asseverou um jornal. Ha a parte de Direito, que me é mais penosa, e para a qual tenho pouco tempo para prepara-me. Accreço ainda que, segundo estou informada, acham-se inscriptos muitos bachareis em Direito.

— E sobre sua inscripção que difficuldade encontrou?

— Logo que me veio a idéa de inscrever-me recorri aos nossos textos constitucionaes e em nenhum encontrei que se oppuzesse á entrada de senhoras para repartições publicas. Lembrei-me, no entanto, de consultar o nosso grande patricio, Ruy Barbosa, que tem relações de amizado com minha familia, na Bahia. O eminente brasileiro, com sua habitual bondade declarou-me que era um direito que me assistia, e promptificou-se a, graciosamente, encaminhar os meus papeis, grande obsequio que lhe fiquei devendo. O Sr. Ministro do Exterior assim despachou o meu requerimento de inscripção:

### O despacho do Sr. Ministro do Exterior

«Ouvindo o Sr. Dr. Consultor Juridico do Ministerio, deferido, ficando autorizado o Sr. Secretario Geral a mandar fazer a respectiva inscripção.

«Cão ha na Constituição da Republica nenhum dispositivo que impeça ás mulheres o accesso aos cargos publicos. O Codice Civil vigente tambem estabeleceu a mais completa igualdade entre o homem e a mulher quanto ao gozo e exercicio dos direitos privados.

«Num dos artigos prevê que as mulheres possam ser admitidas ao exercicio das funcções administrativas, quando estabelece: «considera-se sempre autorizada pelo marido a mulher que occupar cargo publico.»

«Cão se se as mulheres desempenhariam com provelho a diplomacia onde tantos attributos de discreção e de capacidade são exigidos, mas que não são privilegio dos homens, bem como se a requerente está apparelhada para disputar um lugar nestes Secreta-

ria de Estado, e só as provas do concurso hão de dizer, mas o que não posso é restringir ou negar o seu ditreito, toda vez que as leis existentes o não restringem nem o negam.

Se nas monarchias as mulheres podem ser importantes ou rainhas não vejo porque se lhes feche o ingresso aos cargos administrativos.

Melhor seria, certamente, para o seu prestígio que continuassem a direcção do lar, taes são os desenganos da vida pública, mas não ha como recusar a sua aspiração, desde que ditas careçam e siquem provadas as suas aptidões.—Nilo Peçanha\*.

Este despacho assim o commentou d. Maria José :

— Eu concordo com o sr. Ministro do Exterior em que nos seria muito mais suave que nos pudéssemos occupar somente de nossa casa, mas para isto era preciso que todas nós tivéssemos garantida a subvenção do lar, o que não é meu caso, e não é o caso de muitas brasileiras que se vêm obrigadas a trabalhar para manter o seu lar.

Interpellamos em seguida d. Marietta sobre litteratura.

— Nunca se dedicou á litteratura ou ao jornalismo? Nunca escreveu nada?

— Leio, leio muito, mas nunca me dediquei especialmente á litteratura. Aliás, como a senhora comprehendendo, não me sobra o tempo!

— Mas na sua familia, nos Castro Rebello, ha poetas e escriptores, não é verdade?

— Sim, ha diversos, e entre elles o poeta João de Castro Rebello, cujos versos são muito conhecidos na Bahia. Mas como o que interessa especialmente á sua Revista são os assumptos femininos devo dizer-lhe que ha tambem em nossa familia uma poetisa, Adelia Josefina de Castro Rebello, minha tia, que está hoje com

perto de 90 annos, e que em moça publicou centenas de versos.

E, a nosso pedido d. Marietta, que revelou uma magnifica memoria, recitou-nos a poesia—*A Madrugada*—original de sua tia, e que escripta em uma outra epoca, por moldes então em voga, revelam no entanto um estro delicado.

Estenografamos aquellos versos emquanto eram ditos pela voz fresca de nossa patricia, e publicamol-os neste mesmo numero, como mais um documento da historia da intellectualidade feminina no Brasil.

Estava terminada a nossa missão. Despedimol-os de d. Marietta e de sua mãe, trazendo daquelle lar a impressão consoladora de que ainda se perpetua no Brasil a belleza da nossa antiga alma feminina, e que nem todas se têm deixado contaminar pela moral frivola e perigosa das casas de chá e de tango... Ainda ha lindas brasileiras, dignas de sua raça!...—pensavamos nós, ao atravessarmos o pequeno jardim.—E o Brasil, chamando-as a collaborar no seu progresso ainda pode esperar que ellas realizem o milagre de reconstituir a nossa moral de antanho, tão nobre, tão heroica, tão abnegada... Um bravo a d. Marietta Mendes... Um bravo a todas as mulheres que, conscias do papel que deverão representar neste seculo, sabem desprezar a ironia sempre tola e muitas vezes idiota dos que procuram fazer espirito com o que de mais alto e mais sagrado ha no seio de cada povo: O coração da mulher, o relicario de todos os heroismos e de todas as abnegações

## A LINDA MADRUGADA

(A poesia antiga a que nos referimos na chronica *O Feminismo no Brasil*, e que foi escripta em resposta á poesia de igual titulo, do poeta portuguez João de Lemos).

Quando tú, liso cantor,  
Na tua lyra doirada  
Modulaste com primor  
**UMA LINDA MADRUGADA.**  
Porque dizer não quizeste  
Que a aurora que descreeste  
No teu canto tão gentil,  
E esse mar de lisa prata  
Que os arvoresdo retrata  
Eram só do meu Brasil?

Porque dizer não havias  
Que esse nascer prazenteiro  
De puros, formosos dias,  
Era de um ceu brasileiro  
Desse ceu abençoado  
De bello anil esmaltado  
Pelas mãos do Creador  
Que, ledo, nos apresenta  
Na formosura que ostenta  
Um milagre do Senhor?

Que tem noites tão formosas  
De prateado luar  
Que possui manhas de rosa  
E tardes de arebatar?  
Tú, por acaso ignoravas  
Que a madrugada pintavas  
De minha terra natal?  
Ou, cego de patrio amor  
Fulgaste que esse primor  
Era do teu Portugal?

Vendo o ceu de meu paiz?  
Ver bella aurora de estio  
Como se mostra feliz

Como se mira no rio!  
Vem vel-a, mimosa, abrindo  
O transparente veu lido  
Viciosas flores soltar  
E dos olhos lacrimaltes  
Mil per'las, mil diamantes  
Sobre todas espathar!

Vem ouvir o harmonioso  
O doce canto afluatado  
Do sabiú mavioso  
Sobre o raminho pousado!  
Vem vêr os volateis todos  
Festajarem de mil modos  
Com folguedos e cantares  
A Jagueira madrugada!  
Que de flores adornada  
Perfuma os limpidos ares!

Vem contemplar a lindeza  
Deste Brasil tão jocundo  
Vem vêr sua natureza  
Que é a mais bella do mundo!  
Vem vêr seu sol descoberto  
N'um ceu de nuvens desfeito  
Deslumbante de fulgores!  
Vem, aqui, vêr como é tenro!  
Até nos dias de inverno  
Veste os campos de verdores!

Dize, vate portuguez  
Esse ceu do paiz teu,  
Tem a mesma nitidez  
Do americano ceu?  
Dize si na plaga tua  
É' tão diafana a lua

Si é tão meiga, tão gentil,  
Si brilha em noites tão bellas  
Tão opulentes de estrellas  
Como as do rico Brasil?

Si seu raio illuminado  
Por sobre o mar transparente  
Pelas vagas embalado  
Se estende tão docemente  
Si doira o cume dos montes  
Si beija o crystal das fontes  
Com tanto enlevo e doçura?  
Si do Templo na vidraça  
Reflecte com tanta graça  
A face de luz tão pura?

Tens no prado tanto viço  
Nos fructos tanto sabor  
Na vida tanto fellicio  
No coração tanto amor?  
Vem, oh bardo, vem azinha,  
Na mimosa patria minha,  
A tua alma extasiar!  
Neste clima brasileiro  
Vem sob um ceu prazenteiro  
Nova existencia gozar!

Vem, pois, sublimis poeta  
Vêr o meu solo natal  
Que de Deus a mais dilecta  
É' a terra de Cabral,  
Vem na minha terra amada  
Vêr—**A LINDA MADRUGADA.**  
Vêr do ceu a perfeição!  
Vem contemplar minha lua  
Que sabe mais do que a tua  
Responder ao coração!

## Pelo mundo

O mercado de diamantes. — O grande mercado de diamantes brutos era, antes da guerra, situado em Londres. Ali vivia, e ainda vive, o rei dos diamantes, Julius Wernher, tão poderoso e dracônico, como todos os reis do petróleo, do açúcar, e outros, que a America coronou nos novos reinados comerciais e industriais que criou.

Quasi todo o diamante, que se lapida em diversos países da Europa, é comprado em Londres. Todo commerciante que deseja ter, como se diz na gíria dos compradores, o diamante, deve inscrever-se com antecedencia, indicando a importancia e a qualidade do lote que elle deseja adquirir. Um cliente habitual espera alguns dias ou semana, até que seja chamado; os clientes de acaro devem sujeitar-se a maiores delongas. Emfim, chega o grande dia. Na hora marcada o comprador e recebido no bureau de Londres, onde lhe é apresentado um envelope contendo um lote que se aproxima de sua encomenda. O comprador vê: se, então coagido a "pegar ou largar", pois não se admite nenhuma discussão de preço, nem se faz nenhuma alteração no lote previamente preparado. Si comprador o declarou que desejava um lote de 40.000 francos, e o menor lote existente é de 50.000 francos, tem de comprar este ultimo, ou não será servido e sofrerá um quarentena antes que de novo seja chamado. Este regimen, de inscripções de penitencias, verdadeiramente selvagem, fez, nacer os negocios "no escuro", que assim se explicam. Um cliente sério, depois de ter comprado um lote,—que lhe não é entregue immediatamente — propõe a um collega menos conceituado e com menos credito, a venda de parte da mercadoria contractada, e este, sem conhecer a compra, pela factura, como os negocios que se fazem com conhecimentos de estradas de ferro. Simplesmente neste caso o comprador não vê a amostra, e fize-se na boa fé do intermediario, fiando-se este, por sua vez, na seiedade da Bolsa de diamantes. Aliás o syndicato que dirige a Bolsa procede com

## COMO ENFEITAR MINHA CASA



Móveis de uma linda sala de jantar ou de fumar, feita em bambú. No mesmo paiz, e principalmente no interior, onde abunda o bambú, é uma decoração economica, e tão elegante, que o modelo acima é muito usado, ainda mesmo que a "favela" da poltrona da Legação Japonesa em Paris. Todos os móveis são feitos em bambú natural, apertado e lustrado. As paredes são pintadas, ou forradas de seda ou estofadas, sendo-se ao alto, um motivo pintado de folhos de bambú.

a mais absoluta liura, na confecção e entrega de seus lotes, de modo que taes negocios "no escuro" fazem-se sem reclamações possiveis.

### CONSEJOS MEDICOS A queda dos cabelos

Corre como cesto, como demonstrado que a queda do cabelo é uma enfermidade para a qual não ha medicamento effizaz. A experiencia vem, de ha muito, provando isso. Mas, não. São multiplas as doenças do couro cabeludo, apontando-se como as principaes a peluda, a alopecia, a caspa, a calvície, a tricophyia, a folliculite, a tinea e a sycose. A mais commum é a seborrhéa, que vai enfraquecendo o bulbo piloso, fazendo progredir, dia a dia, a calva. Mas tanto a seborrhéa como as demais enfermidades são curáveis. Ha um especifico que aconselhamos ás nossas leitoras, cuja efficaçia tem sido innumeradas vezes comprovada: é o "Pi-

logenio", do chimico brasileiro Francisco Giffoni. Trata-se, não de um tonico vulgar, como ha muitos por ahí, annunciados em jornaes e placards vistosos, mas de uma verdadeira descoberta. Claro está que um individuo deprimido pela lymphatias, pela anemia, pela chlorose, pela cachexia, pelo arthritismo e por affecções do systema nervoso é em vão que tentará obter a queda do seu cabelo por meio de loções. Nesse caso é aconselhavel o "Vinho Biogenico", rico em phosphatos biologicos, todo organico e tonicos vegetaes. — juntamente com esse vinho, deve-se usar o "Pilogenio".

Seja qual for o adiantamento da calva, não se deve desanimar, porque ha causa (e são os mais communs) em que a molestia fica estacionaria, estando os cabellos como que hibernados, a esperar de uma medicação effizaz que excite as funcções nervosas da pelle e estimule os folículos pilosos. Neste como em todos os casos, quer nas quedas incipientes, quer na calvície generalizada, o "Pilogenio" é de uma efficaçia surpreendente.

# AS MUMIAS REAES DO PERÚ

Não longe de Cuzco, porto de Lima, a capital peruana, estende-se uma vasta planície de areia amarelada. Ahi, entre o mar e as montanhas, é que está situado o cemiterio de Ancon. Este lugar silencioso fornece, ha seculos, imensos thesouros, herança de um povo desaparecido. Mas, como são eloquentes os labios, para sempre fechados, daquelle povo mysterioso, que foi, porventura, um dos mais cultos do mundo naquelle epoca?

Quanto nos conta aquelle cemiterio da tranquilla existencia domestica que despappareceu com os mortos desconfiados? Parece-tambem que ali se encontram! Parece-tambem que ali dorme o somno eterno, mas muitas dellas são de personagens, que, sem dividi-las, desempenharam altos cargos, a julgar pelos accoutrements que alli se encontram.

As mummies, com os seus accessorios, reusam no solo da terra, a mais de tres e quatro metros de profundidade.

Logo que fechavam os olhos, despiam-se o corpo em posição agachada, e pormos atadas com um nastro e arramadas a uma das extremidades de uma especie de pejoas. Retiradas as visceras e vasadas as artérias, enclimam os cadaveres de algodo; depois do que, eram envolvidos em pelles, em pannos e ricas vestiduras, segundo a sua categoria social. Nessas vestiduras observamos cores magnificas, desenhos caprichosos e attributos decorativos de grande effeito. Alguns restos desses mantos sumptuosos podem ser vistos no Museo Arqueologico de Berlino. Além das lintheas, formam a principal riqueza do mummy as vestiduras de penas, que são realmente admiraveis. Com milhares e milhares de plumas de passaro ornamentavam-se mantos de cores brilhantissimas.

Com tudo isto, porém, não se dava por terminada o envoltorio do cadaver: depois de vestido e preparado: era elle encostado dentro de uma mortuaria de panno espesso.

Na sepultura das mulheres eram depositadas cestinhas ou caixas surtidas de todos os accessorios necessarios para os labores femininos.

As vasilhas com viveres não faltavam quasi nunca, e isso demonstra a creença de que o morto, atravez da peregrinação em outra vida, necessitava de alimentos. Dentro destas cestinhas não são menos interessantes as insignias, as cruzes e as taboalhinhas mortuarias. As insignias têm o feitiço de estandartes.

As nosas leitoras, ao saber que os povos do Perú usavam a cruz como attributo de religião e de fé, hão de, por força, ficar surprehendidas. Os primeiros conquistadores ficaram tomados de assombro e de panno ao ver a cruz naquellas regiões incas, e justificaram-na como maquinação diabolica. A cruz, no culto inca, desempenhava um papel muito importante. Elle é formada por dois braços dispostos em forma de cruz e cobertos de plumas, e de madeira tal, que os angulos da cruz desaparecem.

Mas os detalhes mais importantes serão, talvez, as taboalhinhas mortuarias, que são para o archeologo um segredo impenetravel. Quasi todas as tumbas têm essas taboalhinhas. São collectas de algodo branco. Numa das faces se vê sempre uma figura humana idealizada, pintada de vermelho e preto e rodeada de uma coroa ornamental. Geralmente, esta figura tem a cabeça desproporcionalmente grande. Nos cantos do desenho ha pequenos signaes, que são provavelmente caracteres de uma escripta symbolica.

As mummies dos incas tiveram uma triste sorte, devida á brutalidade dos aventureiros, sedentos de ouro, que nem ante ao crime e ao sacrilegio retrocediam. No seu fanatico odio ao diabo, apagarão com mão profana, todos os vestigios escriptos da velhissima e veneravel civilização inca.

Quando os primeiros conquistadores de baxamarca chegaram a Cuzco, capital do antigo imperio peruano, entraram no templo do Sol. Á direita e á esquerda da estatua do Sol estavam sentadas as mummies dos incas, em thronos de ouro, ricamente ornamentados, com a cabeça inclinada e os braços cruzados sobre o peito. Pequenas chapas de ouro occultavam-lhes as orbitas vasias e os seus pés descanzavam em chapas de ouro maciço. De madeira analogas foram achadas as mummies dos "Coynas" (imperatrizes). No templo da Luna, postas ao lado da estatua dessa deusa, toda de prata. Os aventureiros apoderaram-se de todo o ouro, prata

e objectos preciosos que serviam de ornatos ás mummies regias.

Relativamente ao ceremonial religioso o que nos resta, é que se prestava ás mummies, estamos mais bem informados. O curioso é que esse rito tem alguns pontos de semelhança com os antigos ritos egypcios.

Fallecido o monarcha, tiravam-lhe os intestinos e o coração e eram enterrados no templo do Tempo, perto de Cuzco, enquanto que o corpo era embalsamado com resinas e aromaticas. A habitação do defuncto era emparedada, e a mummy era conduzida para o sepulchro, em todo inca era obrigado a construir-se um túmulo. Algumas das suas mulheres acompanhavam-no ao palacio-tumulo, deixando-se encerrar voluntariamente na noite eterna, depois de haver bebido copiosamente "chicha", (cerveja peruana em vasos de ouro). Deante do palacio suicidavam-se muitos servos do fidei, para poder chegar quanto antes, á eternidade. Os cadaveres de todos que haviam morrido voluntariamente por elle, eram tambem embalsamados, destinando-se o segundo vestibulo para sepulchro das mulheres e o primeiro para os servos.

Quando morreu Atahulpa, ultimo inca independente, os hespanhoes assistiram ás suas exequias no dia 24 de Agosto de 1532.

As honras que se tributavam aos monarchas fallecidos eram permanentes, dedicando-se a esse servico um numero consideravel de pessoas. Estas honras, estas festas, de caracter permanente eram muito dispendiosas, mas essas despesas corriam por conta da sua fortuna, que consistia em terras, cuja posse continuava irrevocavelmente unida á mummy. Mas os cortesões, para prestar esse culto á mummy, não viviam ociosos, pôem eram obrigados a cuidar della, o que lhes acarreava não pequenos cuidados e trabalhos. Cada dia trasladavam-na para a praça dos festivos, em Cuzco, onde permanecia desde manhã até á noite, e quando diante della a pyra do sacrificio. Nessa pyra queimavam-se grãos de milho, flores e resinas aromaticas. Nas festas solennes eram expostos tambem os thesouros do morto e as imagens dos deuses de todas as tribus vencidas pelo inca, formando uma segunda corte munda.

Tudo o ceremonial era dirigido pelo superintendente da mummy, que era um official superior. Um peruano e uma peruana de alta linhagem estavam em intima relação com esse "fidei-gerente" e permaneciam quasi que constantemente ao seu lado, como interpretes e transmissores das suas ordens. Desta maneira podiam fazer tudo quanto queriam, justificando os seus actos sob pretexto de que não o praticavam por vontade propria, mas por ordem da mummy. Esse cargo de guardar a mummy para a interpretar as contadas era, como se adivinha, muito disputado...

Francisco Pizarro conta, a proposito disso, uma anecdota interessante. Pizarro havia dado ordem a Diego de Almagro, a outros capitães que perseguissem o general Inca Itziki, por haver saquado um povoado, tendo fugido depois para Quito. Antes de pôr-se em marcha a expedição, apresentou-se um capitão inca, tolerado por Francisco Pizarro, e rogou-lhe que, antes de ir ao encontro, obtivesse da mummy a permissão para elle casar-se com uma das suas pretens, que estava ao serviço da mesma mummy. Pizarro dirigiu-se ao inca defuncto, que estava sentado numa cadeira portátil, tendo aos dois lados o peruano e a peruana. O interessado manifestou a petição feita á mummy. O peruano e a peruana

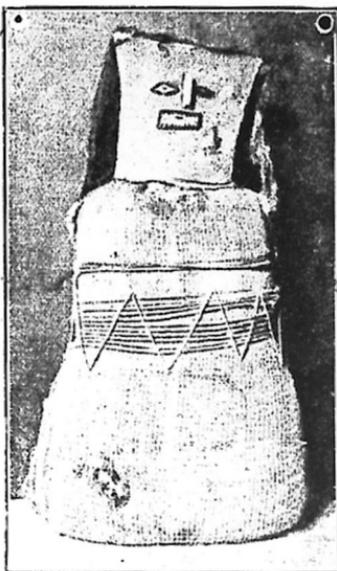
olharam-se durante um largo espaço de tempo sem dizer uma palavra: levantaram-se, tomaram uma attitude hieratica e declararam que o seu dono e senhor, o defuncto, lhes havia communicado ser sua vontade que contra biessem matrimonio...

Por este exemplo se pode ver que poder não singular e limitado tinha a mummy regia no imperio dos Incas.

Se se considerarmos, ainda, que, até aos tempos de Atahulpa se continuavam a fazer incas que, segundo a tradição, foram precedidos por noventa monarchas peruanos, pode deuzir-se que a mummy grande era o numero dos cortesões que fungiam obediencia indirectamente ás ordens das mummies regias e acompanhavam a sua supposta vontade nos de mais habitantes



Mummy do Perú, com seus ornatos extracagantes. (Museo Ethnologico de Berlino)



Mummy real do Perú. (Museo Ethnologico de Berlino)

tes do vasto imperio.

Em nenhuma epoca e em nenhum paiz do mundo tiveram o mortos tanto poder como no Perú, paiz das mummies regias.

# Para se proteger contra a neurasthenia, anemia, reumatismo e debilidade mental, tomar phosphero e ferro

O COMPOSTO RIBOTT é uma combinação científica de Ferro, Phosphero e outros ingredientes de incontestavel valor, que a sciencia medica tem descoberto serem os melhores para curar as desordens nervosas, impureza do sangue, debilidade geral, desanimo, falta de appetite, etc.



Olha para aquelle par de rachticos: porque não tomar o COMPOSTO RIBOTT, para ganhar forças, vigor, vitalidade e energias?

pepticos. As pessoas anemicas, nervosas e dyspepticas não acharão nada melhor do que o COMPOSTO RIBOTT, para curar seus males rapida e radicalmente. Consulte seu medico, elle mesmo lhe aconselhara o COMPOSTO RIBOTT. A Venda em todas as drogarias e pharmacias acreditadas. Mandaremos amostra gratis as pessoas interessadas que solicitem pregos, e remetam por reis em sellos do correio para pagar o porte, etc. Enle. Representante no Brazil: B. Nicva, Caixa postal. 979. Rio de Janeiro.

O COMPOSTO RIBOTT, phosphato ferruginoso organico não é uma remedio de posse mte, mas uma formula secreta. O COMPOSTO RIBOTT, o grande tónico, é uma receita. A formula completa apparece impressa em cada etiqueta, de forma que qual quer medico podera dar o beneficio que é. A sciencia medica não tem descoberto nada melhor que os ingredientes do COMPOSTO RIBOTT, para manter o sangue puro, os nervos fortes, a mente desimpedida e os organos vitaes em condições de exercer suas funções naturaes.

Estando o sangue puro e com abundancia de globulos vermelhos não ha perigo de reumatismo, anemia e dores frequentes de cabeça, cuja unica causa consiste na impureza do sangue. O ferro organico que entra no COMPOSTO RIBOTT, que é o ferro mais assimilavel conhecido pela therapeutica moderna, aumenta rapidamente os globulos vermelhos do sangue, enriquecendo-o. O phosphero é o mais maravilhoso que se conhece para fortalecer os nervos, e refrescar a memoria.

A Noz Vomica é assaz conhecida como grande tónico estomacal e anti-dys-

## O cerebro do homem e da mulher

(Para a Revista Feminina)

Caras leitoras, continuemos hoje, bem a contra-gosto nosso, a utilizar-nos de estudos scientificos para o exito da causa feminina. Nas linhas seguintes, tem abalar as nossas crenças pessoas, apresentamos factos de sciencia corroborantes da justiça dos nossos ideaes.— Os medicos e os estudantes de medicina, meus collegas, leram com certeza (não em vesperas de exames...) as *lettas pequenas* da pagina 854 do II volume da *Anatomie descriptive*, do prof. Testu, e pesaram tudo quanto nos dizem Tenchini e Macedo respeito á commissura cinzenta do cerebro. Ora aquelles autores, na parte citada, vem demonstrar quão erronea é a opinião dos que apregoam a inferioridade da mulher por uma deficiência cerebral. Transcrevei as *lettas pequenas* da pagina citada para as leitoras que se não dedicam á Medicina.

El-as:

1. Tenchini (Ateneo Medico-Parizense.....1887) que cuidadosamente estudou a commissura cinzenta sobre 100 casos, 50 homens e 50 mulheres, chegou aos seguintes resultados:

1.º— *Peso médio do encephalo*: no homem, 1.365 grammas na mulher, 1.223 grs.

2.º— *Absencia de commissura cinzenta*: no homem, 15 vezes; na mulher, 7.

3.º— *Peso médio do encephalo*: no homem, 1.390 grammas; na mulher, 1.295 grs.

4.º— *Duplicidade de commissura cinzenta*: no homem, 3 vezes; na mulher, 11.

5.º— *Peso médio do encephalo*: no homem, 1.282 grammas; na mulher, 1.104 grs.

Vê-se por estas diferentes cifras que a commissura cinzenta não existe em maior numero de casos no homem do que na mulher e que, ao contrario, sua duplicidade observa-se de preferencia no sexo feminino.

Vê-se tambem, e é neste ponto que as pesquisas de Tenchini são interessantes, que, em um e outro sexo a ausencia da commissura cinzenta coexiste com uma massa encephalica bem superior á média, enquanto que a existencia de uma commissura dupla corresponde a um abasamento do peso médio do encephalo.

Macedo (1887), que examinou na Escola de Medicina de Lisboa 215 cerebros humanos, constatou, sobre 43 d'entre elles, a ausencia da commissura cinzenta, seja uma projecção de 20 por 100. Como Tenchini, elle viu que a anomalia era mais frequente no ho-

mem (22,4 por 100) do que na mulher (13,5 por 100) sómente! Mas, o que ha de curioso nas observações de Macedo (diz o prof. Testu), é que «a característica dominante dos individuos privados de commissura está em que ha nos seus actos psychicos de uma singular precipitação, acompanhada de uma certa desarmonia entre as impressões íternas e externas.» Ce seraiem (continua o prof. Testu), d'après l'auteur, des déséquilibres, des desharmonies, psychiquement parlant.

—o—

A superioridade do homem tem-se baseado no maior peso do seu cerebro: pelo menos é o que se diz e o que se lê. Sem o pathologico, tem a anomalia, fóra-nos difficil julgar o physiologico, o normal. O que ficou acima é a voz da sciencia de observação concreta, voz imparcial e soberana, que demonstra o contrario do que levianamente se afirma sobre o assumpto.

Entretanto nada concluei das *lettas pequenas* de grande saberia: muitos homens são impetinentes e consciuos do seu poder sobre todo o universo e até sobre os nossos sentimentos de dignidade. Deixem-os a sonhar o seu desegradado sonho, evitando-lhes o trabalho dos nervos vaso-motores.

—o—

Ha estudos scientificos que não acolheio a todas as leitoras-minhas, estudos que lhes parecerão pouco dignos. Francamente, poucas leitoras podem ler o «Les Etudes de la Nature Humaine», de Metchnikoff, embora seja pura toda a sciencia.

Os estudantes de medicina, generosos como todos (e falo agora especialmente com os meus bons collegas da Faculdade mineira), bem me poderiam trazer o seu intelligente concurso estudando as bellas paginas scientificas de Metchnikoff. O capitulo tedeiro subindia imensamente a causa que defendemos.

Por hoje, ficamos aqui... sem conclusões scientificas, si já isso é uma, a citação das opiniões dos grandes sabios Tenchini, Macedo, Testu o Metchnikoff, o que poderíamos ainda juntar a de colmeias inteiras de outras notabilidades scientificas, provando que não ha na mulher nenhuma inferioridade cerebral, que justifique a privação de direitos civis, cujo exercicio até hoje lhe tem sido negado, como si não fizesse parte da especie humana!...

Bello Horizonte, Agosto de 1918.

Alzira Reis.

# O MACRAMÉ

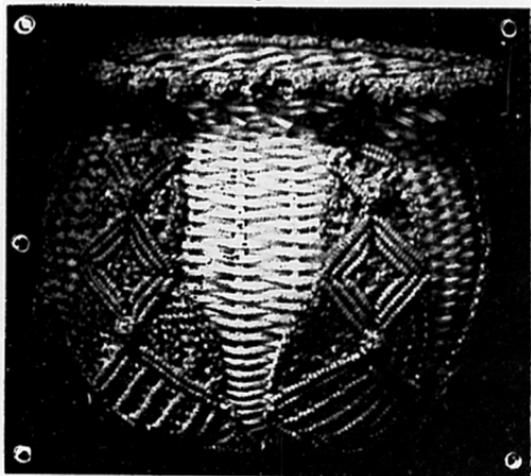
«Macramé» é um vocabulo arabe que serve para designar franjas e passamanarias. Por extensão, esta palavra entrou a ser applicada para indicar certos trabalhos que são confeccionados por meio de nós e entran-

nellas das habitações orientaes e que têm o nome de «moucharabieh».

Passemos agora aos lindos modelos que illustram hoje as nossas paginas de «Trabalhos femininos».

Os bicos de macramé que guarnecem o corpo desta corbeille e da qual damos ao lado direito o modelo em tamanho natural, são começados pela ponta. Pega-se de dois fios com os quaes se fazem vinte pontos de cadeia; depois, com dois fios, que se acrescentam, forma-se uma concha; — 2 fios á direita, 2 fios á esquerda; e, acrescentando-se 2 outros fios de cada lado, formam-se 2 «picois»; trabalha-se então com 12 fios. O medalhão do meio é executado com 20 fios, tendo sido acrescentados 4 fios novos á primeira barrinha deste medalhão; na parte inferior do bico,

Figura 1



Pequena "corbeille"

çamento de fios. Dá-se-lhes tambem o nome de franjas ponteadas de nós.

Se damos preferencia pelo termo arabe é porque este tem uma significação mais geral. Executam-se, pelo processo macramé, bandas, galões, grades, quadrados e rosáceas, como tambem franjas e bicos.

O macramé tinha cahido no esquecimento, e o processo da sua execução estaria, hoje, inteiramente esquecido se elle ainda não fosse conservado em alguns conventos e entre alguns povos slavos. herdeiros da tradição. Ha uns trinta annos, mais ou menos, quando o macramé appareceu, dizia-se que se tratava de uma invenção, quando, na verdade, era já coisa velha. O macramé é um dos labores mais interessantes e mais variados, porque elle encontra a sua applicação na ornamentação e enfeite de uma porção de objectos. Demais, estes labores são de uma solidez a toda a prova, o que tem contribuido grandemente para generalisar o seu emprego.

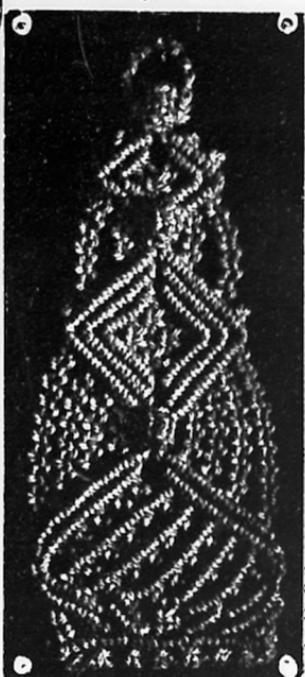
Como se vê, o estudo do macramé é o que ha, no genero, de mais recommendavel. A sua difficuldade não é senão apparente. E desde que a leitora queira acompanhar com attenção as nossas lições e observações, verá que, uma vez vencidas as primeiras difficuldades, tudo mais é facil. Em resumo, o macramé tem muito effeito e com elle pode-se executar uma enorme variedade de trabalhos, dos quaes ha uns que se assemelham a esses encantadores gradeados que ornam as ja-

perdem-se 4 fios afim de dar-lhe uma fórma arqueada.

Esta simples corbeille de vime, que se encontra a cada passo em nosso commercio, reveste de prompto um caracter original com a sua guarnição em macramé.

Sua parte superior é guarnecida com um circulo de conchinhas, executadas com 4 fios.

Figura 2



Bico de macramé executado com cordão arabe

# Galões de phantasia

para cintos, guarnições de roupas,  
blusas, etc.

Figura 3



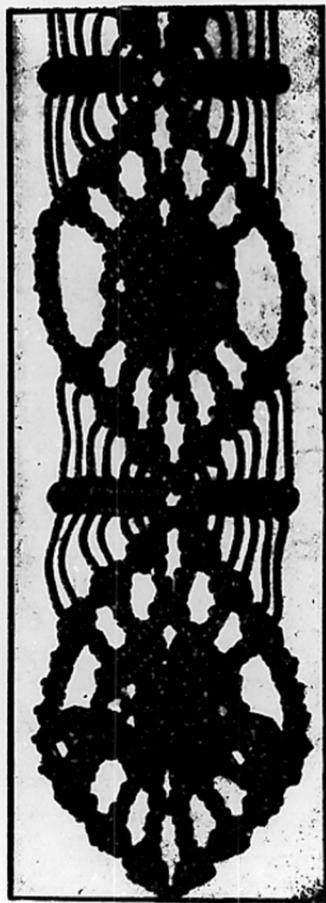
Executado com 12 fios;  
barrinhas, pontinhos e  
= pontos de bolsa.

Figura 4



Executados em 12 fios; barrin-  
has e pontinhos.

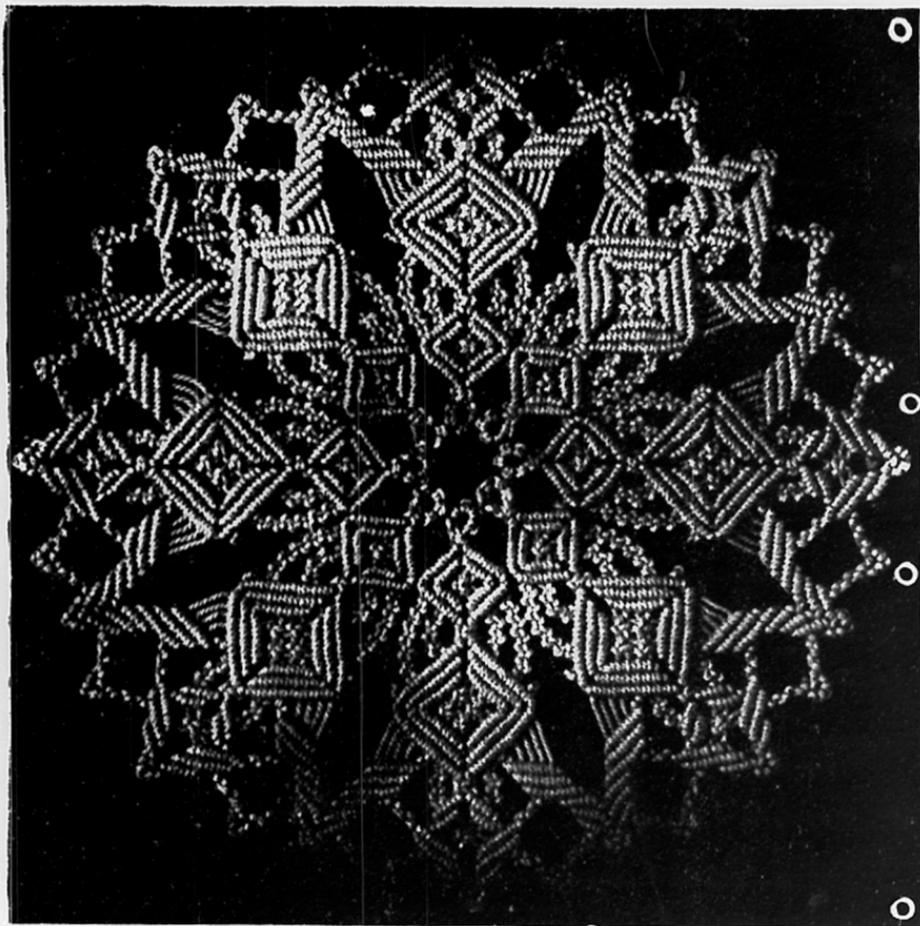
Figura 5



Executado em 16 fios; pontos  
de tela e pontinhos.

Estes tres galões são executados em cordão arabe

Figura 6



Para fundo de prato. Executado com cordão arabe.

Este trabalho é composto de 8 motivos independentes, que são juntados entre si, ao centro, por meio de alguns pontos de costura e na parte exterior por 3 pontos de tela. Cada motivo é começado pela ponta, executado com 2 fios duplos com os quaes se fazem 5 pontos de festão e 1 ponto de bolsa; 2 fios á direita, 2 fios á esquerda; barrinhas ás quaes se accrescentam 4 fios de cada lado; têm-se então 12 fios; pontos de cadeia, pontos de bolsa ao centro; barrinha com 4 fios novos para fazer o segundo medalhão. O motivo é acabado com 10 fios.

Este trabalho, executado em dimensões muito mais reduzidas, pôde servir de guarnição para "chemins de table".

# Interiores elegantes

Do conforto do lar depende a felicidade e o sucesso na vida.

Em S. Paulo, a despeito de certo gosto e de amor ao conforto, ha familias que, dispondo de um orçamento bastante largo para a sua subsistencia, descuram extranhamente da elegancia e, o que mais é, do conforto das suas casas. Isso é, de todo ponto, censuravel. A elegancia não foi creada exclusivamente para as exhibições urbanas em fórma de indumentaria; ella tambem foi feita para ser gosada no ambiente intimo do lar. Essa elegancia nem todas as familias a sentem como a deveriam sentir. Entretanto, nada mais agradavel a uma senhora do que, após um passeio, de volta de um baile ou de um espectáculo,



reintegrada no seu lar, observar que o aspecto da sua habitação nada deixa a desejar como elegancia discreta e de bom gosto, que os objectos que tem á vista, como mobiliario, tapeçaria, quadros ou grupos em bronze, são de feitura artistica, e que as proprias roupas brancas, quer as que usa para a sua indumentaria interna, quer as que usa no seu leito e na sua mesa, são de boa qualidade e obedecem ás variantes da moda creadas reventemente para o genero.

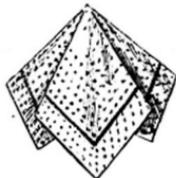
De uma vez por todas, devem as nossas patricias convencer-se de que não ha meia elegancia. Esta deve ser completa, integral. Uma senhora que se preza de elegante, e que, na sociedade que frequenta, no meio onde brilha, nos salões em que habitualmente se mostra, gosa desses fóros, gosa do prestigio que lhe dá a vida "chic", não deve occupar-se apenas com a sua "toilette", com a qualidade dos tecidos, com a graça dos ornatos, com a combinação de côres que deve presidir ao eileito do conjunto das suas roupas, mas tambem, e com igual carinho, deve occupar-se com a elegancia das suas roupas brancas internas e da "lingerie" da sua casa.



Mas tratemos da "lingerie". Quanta graça pôde haver numa toalha de mesa, num "chemin de table" posto enviezado sobre ella, numa colcha ressendendo um "chachel" fresco da gaveta onde este-

ve guardada, numa toalhinha de linho rendada sobre que assenta a fruteira, nos guardanapos alvissimos dobrados em triangulo, no fino lenço de batiste! Tudo isso concorre para dar ao interior, ao ambiente em que se vive, a graça indispensavel e o indispensavel conforto.

Em S. Paulo o gosto por essas coisas ainda não está, infelizmente, bastante generalizado. A casa Mappin, que todo S. Paulo conhece e que foi adoptada por todas as familias elegantes da cidade, é incançavel no sentido de educar, cada vez mais, o gosto das nossas patricias, fornecendo-lhes, em tudo que diz respeito a questões de "toilette", "lingerie" e confortos domesticos, os mais preciosos ensinamentos, em fórma de mercadorias desse genero, que expõe nos seus magníficos mostruarios, e que constituem, porventura, o meio mais pratico e eficaz para a educação do gosto. Quem quer que visite esse estabelecimento, demorando-se em cada secção



examinando todos os objectos que se fazem necessarios para a montagem de uma casa, convencer-se-á que só ella basta para, nessa materia, aliás complexa, fazer uma verdadeira cultura de gosto e orientar a escolha. Encontram-se alli, pelos preços mais vantajosos e variados, os mais sumptuosos reposteiros, os mais ricos tapetes e, no genero "lingerie", as mais bellas e encantadoras novidades.

A casa Mappin, não apenas no genero de que tratamos nesta noticia, como em tudo mais, é a mais completa que ha em S. Paulo. Os seus preços são sempre mais vantajosos que os dos outros estabelecimentos congêneres, e isso pela razão das compras excepçoes que realiza nas praças exportadoras.

As nossas leitoras lembramos, ainda uma vez, destas columnas, que visitem esse estabelecimento toda vez que queiram fazer compras. Agora, por exemplo, que todos os tecidos alcançaram os mais altos preços, pelas difficuldades de transporte e por outras cousas provenientes da guerra, convem observar a tabella de preços desse estabelecimento, cotejando-a com as outras tabellas da nossa praça.



# LEIAM a VERDADE!!

Exmo. Sr. Doutor G. Ricabal - Rio de Janeiro

Mañãos, 25 de Agosto de 1917

*Saudações.*

*Para patentear a maravilhosa cura em minha pessoa, dirijo-lhe esta carta, acompanhada de minha photographia, podendo fazer uso o que melhor lhe aprouver.*

*De ha muito tinha o profundo desgosto de não possuir um busto desenvolvido e de formas elegantes. Aconselhada por uma amiga que já se havia curado, recorri a sua maravilhosa PASTA RUSSA. Duas caixas apenas desse MILAGROSO REMEDIO, foi o bastante para que desapparecessem duas enormes cavidades que tinha nos lodos do pescoço e para desenvolver e endurecer os meus SEIOS que estavam anteriormente MOLLIS e CAHIDOS.*

*Agora possuo uns SEIOS volumosos e rigidos e um BUSTO que me enthusiasma!!*

*Por ser a expressão da verdade, firmo-me com a mais alta estima.*

Dr. VV. EEx. Gra.

Atta. Obrma.

Assiguado: *Dagmar de Carvalho.*

(Firma reconhecida.)

## A Pasta Russa do Doutor Ricabal

É um Produto de Valor, attestado por grande numero de Mulheres curadas  
Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS E CASAS DE PERFUMARIAS  
do Brazil

PREÇO DE UMA CAIXA 8\$000 - Pelo Correio mais 2\$000

Pedidos ao Agente Geral **J. DE CARVALHO** - Caixa postal, 1724

RIO DE JANEIRO

**A VISO** Cuidado com as imitações e falsificações perigosas!! Não se illudam!!  
Exijam sempre A PASTA RUSSA DO DOUTOR RICABAL

Vide os attestados e prospectos que acompanham cada Caixa.

# OS BORDADOS

"Plumetis" ou pontos em relevo.

O «plumetis» representa, no bordado branco, a parte mate e cheia, em opposição com o bordado inglês, que representa a parte clara e «ajourée», isto é: rendada. O relevo se obtém por meio do «enchimento»:

1.º—Contornem-se os motivos com pontos para a frente;

2.º—Encham-se inteiramente esses motivos por meio de pontos cerrados uns ao lado dos outros;

3.º—Cubra-se o enchimento por meio de pontos, regularmente deitados uns ao lado dos outros e de modo que cada um vá de um bordo a outro do motivo.



Figura 7

O plumetis e os seus diversos detalhes.



Figura 8

Bordado de plumetis em uma ou duas partes. Ponto de «sable»

*Nota importante* — Geralmente, ou, melhor, quasi sempre, os pontos de plumetis devem correr no sentido mais estreito do motivo; em outras palavras, os pontos devem ser *transversaes*, e é preciso que os pontos de enchimento sejam feitos em sentido contrario aos do bordado, isto é, no sentido do comprimento do motivo. Um golpe de vista lançado sobre a flor da figura 7 dá bem a comprehensão em que sentido deve ser feito o bordado.

Quando se tenha de bordar, em plumetis, um circulo de pequena dimensão, basta, para obter o enchimento, que se façam, no meio do circulo, duas cruces que se cortam (veja-se a figura 7); se se quer indicar a nervura de uma folha ou os rebordos das pétalas de uma flor, é mister encher separadamente cada metade da folha ou da petala, deixando uma liga de união vazia entre as duas partes, que serão tambem bordadas separadamente. A liga de união, vazia, a que nos referimos, accentua a nervura (veja-se a figura 8).

*Hastes*. — As hastes fazem-se em ponto de «cordonet»:

1.º—Cobrem-se com pontos para a frente;

2.º—Passa-se por cima destes em pequenos pontos obliquos, deitados uns ao lado dos outros. É possível que um motivo inteiramente bordado em plumetis adquira um aspecto excessivamente pesado; neste caso, para obstar a esse inconveniente, deve-se encher o plumetis, numa parte do motivo, por ponto de «sable».

Começa-se a contornar esta parte em ponto de cordonet, depois enche-se a parte inteiramente com uma sementeira de pontos muito pequenos, dispostos sem ordem e em todos os sentidos: é o «ponto de sable», que dá muita leveza, muita graça ao motivo bordado.

## Algumas variantes do bordado branco

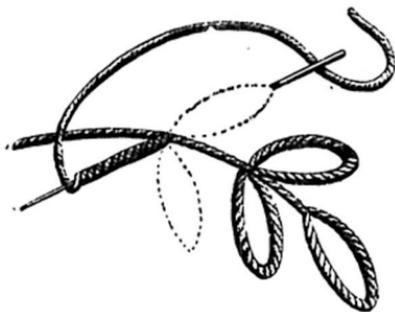


Figura 9  
Ponto de "poste"

As flores, as pétalas, os motivos cheios bordam-se, como se sabe, em plumetis. Se os motivos são de grandes dimensões, o conjunto, executado dessa maneira, nunca deixa de adquirir, como logo se adivinha, um aspecto pesado, que é, às vezes, desgracioso. Às vezes, mas nem sempre. O aspecto pesado pode ser proposital em alguns casos. Ha ramilhetes de rosas ou de cysanthemos bordados em plumetis, muito cheios, que, a despeito do seu excessivo relevo, têm um magnífico realce numa toalha de mesa ou num «chemin de table».

Ha casos, entretanto, em que convem dar ao ramilhete bordado uma certa leveza, que o tornará mais gracioso, mais airoso e mais delicado. Nesse caso é mister substituir o plumetis, de feição pesada, por pontos de phantasia dispostos em «fundo», em sementeira, sobre uma parte dos

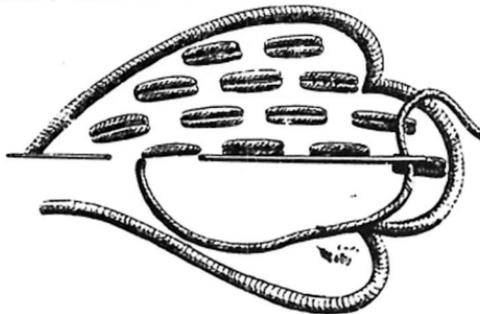


Figura 10  
Ponto de armas simples

motivos bordados. O ponto mais communmente empregado para isso e, porventura, o mais conhecido de todos, é o ponto de «sable», que se compõe de uma constellação de pontos em forma de sementeira. (Veja-se a figura 8.)

Outro ponto muito usado e que é indispensavel saber porque tem muita utilidade no bordado, é o que se chama ponto de «poste».

Num dos nossos numeros anteriores, num artigo intitulado «Rendas de Veneza», referimo-nos, embora de passagem, a esse ponto.

O ponto de «poste» serve principalmente para representar folhagens leves. E' muito facil de fazel-o. E' um dos mais facéis e dos que se fazem com mais rapidez. Imagine-se que, em certo lugar do bordado, é preciso representar uma petala de flor, um botão, um foliolo, qualquer coisa de leve. Tire-se a agulha para fi-

xar o fio no ponto onde se deve encontrar a base do foliolo, geralmente na haste; enfiar-se a agulha em seguida no ponto onde devera estar o apice do foliolo ou faça-se sahir sobre a haste, perto do ponto de sahida do fio. Mas não convem fazel-o passar inteiramente; basta a metade. Enrole-se o fio ao redor da ponta da agulha, tantas vezes quantas sejam precisas para obter um comprimento igual á parte da agulha que ficou sob o tecido. Tire-se então com precaução a agulha e o fio atravez do fio enrolado. E' preciso ter cuidado de collocar o polegar esquerdo sobre o fundo da agulha, para a manter segura, enquanto se enrola o fio, depois sobre a espiral do fio enquanto se tira a agulhada até ao seu limite. A pequen' espiral vem collocar-se em seu lugar. Pica-se novamente a agulha na ponta, fazendo-a sahir na base, depois do que, faz-se o segundo ponto que deve representar o segundo rebordo da folha, exactamente como foi feito o primeiro.

Se se deseja um desenho mais cheio, mais em relevo, ou, como se diz em nossa linguagem caseira, «mais armado», pode ser escolhido outro ponto, que chamamos «ponto de armas», que pode ser simples, ane-

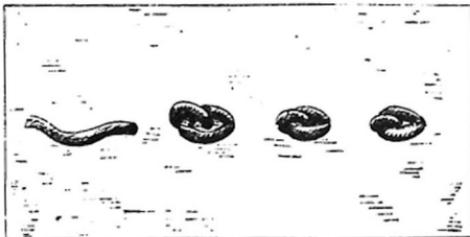


Figura 11  
Ponto de armas argola

lado ou torcido.

Façamos uma observação a proposito de cada um desses pontos. O «ponto de armas» anelado, está representado na figura 11, e o «torcido», na figura 12.

O ponto de «armas simples», em summa, é, em summa, o ponto de «sable» duplo. Faz-se um ponto de pesponto, depois um outro, enfiando a agulha no mesmo buraco.

O ponto de armas «anelado» consiste num pequenissimo ponto de argolinha, o mais apertado que se possa fazer. Cremos que é inutil repetir como elle se executa.

Enfiar-se a agulha em certo ponto, pique-se outra vez ao lado, bem junto, e faça-se sahir «um pouco» mais abaixo, tendo cuidado de fazel-a passar «acima» do fio; fer-se-á formado uma pequena argola á base da qual sae o fio, e fixar-se-á no lugar por meio de um pequeno ponto chato.

O «ponto de armas torcido» é o ponto de nó. Faz-se sahir a agulha no ponto que se deseja; depois de ter puxado o fio até ao seu limite, toma-se este entre o polegar e o index esquerdos, a uma pequena distancia do tecido, enrola-se o fio duas ou tres vezes ao redor da agulha, sempre contra o tecido, depois, mantendo sempre o fio, volta-se a agulha, com a ponta para baixo, e pica-se de novo contra o primeiro ponto de sahida. Depois retira-se o fio com precaução.

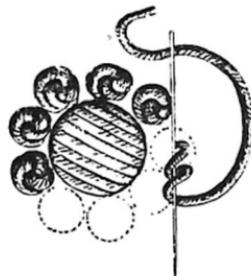
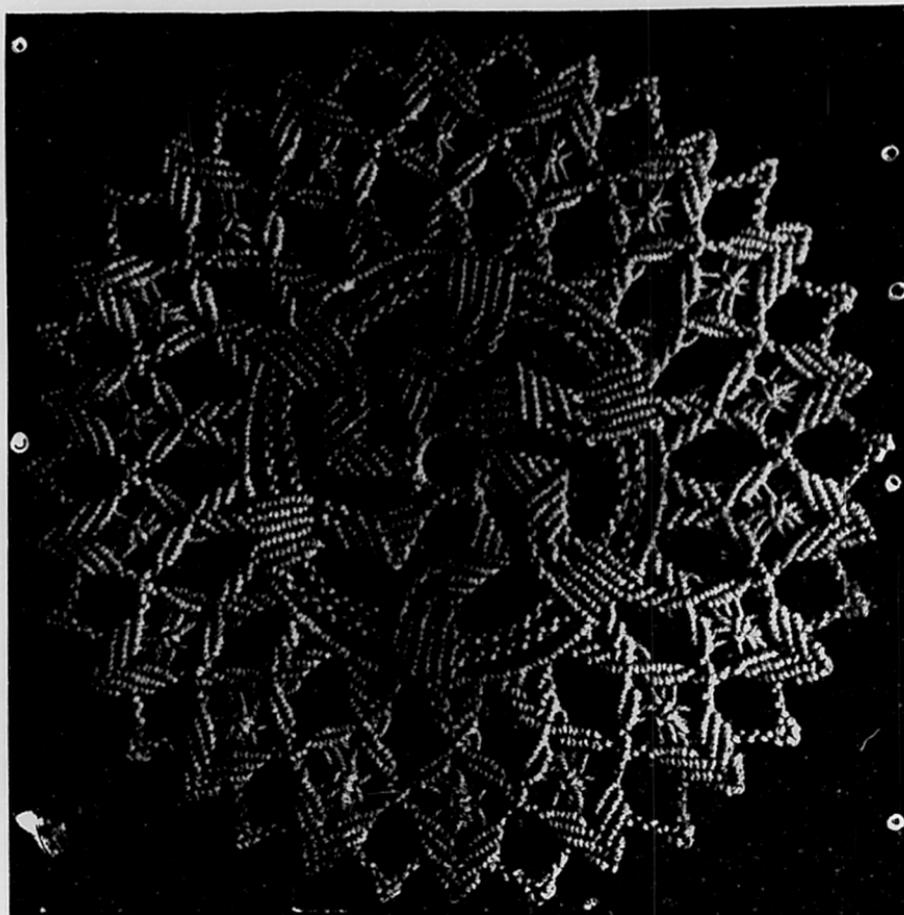


Figura 12  
Ponto de armas torcidos



Para fundo de prato — Executado em cordão arabe.

Este lavor começa-se pelo centro. Depois de ter feito, em torno do dedo mínimo, um anel, com 3 ou 4 voltas de fios, montar sobre este anel 36 fios em «cabeça de colchete». Todo o motivo central é executado com esses 36 fios. Os 3 cordões que formam os círculos, que enrodam este motivo, são executados em ponto de torçal com fios independentes. Sobre o terceiro cordão montar 12 fios entre cada série de barrinhas e ajuntar 2 outros fios á barrinha que segue imediatamente o segundo ponto de tela do ultimo motivo.

Executado com cordão arabe M. F. A. n.º 1 ou com o Cordonnet Crochet M. F. A. nos 10 ou 15, este trabalho é de um rico effeito e pode servir de ornato para toalha de mesa ou «chemin de table».

Emblemas e distinctivos para Clubs Sportivos ●●●●● Especialidade em emblemas para camizas de foot-ball  
**CASA RATTO** — Rua Gonçalves Dias, 47 - Rio de Janeiro — João Ratto & Cia.

# A SENTINELLA (Conto historico)

Era ao amanhecer do dia 25 de Agosto de 1758. Episodio tragico nos annaes da Historia. Dia da sangrenta batalha de Zornдорff, a mais terrivel jornada dessa epopéa grandiosa, dessa gigantesca pugna conhecida pela Guerra dos Sete Annos.

A aurora começava a illuminar timidamente com sangrentos resplendores o limpido horizonte, annunciando o dia, tingindo com tibia e incerta luz o campo, que, mais tarde, havia de córar tanto sob a abundante caudal de sangue humano.

O conde de Fermor, á testa de oitenta mil russos, tinha invadido o territorio prussiano, chegando, no impeto avassalador da sua investida, até á aldeia de Zornдорff, de onde sahiu, por se lhe oppor ao passo, o

grande Frederico II, á frente de um pequeno exercito que não chegava a sommar nem a metade do inimigo, mas que, em compensação, era dirigido pelos mais corajosos cabos de guerra prussianos, pelos vencedores das jornadas epicas de Leuthen e Rossbach.

Uma nutrida linha de alertas sentinellas separava os bivaches de ambos os exercitos, trocando, de vez em quando, alguns disparos entre si, através das densas nevoas da noite, produzindo continuos alarmas, que mantinham os belligerantes nesse terrivel estado de inquietação que precede inevitavelmente as grandes batalhas. Todos avanciam por que amanhecesse logo para acabar de uma vez com essa incerteza que os trazia angustiados e pôr um fim a essa tensão de nervos que os abalava.

Entre as sentinellas prussianas havia um joven soldado chamado Arnoldo, recentemente incorporado ao exercito, e que pela primeira vez prestava serviço de vigilancia em companhia, em frente ao inimigo.

Elle desejava vivamente que raissae a manhã, porque na noite anterior e no momento mesmo de marchar para as ultimas linhas da vanguarda, o postilhão lhe havia entregue, no acampamento, uma carta, que elle não tivera tempo de ler, por mais que tentasse decifral-a na sombra da noite, tentando attrahir para o papel a luz inquieta das estrellas.

Facilmente adivinhava de quem podia ser aquella mensagem. Porisso é que, depois de ter beijado o papel com todos os transportes da sua paixão, guardava-o, como um thesouro, junto ao coração. Não podia ser de outra senão de Hilda, a formosa mocinha de dezeseis primaveras, de olhos azues como as aguas de um lago, corada por uma linda cabelleira de ouro, a quem tinha jurado um eterno amor, certa vez, no recesso do bosque, aonde iam diariamente colher lenha para o fogão dos seus lares humildes. E, lá, escondidos na moita, protegidos pela sombra generosa, Arnoldo e Hilda sellaram com um intenso beijo de amor o seu juramento, sem mais testemunhas que dois passarinhos amorosos que saltavam de rama em rama, gorgueando, como elles, as suas ternuras...

As raparigas da aldeia tinham acompanhado os moços que partiam para a guerra até ás fronteiras, desejando-lhes boa sorte, encorajando-os com os sorrisos, enquanto, no intimo, recalçavam a dor que as pungia. Elles marchavam, cantando as suas canções patrioticas com essa alegria sã de quem marchapara cumprir um dever sagrado. Sagrado e, por ventura, agradável. Porque deve ser agradável contribuir com o esforço, com sangue e mesmo com a vida para a defesa da patria.

Arnoldo rememorava

ainda, naquella noite tragica, as ultimas palavras que Hilda, já longe, lhe enviava, numa lufada de vento, quando os soldados subiam a ultima collina que havia de occultar-lhes, talvez para sempre, as casinhas brancas da risonha aldeia. «Seja valente e lembre-se de mim!» foi a mensagem que Hilda confiou ao vento para que a levase aos ouvidos de Arnoldo, enquanto os lenços flamulavam no ar, lançando as ultimas despedidas.

Arnoldo não tinha deixado de lembrar-se da sua amada nem um só momento, apesar da vigilancia que tinha de exercer. Elle encontrava o meio de dividir a sua attenção entre Hilda e o inimigo.

Naquelle dia, que era o primeiro em que ia entrar em luta, tinha elle feito o proposito de cumprir a primeira parte da recommendação da sua noiva.



Advirta-se, pois, a ancia em que se encontrava o bravo rapaz para que o dia clareasse. Só assim é que podia ler a carta de Hilda, a primeira carta! E, apesar de adivinhar, com essa intuição própria dos namorados, tudo quanto sua amada lhe escrevera, impacientava-se por verificar, com os seus próprios olhos, tudo que, com maravilhoso instinto, adivinhara.

Agitado pela impaciência, viu transcorrer, minuto por minuto, a noite inteira. E foi essa impaciência que lhe facilitou o cumprimento do penoso serviço, porque, se não fosse a impaciência que o abalava, não se sabe como poderia resistir ao cansaço, depois das fatigantes e duras jornadas feitas desde Potsdam á marcha forçada. Outro motivo, também, contribuía para mantel-o alerta, escravo fiel da ordem, mais severa e implacável ainda quando em campanha e, o que mais é, em serviço de sentinella avançada nas viziahanças do inimigo.

Era proverbial no exercite que o proprio Frederico II gostava de certificar-se da vigiância das suas sentinellas. Não raro, elle em pessoa, guardando o incognito, visitava os postos avançados para se convencer, pela propria observação, da efficacia do serviço. A sentinella que lhe não dava o -alto- oportunamente, soffria um duro castigo. Os que surprehenda dormindo eram implacavelmente passados pelas armas. Todos os soldados sabiam disso, e o terror de ser surprehendidos pelo rei quando menos o esperassem, servia-lhes de estimulo para estar alerta.

Arnoldo não ignorava a inflexível severidade do vigilante soberano, pois era uma lenda constantemente repetida propositalmente pelos officiaes para despertar o estimulo do cumprimento desse dever, que é o mais delicado que um soldado pôde desempenhar, o unico em que o soldado se vê investido de certa iniciativa, que lhe dá personalidade propria, limitada naturalmente, pela ordem.

Mas, obsecado por aquella carta, não tinha o rapaz necessidade de recordar o rigor do seu rei. As pancadas fortes do seu coração bastavam para despertar a, embora, de espaço a espaço, abstrahido, pouco attento aos estrictos deveres de vigia, se puzesse a pensar na loura Hilda, a adorável rapariga que lhe subjugara o coração.

Os primeiros clarões da aurora rubesceram o céu. O dia annunciava-se. Os toques estridentes, energicos e mornos e pelo secco e nervoso rufar dos tambores, succediam-se num e noutro campo, ao longo das linhas. As ban leiras e estandartes ondulavam na briza matinal, e os dois exercitos, tomando das armas que dormiam ensarilhadas, preparavam-se para a matança.

Em ambos os campos reinou a anciedade mortal que precede os grandes encontros.

Arnoldo, abraçado ao seu fuzil, tinha os olhos fixos na carta, esperando que os primeiros raios do dia lhe permittissem ler as phrases de amor que a mão de Hilda, incerta mas enternecida, havia escripto.

Os seus olhos já começavam a ver claro, deleitando-se com as doces palavras de amor que Hilda traçara. Deixou-se então abstrahir por completo, alheio a tudo o que se passava em torno, e sem se aperceber que uma sombra solitaria avançava para elle.

A manhã era fria, apesar da estação. De quando em quando uma lufada de vento passava, silvando-lhe aos ouvidos. Foi nesse momento que uma lufada mais forte lhe arrebatou das mãos a carta querida, que, borboleteando no ar caprichosamente, voou, voou...

Esquecendo-se por completo do dever que o retinha em seu posto, angustiado pela perda daquelle thesouro do seu coração, correu atraz do papel, que ora subia ora descia, num capricho de vôo. Impaciente, deitou a correr pelo campo, emquanto, mais ligeiro que elle, o papel fugia.

Aquella corrida levou o alarma ao campo inimigo, onde as sentinellas, de arma á cara, romperam o fogo. Instante após, a fuzilaria troava. Aquella corrida esteve a ponto de produzir uma conflagração prematura.

Arnoldo, desesperado como estava, nem se apercebeu do perigo, apesar das balas que siblavam aos seus ouvidos. E elle teria avançado mais se, por acaso, com um gesto feliz, não tivesse flegado a carta com a ponta da bayoneta.

Já regressava, risinho e satisfeito, para o posto, inconsciente do perigo por que passara e da imprudencia que havia commettido. Mas um inquietação terrível o assaltou de subito quando, ao approximar-se do seu posto, o viu occupado por uma marcial figura.

O pobre soldado adivinhara, mal dissimulando o seu terror, quem era a sentinella que o substitua. E, ao adivinhal-o, previu o terrível castigo que o aguardava. O seu terror não era, de facto, infundado. Aquella sombra que se lhe approximara e que elle não vira,

quando o vento lhe arrebatara a carta das mãos, era o proprio rei. O infeliz ficou gelado de espanto ao descobrir, á luz incerta da aurora, o rosto severo e energico do monarcha.

O piquete incumbido de render as sentinellas, approxinou-se daquelle posto; e os companheiros de Arnoldo, ao ver o soberano no logar da infiel sentinella, comprehendem tudo. O rei cedeu a guarda segundo a fórma prescripta, não sem recordar, com expressões bem claras para que fosse ouvido por todos, que não se devia ceder o posto senão morto. Quando os soldados se approximaram de Arnoldo, surprehenderam-no chorando como uma creança, molhando com suas lagrimas aquella carta, causa da sua perdição. Naquelle



gesto traduzia elle a sua despedida, despedida para sempre da vida e do seu amor.

\* \*

O delicto de Arnaldo é dos que são julgados em juízo summarissimo. A sentença se cumpre minutos depois de ser dictada. Não ha defeza possível. De resto, a unica testemunha do delicto era o proprio monarcha. Para o caso a pena que se impunha era o fuzilamento.

Já tinha sido indicado o pelotão que devia fazer o expiar a sua gravissima falta, quando um sonoro toque de clarins do exercito inimigo, seguido instantaneamente de um intenso canhoneio, annunciou o inicio das hostilidades. O exercito russo tinha iniciado o ataque, fiado na immensa superioridade da sua força e da sua artilharia.

Os prussianos manobram com destreza. As ondas do exercito russo atacaram ás subitas as formações prussianas. Os cossacos lançaram-se sobre a infantaria de linha, que aguardou a pé firme e a avalanche, resistindo á arremetida, naquella disposição strategica conhecida por «muralha», prescripta pelos regulamentos taticos do grande strategista que era Frederico II. A magnifica carga viu-se contida ante a solida muralha de aço e chumbo. Os russos chegaram ao maximo do seu esforço, e houve um momento em que vacillaram, momento escolhido pelo grande monarcha para contra-atacar com todas as suas forças. Poucas vezes offerece a Historia um quadro de luta tão encarniçada como o que offereceu naquella memoravel jornada de Zornдорff. Os dois exercitos confundiram-se em massa num estreito e gigantesco corpo a corpo que fez emudecer a artilharia. Os prussianos avançavam, ebrios de coragem, gritando: «Os prussianos não dão quartel!» A que os russos respondiam: «Jem nós!»

Viu-se um cossaco ferido ferrar os dentes num granadeiro que o havia derrubado, arrancando-lhe, a dentadas, pedaços de carne, confundidos, com um outro, num mortal abraço.

O grande Frederico, que contemplava aquella scena, disse:

— Esses russos são mais difficeis de matar que de vencer.

Mas os russos se iam organisando de novo, paulatinamente, num espasmo de heroica resistencia. Exhaustos, os prussianos vacillavam ante aquella nova resistencia. O rei, que, de momento a momento, via augmentar a indecisão das suas tropas, poz-se, com risco imminente da sua propria vida, em frente do terrivel regimento de Bülow, dando novo estímulo aos soldados, que, desfallecidos pela fadiga, jaziam tombados no chão, resguardando-se por entre os mortos e feridos que juncavam tragicamente o campo ensanguentado.

— Animo, camaradas! exclama o rei. Segui-me! Não por mim, senão por Deus e pela Patria!

Electrizados pelo exemplo do soberano que, empunhando a bandeira do regimento, avançava sósinho contra o inimigo, seguiram-no, ardentes de vigor, mais corajosos que antes.

Ao terminar a aspera refrega, o campo tinha sido conquistado pelos prussianos.

\* \*

A batalha havia interrompido a execução do infeliz Arnaldo, que, cheio de colera, teve que suportar a vigilancia de um granadeiro, que, fiel á ordem recebida, não olhara uma só vez para o seu captivo. E enquanto este, impotente, aguardava a sua morte estúpida, não longe os seus camaradas se cobriam de gloria. Oh! quanto não daria elle para receber o seu baptismo de fogo. Como lhe doia pensar que o extranho baptismo de fogo que ia receber, de olhos vendados, em vez de o cobrir de gloria, o deshonrava! Que morte triste para um valente!

Os russos, com o seu ataque, tinham, sem o saber, adiado a morte de Arnaldo.

Naquella mesma noite, em meio á desordem e á consequente confusão, o rei, por acaso, dirigiu-se á tenda de campanha que servia de carcere ao desgraçado. Com sua attitudde caracteristica, com seu gesto se-

vero, magestoso, mãos atraz das costas, empunhando o bastão de commando, as pernas um pouco alertas, o dorso meio curvo, Frederico o Grande mediu de alto a baixo a infiel sentinella; e, após uns segundos de silencio e de exame, perguntou-lhe:

— Já comprehendeste todo o alcance da tua imprudencia?

Arnoldo permaneceu de cabeça alta, sem deixar trahir por um gesto ou por um rictus nenhuma emoção.

— Que papel era aquelle que tinhas tanto interesse em não perder? Indagou o monarcha com um gesto energico.

Arnoldo tirou do bolso interno a carta de Hilda, e, entregando-a ao rei, voltou de novo á sua postura anterior, rigida e corajosa.

Frederico o Grande leu a carta á luz tenue da candeia de azeite que pendia do alto da tenda. Leu-a, dobrou-a e devolveu-a ao condemnado, sem uma palavra de commentario, sem um movimento de surpresa, severo, frio, impenetravel.

No dia seguinte, ao amanhecer, um piquete formado por camaradas de Arnaldo, deu-lhe voz de marcha, conduzindo-o para fóra do acampamento, para o lugar onde ia ser executado.

Os sinistros preparativos começaram ao sangrento resplendor da aurora.

Os clarins romperam a sonata matinal, saudando, num hymno de triumpho, aquelle novo dia, herdeiro feliz da vespera gloriosa.

Os clarins soaram no ar, penetrando nos campos, ao rufo compassado dos tambores.

Os soldados iam levar á cara os fuzis, quando os interrompeu um official que chegava, a todo o galope do cavallo. O recém-chegado entregou uma carta ao official encarregado da execução. Era uma ordem do proprio rei Frederico. Nella estava notificado o indulto do réo «por excepção e attendendo ás causas que motivaram a falta.» O magnanimo coração do monarcha philosopho não poudo consentir que morresse um soldado por uma causa tão sympathica.

Arnoldo foi reintegrado ás fileiras, e correspondendo ao favor excepcional com o que havia distinguido o seu soberano, procurou, durante toda a campanha, mostrar-se digno da honra recebida. E quando, terminada a campanha, voltou para a sua aldeia, trazia as divisas de sargento. E ao atirar-se a braços de Hilda, lembrou-se que por pouco não se tinha apartado delles para sempre...

G. Rittwagen.

## Nossa Senhora do Fanado

A minha Mãe:

• Ave, Maria! •

De azul, cabello solto, ás mãos um terço,  
Ao domingo ia eu á velha igreja  
De minha terra, dessa que o meu verso  
Embalava e está commigo onde eu esteja.

Meu labio então não sabe o que deseja...  
Póde-se lá sabel-o inda no berço?  
Depois descri... Nessa fallaz pelega,  
sonhava tudo bom, embora adverso.

E sempre fui feliz. Doce figura  
Rezava noite e sol pela ventura  
Daquella que a descrença envenenava.

Na Matriz, quando o calix se elevava,  
Minha mãe, toda fé, toda ternura,  
P' santa do Fanado me entregava.

Do «Evangelario», 1918.

Alzira Reis.

# MERCURIO

Não ha, por certo, entre as nossas leitoras uma só que não conheça Mercurio. É um Deus muito familiar. Rara é a farmacia ou drogaria que não traga, no alto da porta, a figura do formoso neme, ou, pelo menos, o caduceo, que elle trazia á dextra. O caduceo, que é o seu attributo, é representado por um T enlaçado por duas cobras, que lançam a sua peçonha sobre uma taça.

Mas, se as nossas leitoras vêm constantemente o alado deus, é quasi provavel que o não conheçam bem. Não é pois uma mera demonstração de erudição historica o que lhes amos, nestas paginas, offerecer.

A fabula mythologica do paganismo helenico, a arte classica, a poesia dramatica, epica e lyrica de todos os tempos e nações têm buscado recursos de inspiração neste formoso symbolo do commercio e actividade humana. Mercurio gosa das sympathias geraes.

Curioso é observar o estudo do desenvolvimento de todos os povos do planeta. O homem vem ao mundo com paixões e defeitos, muito proprios da sua limitada e finita natureza. A sua propria fraqueza, o terror do desconhecido, o mysterio que o envolve desde o berço até ao momento em que se despede da vida, obrigaram-no a crear a fabula, a lenda e o mytho. O mytho grego, como, de resto, todos os mythos, tem a virtude de mostrar ao homem, não a fealdade e o horror do que é, senão a belleza e a perfeição do que *devera ser*.

O facto de haver o homem creado uma mythologia ou theogonia de deuses fabulosos, cheios de paixões humanas e de humanas miserias, mas senhores dos elementos da vida, da morte e do futuro, está perfeitamente conforme á nossa misera condição. A raça de pastores que, primitivamente, habitou a Grecia, creou uma divindade poderosa que, dominando o céu, presidia ao destino dos homens na terra. Aparece, então Jupiter, chamado por Homero o «pae dos homens e dos deuses» (*Pater andronte zeonle*) que se impõe á adoração da humanidade, sem perder o seu caracter de falsario ruim, esposo infiel e seductor de todas as mulheres formosas, que povoaaram a terra, de todas as semideusas gentis que pervagavam pelos bosques e de todas as lindas deusas que eram o ornato do Olympo. Seja qual fosse a baixeza de instinctos do velho Jupiter, o homem portava-se severamente e humildemente ante as columnas do seu templo, e a aguia dos imperios era collocada sob as suas plantas como symbolo de gratidão pelas victorias presentes e em signal de rogo para os triumphos futuros.

Convencendo-se o homem de que a paixão e miseria humana são inherentes até aos proprios deuses, nunca se preoccupou de emendar-se ou de sopitar os seus impulsos; porisso é que o paganismo morreu, cedendo por força a hegemonia social ao christianismo, que é inspirado por uma moral inteiramente opposta.

O esforço que o homem desenvolve para estreitar as multiplicas relações sociaes entre os diversos

povos, e os bens, não apenas materiaes, mas moeras carreados para a humanidade pelo cmbio de productos entre umas nações e outras, ora por meio da navegação, ora pelas expansões colonial, tudo isso necessitava ser presidido por um genio ou deus, que tornasse menos pesado esse esforço e mais

fecundos os seus resultados. Porisso o homem creou a fabula de Hermes, nome com que, primitivamente, era conhecido Mercurio.

A paz era mais grata que a luta ás nações que gozavam dos seus beneficios e que tinham a mi vida propria.

Esta é a razão por que Mercurio foi o primeiro deus creado para presidir ás relações pacificas e sociaes. Hermes, nos primordios da civilisação helenica, foi o mediador entre a luz (*Hellios*) as trevas (*Ades*). Considerado benfeitor da humanidade, veiu a ser, com o correr dos tempos, o deus do lucro, sendo tambem, num sentido mais elevado, o deus salvador (*Sóter*), inimigo do mal, qualidade essa que era commum a outras divindades, como Apollo, Hercules e Titan.

Assim foi considerado Hermes ou Mercurio durante os primeiros tempos da civilisação helenica, e assim o vemos em Homero (*Odisséa*, cantos VII e XIII) desempenhando a commissão de transmittir recados entre os deuses e os mortaes.

Aquelle *Edyta enla pedila* (calçou os formosos sapatos), de Homero, que precede a descripção da indumentaria de Mercurio, é um traço beni caracteristico que a antiguidade nos fornece a proposito das emprezas desta divindade pagã. Na ultima scena do *Prometeo*, de Eschilo, Mercurio desce do Olympo para arrancar á protagonista o segredo que deve ser a causa da invasão do reino de Jupiter; e o poeta grego põe na bocca de *Prometeo* uma descripção minuciosa das missões, não muito honrosas ás vezes, que o alado mensageiro sohia desempenhar. Dentre essas missões avulta uma, que é a mais conhecida de todos e, provavelmente, a mais vergonhosa. É a que elle desempenha a serviço de Jupiter, tomando a forma de Sosas para penetrar na casa de Amphitrião. Esse episodio da vida de Mercurio inspirou a *Moliere* a mais engraçada e interessante das suas comedias.

Com o decorrer dos seculos, Hermes tornou-se tambem advogado para presidir ao exito das trocas mercantias, ás negociações de toda a sorte, ás emprezas commerciaes. A imagem deste deus começou então a figurar nos *ágoras* (praças publicas) de Athenas. Attribua-se-lhe a invenção das balanças, dos pesos, das medidas e até do primeiro codigo de commercio. Como nada ha tão proprio para a diffusão de uma idéa, de uma moda



e de tudo mais, como as relações marítimas, todas as embarcações gregas que cruzavam o Mediterraneo divulgaram pelas costas da Italia e da Hespanha o culto de Hermes, a quem tambem foram erigidos templos e altares em Agrigento, Syracusa, Messona, Marselha e outras localidades.

Os romanos confiaram-lhe a tutela e a segurança dos navegantes em alto mar e o cuidado das mercadorias que enchiam o bojo das barcas. Ao terminar a civilização grega e ao recommear o apogeo da romana, do nome latino *merc* *mercis* (mercancia) e do grego *ourion* (fluir, atravessar) formaram o de *Mercurio*, fundindo numa só entidade o mytho grego *Hermes* e o *Mercutio* latino.

Além do caduceo, com as duas serpentes enlaçadas, com que se figurava em medalhas e moedas antigas, das sandalias aladas que calça e o capacete alado (*petasus*), os romanos representam-n'o ainda empunhando uma bolsa de dinheiro, symbolo da tutela que sobre as transações monetarias exercia. Deram-lhe tambem a soberania na direcção dos exercicios *gymnasticos*, representando-o, por esse motivo, na forma de um bello e herculeo manco, inteiramente nu. E' assim que o vemos nas populares e conhecidas estatuas de Donatello e de Simão de Bolonha. Fizeram-n'o tambem arbitro tutelar da Eloquencia, no interesse de significar que o talento, a força e a actividade são os elementos concomitantes do commercio e de toda empreza mercantil.

Foi tal a devoção dos povos antigos por Mercurio, que chegaram até a attribuir-lhe a invenção da palavra humana. Estava persuadido aquelles povos de que o mediador entre os homens e os deuses é quem havia revelado aos primeiros o *logos*, elemento primordial da expressão de toda idça. De facto, os antigos não podiam crer que o *verbo*, a palavra humana, a linguagem fosse creada pelos homens. Os deuses é que a ensinaram aos homens.

O typo plastico de Hermes e Mercurio inspirou, em todos os tempos, os artistas escriptores, podendo-se afirmar que tão fecundo foi para a arte como para o commercio o symbolo mythologico que elle encerra. Platão viu em Hermes a encarnação do deus Thot da theogonia egypcia; Homero, Eschilo e Sophocles fizeram-no desempenhar os papéis mais importantes nos seus poemas immortaes; Plauto, na sua comedia *Amphitruo*, dá-lhe um papel de relevo; Ovidio, nas suas *metamorphoses*, Horacio,

sua celebre ode *Te dolicilla magistra* e outros poetas levantaram-lhe o monumento perduravel da sua arte inextinguivel.

A estatua de Praxiteles descoberta em Olympica, o Hermes de Belvedere (que pertence ao Museu do Vaticano) o Hermes do Palacio Farnesio e o que, ha poucos foi descoberto em Herculano, são as obras mais celebres em que a antiguidade representou Mercurio. Nas pinturas muraes, nos mosaicos, nos alto-relevos, nos vasos e amploras, e moedas e medalhas, a tradição grega perpetuou-o na mesma attitude de deus do commercio, da eloquencia, da velocidade e da astucia.

Na Alsacia e na Lorena, nas povoações banhadas pelo Rheno e pelo Danubio, teve esta divindade do paganismo estatuas e azas, assim como nas colonias e municipios do littoral Mediterraneo, o que demonstra quão universal foi, naquelleos tempos remotos, o seu culto. O baixo-relevo chamado de Orphico, existente no Museu Britannico, no Vaticano e no Louvre, representam-n'o segundo a tradição latina, isto é: com a bolsa, o capacete de azas e o caduceo.

O primeiro templo dedicado em Roma a Mercurio foi fundado em 495 antes de Jesus Christo em comemoração do primeiro tratado de commercio que Roma, um seculo antes, celebrara com Carthago.

Os commerciantes faziam sacrificios em honra de Mercurio. Nos primeiros dias de Maio e nos annos de carestia os negociantes mergulhavam ramos de loureiro na ponte construida ante o altar do deus, e com elles rociavam, segundo o rito proprio, as quilhas das naves que remontavam o Tibre com mercadorias. Esse symbolo pretende demonstrar que a prosperidade nas emprezas mercantis depende menos da actividade humana que da força sobrenatural que rege todos os elementos.

Já dissemos o bastante sobre o formoso deus. As estatuas, pois, que o conheciam apenas de vista, se se deram ao trabalho de passar os olhos por estas paginas, ficarão conhecendo tambem os seus attributos sobrenaturaes, attributos em que hoje, nesta epoca de scepticismo, ninguem crê, mas em que os ossos maiores da Grecia e Roma piamente acreditavam.

«Les dieux s'en vont»...



## A Sciencia da Maternidade

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente: «Isto elle bebeu com o leite» e nesta synthese popular está encerrada toda a importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber a força, a saúde, o *mens sana in corpore sano*; com o leite pode-se tambem beber o rachtismo, a fraqueza dos ossos, a pessima dentição, prenunciando um futuro miseravel, arrastado em meio de molestias e de dores.

Na maior parte desses ultimos casos a mãe deve ser accusada; durante o aleitamento ella não se preoccupou de repousar, de alimentar-se bem e, principalmente, de enriquecer o seu leite com principios nutritivos e basicos para a formação do esqueleto da criança, do arcabouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella teria evitado se tomasse cada dia quatro *Malcom Iricalsic Pastilles*, nas quaes existem todos os elementos necessarios para tornar o leite abundante, grosso, gorduroso e opulento de principios calcicos para a formação dos den-

tes e dos ossos. A Empresa Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em São Paulo—Um vidro com 100 partilhas: 20\$000. Enviar o pedido e importancia. — Com quantia tão insignificante garantireis a formação perfeita do lindo bebé sobre o qual repousa o vosso olhar delicado de mãe.

Empresa Feminina Brasileira

REVISTA FEMININA

Praça Antonio Prado (Palacete

Briccola) São Paulo

# A BELLA ERNESTINA

Quando eu comecei a estudar medicina, no alvoroço da minha juventude, adverti que uma caveira era tão necessária na choupana de um anachoreta como sobre a mesa de um estudante de ortologia, porque ella me daria bem a idéa do genero dos meus estudos ao mesmo tempo que me libertava dos meus temores pueris. Ella fazia o medico e fazia o homem. E era por isso, mais do que pelo interesse que despertam maravilhosas uniões craneanas, que se dispõem em fórma de rendas, que muitos dos meus companheiros, como novos São Jeronimos, usavam como pesa-papeis as caveiras, espanto e terror das mamás assustadiças, das irmanzinhas timidas e outras senhoras supersticiosas. Eu tambem havia de possuir a minha caveira. Por certo!

Para isso escrevi ao tio Roque, co-veiro da villa onde nasci e me criei. O velho Roque já havia, ás escondidas, arranjado algumas para os condicipulos meus, e até, um excellente esqueleto, inteirinho, para o director da Escola que fazia crer aos outros que recebera da Allemanha.

Tio Roque tinha recursos para preparar aquelles despojos roubados ao descanço eterno no seio maternal da terra. Branquera-os com cal em combinação com sol e as chuvas, convertendo-os em alvissimos marfins.

Quando, pela Pascoa, volvi á minha villa, em gozo de ferias, o sollicito co-veiro, todo o risonho, entregou-me a caveira cuidadosamente embrulhada, como se se tratasse de um redondo queijão do Reino...

Só desfiz o embrulho quando cheguei á capital e entrei no meu quarto de estudante. E devo confessar que, ao desembrulhar, fil-o com certo respeito, ouvindo o castanholar produzido pelo entrechoque das descarnadas mandibulas, augmentado pelas resonancias na caixa oca do craneo.

Era um bello, um raro exemplar. Parecia menos de osso que de porcelana a que se desse uma camada

de verniz. Parecia mais um producto da humana natureza. A fronte alta e redonda, enormes as orbitas oculares, arredondadas as zigomas, reentrantes os maxillares e completos os perfectissimos dentes. Trinta e dois dentes, sem faltar um só. Uma caveira linda!

Comecei a tomar-me de amor por ella. Phantasiava um pouco, começando a cuidar que ella pertencera a uma mulher, Oh! não havia duvida. Aquelles restos peter-

ceram a uma dama, e, o que, naquella idade, eu era mais ou menos poeta. Acariçava aquelles ossos, limpava-os, brunia-os.

E foi numa petala, que vi brilhar um pontinho de ouro, sim, um pontinho de ouro que reluziu como uma chispa de fogo, como um raio-sinho de luz. A caveira tinha uma corôa de ouro entre dois molares superiores.

Oh! Aquillo era coisa rara! E tan-

to mais que se tratava de um despojo da valla commun, de um esqueleto anonymo. Quem teria sido aquella mulher, aquella desventurada mulher, que, provavelmente, tinha morrido no hospital da minha villa, sem que uma mão amiga, depois de cerrar-lhe os olhos, adquirisse para ella um palmo de terra que a cobrisse para sempre? Quem teria sido ella?

Um dia, o tio Roque, pondo o dedo nos labios como a impor silencio e discreção, desembuciu. Eu ainda não tinha nascido e ella já estava morta. Era a Ritinha, a filha do defunto tio Cunha, da Pedreira. Quando menina, vivia pelas casas alheias como agregada.

Fazia serviços leves, compatíveis com a sua idade e com a sua natureza delicada. Bonita, isso nem se fala. Não havia em toda aquella redondeza um palminho de cara como o della. De repente, sem que ninguém o suspeitasse, e Ritinha, desprezando o avental de creada, saltou para o telhado de um theatro, e ella transformada noite para o dia, na «Bella Ernestina!». O mundo pasmou com o seu apparecimento. O publico dos theatros ainda não tinha visto em scena um corpo mais lindo, um sor-



riso mais gracioso e uns olhos mais fulgurantes. E que voz! Era um canário a gorgelar. Depois, não se sabe como, cahiu do seu pedestal, rolou em baixo e veiu dar com os ossos na cama do hospital, no humilde povoado em que nascera. Morreu na miséria, abandonada, em plena juventude. Foi a tuberculose que a matou.

Pobre Ritinha!

Resumiram-se nisto as informações de tio Roque. Nem mais um pormenor sobre a sua vida de thatro ou sobre a sua vida sentimental. Devia ter tido paixões intensíssimas. Naquelle tempo, o nosso paiz estava em plena phase romantica. Havia as mulheres fataes. Os poetas usavam morrer cedo. Todas as donzellas eram mais ou menos Elviras, e todos os namorados eram mais ou menos Tancredos.

Ella era pois a «Bella

teria a sua garganta, afeita ás vocalizações! Oh! Meu Deus! como dei tratos á imaginação! Como sonhei, delirei, extraveguei para a recompor, tal como ella tinha sido, em corpo e alma!

Infelizmente, a peste dos cartões postaes ainda não havia assolado o mundo como uma epidemia. As celebridades, as «estrellas» de café cantante, as «divettes» de fama universal usavam apenas offerecer a sua photographia aos admiradores. Como se sabe, a photographia tem a propriedade de envelhecer ao mesmo tempo que a



pessoa photographada. São duas velhices que correm parellhas. Quando uma mulher envelhece, a sua photographia de mocidade tambem perde a côr, desbota em certos sitios, ganha mancias no rosto e asperezas na pelle.

Restavam as revistas illustradas. Mas os retratos, naquelle tempo, eram feitos á penna e tão pouco parecidos com o original...

Folheei revistas, magazines, illustrações... Até que...

Ah! tive de apoiar-me a uma cadeira para não cair, tal foi a emoção que me tomara.

Alli estava, na «Revista Illustrada», na secção de theatro, occupando a metade de uma pagina, o retrato della, bem contornado e nitido. Em cima estava o nome: «Bella Ernestina», e, em baixo, os dizeres: «Magnifica cantora, primeiro premio de belleza no concurso iniciado pela «Revista Illustrada».

Era realmente bella a Ernestina; era o mais perfeito exemplar da belleza de uma raça. Os seus cabellos eram negros e de uma abundancia tumultuosa; negros os olhos, grandes e rasgados, orlados de duas sobranceiras suavemente arqueadas; recto o nariz, de um côrte energico; carnudos os labios e gracioso o sorriso; na testa, ao lado esquerdo, um «acrocche-coeur», como então se usava; alto o collo, como o de uma pomba farta; esculpturase os hombros... Era ella, pois, a Bella Ernestina! Depois que a conheci, os

Ernestina! Sim, eu recordava-me, como num sonho, de que já tinha ouvido falar daquella mulher, da sua belleza, que fascinava e da estranha fulguração dos seus olhos. Apoderou-se então de mim a irresistivel curiosidade de saber tudo que dissesse respeito a ella. Queria saber a cor dos seus olhos, o feiço do seu penteado, o timbre da sua voz, os contornos do seu corpo e mil outros detalhes da sua belleza, da sua existencia e do seu amor. Aquelles labios, ou, melhor, os labios que revestiam aquella dentuça de caveira, eram finos ou grossos? Eram pallidos, como convém ás damas romanticas, ou vermelhos? Quantas promessas de amor tinham feito? Quantas vezes tinham mentido? Que curva harmoniosa

meus devaneios começaram a roçar pelo delírio. Nesse anno fui reprovado.

Ao contemplanter aquellas feições, parecia-me encontrar nellas alguma coisa que me pertencia, como se, em outra vida, ella tivesse sido minha.

Mas, no meu quarto, quasi sem o querer, volvi os olhos para a caveira, que continuava a rir, de cima de minha mesa de trabalho, entre o tinteiro e o compendio de anatomia. Fiquei frio ao ver o olhar das orbitas vasias, ao ver aquelle horror que servia de armação para uma belleza que se extinguira, ao ver aquelles despojos que haviam sobrado á voracidade dos vermes. Naquelle caveira, pois, arrancada ao segredo da valla communem pelo capricho de um estudante e pelo sacrilegio de um covreiro, naquillo, que não passava de cinza, pó e nada, residira, annos antes, uma mulher que illuminou o mundo com os multiplos resplendores da sua formosura.

Ernestina, bella Ernestina, adorada Ernestina, como eu te haveria amado se te encontrasse em meu caminho! amar-te-ia até á loucura!

Inclinei-me sobre a caveira, abracei-a com o meu braço esquerdo, como se abraçasse uma cabeça viva, apoiou sobre ella a minha fronte sonhadora... e, em vez de uma oração, floresceu em meus labios uma cáldia litanía de madrigaes amorosos, recitados junto aquelles ouvidos que já não me escutavam, exaltando a belleza daquelles cabellos que já não existiam, daquelles olhos que a terra devorara, daquella bocca, cujas promessas de amor só foram pagas aos vermes... E, arrebatado pelo meu sonho de allucinado, colloquei os meus labios, cheios de commoção e de amor, sobre aquella dentuça gelada.

Nesse beijo puz toda a minha vida, tudo quanto em mim podia haver de ternura e de paixão.

Não sei se foi illusão ou allucinação. A caveira estremeceu entre as minhas mãos ao contacto daquelle beijo posthumo, tributo á belleza vencida; e aquella caveira branca, como insuflada de uma vida fugaz, olhou-me agradecida e sorriu, irradiado um resplendor sobrenatural...

Vicente Tejada.

## O traje masculino e as mulheres.

A guerra tem masculinizado notavelmente a mulher. Esta entrou em competição com o homem numa porção de actividades que, antes, eram privativas do sexo forte. A consecuencia disso veio influir, como era de ver, na moda.

Max Nordau, num artigo interessantissimo que, a esse respeito, escreveu em «La Nación», de Buenos Aires, diz, entre outras coisas, o seguinte:

«Dizem-nos que nos Estados Unidos isto é coisa decidida; que as operarias, que os milhões de mulheres que a guerra tem, lançado nas fabricas e que participam valentemente da defesa nacional deram já o primeiro passo e usam calças. As outras, as que ajudam as suas irmãs e as suas irmãs no esforço commun, fazendo-se uteis nos escriptorios e officinas, seguem o seu exemplo; e até as damas da boa sociedade, as elegantes e requintadas, começam a imitá-las porque o espirito publico estabelece uma relação entre o novo traje e a guerra. As damas, ao vestir valorosamente calças, querem demonstrar que ellas tambem reclamam o seu posto no movimento patriótico que arrasta a nação inteira. A Gran-Bretanha marcha ao seu lado; e em França tambem, cuja adhesão é indispensavel se a innovação quer conquistar o mundo inteiro, observam-se, ao que parece, algumas velleidades, primeiras tentativas ainda timidias para unir-se ás avançadas americanas e inglezas.»

E, sabiamente, deduz «que a mulher de calças não importa em uma mutação violenta, uma ruptura subita de tradição; representa uma simples evolução, não faz mais do que seguir uma linha já indicada, desde não poucos annos. Basta recordar os antecedentes para vermos que o facto, que parece querer realizar-se hoje, lançou desde antes a sua sombra precursora.»

### O traje correspondente ás transformações humanas

E argumenta o philosopho:

«A historia demonstra que toda a vez que uma modificação ao traje foi a expressão de uma transformação politica e social e de um novo estado moral da collectividade, ficou como factor consummado e não cede o terreno a um retorno offensivo do anterior. De todos os exemplos que acodem á memoria não quero citar mais do que um, porque é relativamente recente e está entre os mais característicos.

Nas vésperas da Revolução Francesa todo homem educado, ainda que fosse de condição mediana, mas que pretendesse fazer parte da boa sociedade, usava os cabellos trançados sobre as espa-

duas e empoados de branco, ou uma peruca imitando esse penteado, e calções curtos com meias compridas e sapatos. Dois annos depois da tomada da Bastilha, quando a Convenção regia os destinos da França, houve mudança total de scenarios. Nada de calções, nem de tranças, nem de empoado, nem de perucas.

Os homens usavam o seu cabelo natural, quando o tinham, se não o cortavam á escovinha. «A Tito», como se dizia, em memoria de um illustre romano, amigo da liberdade; e o calção, abolido, era substituido pela calça, a prendia mais plebea, até então, usada pelos trabalhadores braças e outros profetarios das cidades. Os contemporaneos comprehendiam tão bem o sentido desta mudança que o termo «sans-culottes» se fez a caracteristica dos revolucionarios, primeiro denegridor e desdeshato e em seguida simplesmente determinante e descriptivo. A coisa era clara e intelligivel para todo o mundo: o calção era o antigo regimen, o feudalismo, a reacção; a calça era a Revolução, os Direitos do Homem, a nova liberdade e as suas glorias embriagadoras... E isto ficou. Nem o 10 Thermidor nem o 18 Brumario mudaram nada a este respeito.

A Restauração mesma, que poud trazer de novo os emigrados e restabeleceu o throno dos Bourbons e o ceremonial da corte de Versalhes, foi impotente para restituir ao calção a sua posição e o seu prestigio.»

### Moda ou Revolução?

Moda... teria a existencia dos seus caprichos e fantasias.

As «jupes-culotte» passavam como as originalidades da natureza, na primavera.

E agora é a revolução triumphante. Mulheres que exercem actividades do sexo forte, nas fabricas de armas e munições, guindos locomotivas e automoveis, lavando a terra, fazendo carros, ganhando a vida virilmente, estão na proporção do homem do seculo XIX abolido a seda, as casacas multicores, calções pelo traje commodo, a calça, o collete e o paletó.

Plenamente, protestado, de accordo com o grande escriptor, cujas conclusões são estas:

«Por minha parte, creio que estamos em presença de uma revolução. Porque a calça da mulher é um symbolo. Significa a materialização da igualdade civil e juridica da mulher e do homem, quer dizer, do feminismo; e como a victoria decisiva deste é o mais reguro resultado da guerra mundial (eu o predize nas columnas da «Nación» nos primeiros mezes de 1915, em uma correspondencia intitulada «A guerra e as mulheres»), a calça da mulher sobrevive a esta catastrophe universal.»

**TOLUOL** —

— FOSSES BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA. ○○○○○○  
 ○○○○ VENDE-SE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS. ○○○○○○

# Os grandes millionarios americanos e a Fundação Rockefeller

Actualmente, em que os medicos da Fundação Rockefeller trabalham em nosso paiz, e prioritariamente em nosso Estado, pelo saneamento do nosso interior, é curioso lembrar qual a origem desta obra, creada e mantida pelo grande millionario Rockefeller, considerando o rei do petroleo, a que possui a maior fortuna do Mundo.

Rockefeller é norte-americano. O inicio de sua vida foi dos mais penosos. Seu pai era um pobre tratador de animas, muito economico e trabalhador. Rockefeller na sua infancia occupava-se nos jogos que lhe observavam da escola, ou trabalhos de casa, nas fazendas vizinhas, ganhando um salario minimo de menos de mil reis, que elle economizava, procurando juntar um pouco de seu.

Fez-se mais tarde intermediario de vendas e compra de cereaes. Aos vinte e cinco annos com a morte de seu pai recebeu uma pequena heranca, que, junta ao que elle havia economizado, orçou por 25.000 francos, ou sejam 15 contos de nossa moeda. Com a descoberta de jazidas de petroleo abriu-se para elle o caminho de uma colossal fortuna. Assim é que, 11 annos mais tarde, em 1875, na idade de 36 annos, dispunha elle de uma fortuna de 25 milhões de francos, ou sejam 15 mil contos. Dez annos mais tarde, em 1885, sua fortuna, ascendia a 500 mil contos, e hoje ella é calculavel. Os economistas americanos tem procurado, debilmente a avaliar, tão grande é seu crescimento. Um desses calculistas assevera com algumissimo que a fortuna brutal desse homem cresce de alguns contos de reis de cada vez que pendula de um relógio bate num de seus lados!... Os calculos baseados nas propriedades e titulos que leuzem o nome de Rockefeller, dão para sua fortuna um total superior a dez bilhões de francos, o que em nossa moeda equivale á somma fabulosa de seis milhões de contos! Sómente no trust do petroleo seus lucros annuaes, segundo declaração de seu socio, M. H. Rogers, são de 40 a 50 milhões de francos, ou sejam trinta mil contos de reis! Estes lucros são hoje, e desde o começo da guerra de tres vezes mais, o que quer dizer que são no trust do petroleo elevam-se a noventa mil contos por anno.

Ora o que elle possui nessa companhia, que é a Standard Oil, tão conhecida em nosso paiz, é apenas uma pequena parte de sua fortuna. A Standard é a nossa fornecedora de gazolina, o que quer dizer, que todos os automoveis que correm no Brazil, trabalham em cada minuto para o augmento da fortuna de Rockefeller! Elle é o maior accionista do trust do aco, bem como do Anaermetide Oil Co., do American Smelting and Refining Co. da Linseed Oil Co., da Linnard Oil Co. Tem com milhões de Cleveland de panhãos de estrada de ferro, e suas propriedades de accões de companhias avaladas em mais de cem milhões de francos, 60 mil contos!

Ora o detentor desta enorme fortuna, que nunca nem um rei possuiu e que nunca parece um conto de fadas, resolveu ha alguns annos empregar o desenvolvimento das sciencias e em obras de caridade e de alivio aos soffimentos humanos. Com este fim

constituiu a Fundação Rockefeller, e como sua séde mental o grande Instituto Central de analysis e laboratorio, que já conta grandezas do saber, francez Carrel, sobre a conservação e os vida dos tecidos fora do corpo humano, que veio abrir novos e vastissimos horizontes scientificos.

A Fundação Rockefeller espalha, porém, seus beneficios por todo o mundo. O Brazil não tem sido por elle esquecido, e aqui em S. Paulo estabelece uma missão de medicos da Fundação Rockefeller, que faz incuráveis pelo nosso *infeccionado*, curando os *leptosomios*, os *malpaladados*, e as victimas de todas as endemias de nossos sertões. A fortuna do grande billionario americano espalhou-se assim por toda a terra, transformada numa caudal fonticula e regeneradora.

Para esta instituição destinou Rockefeller um capital inicial de um bilhão e meio de francos ou um milhão de contos, que produz uma renda annual de cem milhões de francos, e por verba testamentaria, será multiplicada com a successão de seu fundador, e cujas rendas, segundo um oitavo de juros, ultrapassarão de uma centena de milhões de francos á somma que custa a França annuaemente para socorrer seus pobres e manter seus hospitais!

O conselho de administração de Fundação Rockefeller compoese-se de seu fundador, de seu filho e de tres seus amigos, por elle indicados.

O filho de Rockefeller, mr. Rockefeller Junior, que deu ao trusto de director do trust do petroleo para assumir a direcção da Fundação, foi educado com uma grande simplicidade, e dentro de habitos de sobriedade, trabalho e economia.

Na idade de seis annos seu pai incumbiu-o de inspecionar as cercas de seu enorme dominio de Cleveland, e pagava-lhe esse reis de cada poste avariado que elle descobria e indicasse para ser substituido. E ao fim de cada semana, quando devia pagar o modesto salario de seu filho, fazia-o levar o dinheiro a uma caixa economica e depositou em uma conta corrente, assignando assim a capitalização do fructo de seu trabalho. Mais tarde, quando estudante, Rockefeller Junior não dispunha de mais de um franco e

cincoenta (500 reis) para cada uma de suas refeições. E elle contrar em Wall-Street, onde estreoou com um golpe de mestre, effectuando uma transacção que todos seus amigos desprezavam, a qual obteve um lucro liquido da bagatella de 5 milhões de francos, para a fortuna de seu pai. Nunca esse moço, que deve contar hoje 22 annos, frequentou bailes, cassas de belizidos ou *cabarets*, e mesmo os seus domingos empregou-os na direcção de uma escola de contabilidade. Si o dinheiro accumulado nas mãos dos ricos produzirem sempre tais resultados, era de desejar que se multiplicassem os millionarios sobre a face da terra.



O Multimillionario americano John Rockefeller e sua mulher.

# A destruição de Pompeia

Naquelle dia esperava Arbaces libertar-se, pelo sacrificio de Glauco, que elle calumniara e que ia pagar seu crime, delle Arbaces. A porta abriu-se guinchando, o brilho das lanças relampeou no corredor.

— Glauco, atheniense, é chegada tua hora, — disse uma voz orle e clara — o leão espera-te.

— Estou prompto, disse o atheniense, — Irmão e companheiro, um ultimo abraço! Abençoa-me, e adeus.

O christão abriu os braços, apertou o joven pagão contra o peito, e beijou-o na testa e nas faces, soluçou alto, as lagrimas correram rápidas e quentes sobre o rosto de seu recente amigo.

— Ah, si eu te tivesse convertido, não choraria. Ah, si eu te pudesse dizer: Cearemos esta tarde no Paraizo!

— Ainda poderia succeder, disse o grego com voz tremula. Aquelles qua a morte separa agos, podem ainda encontrar-se alem da campã. Bella, amada terra, adora para sempre! Digno official, estou ás tuas ordens.

Glauco atirou-se ao amigo e quando chegou fora, o ar livre, que embora sem sol, estava quente e secco, teve um effeito deprimente sobre elle. O seu corpo, ainda não de todo feito, encolheu-se e tremeu. Os officios sustentaram-n'o.

— Coragem, disse um; tu és novo, agil, robusto, e dão-te uma arma; não desespere, que ainda podes ser vencedor.

Glauco não respondeu, mas envergou na sua enfermidade de fez um effôrço desesperado e convulsivo, e voltou-lhe a firmeza de seus nervos. Untaram-lhe o corpo, completamente nú, salvo uma cintura em torno dos quadris, collocaram-lhe o estilete na mão, e evaram-n'o para a arena. Quando o grego viu milhares e milhares de olhos fitos nelle, não sentiu mais que era mortal. Todos os symptomas de medo, todo o medo mesmo tinha desaparecido. O rumor de alitave acudiu-lhe as faces; ergueu-se em toda sua altura. Na elastica belleza de seus membros e formas, na sua attenta mas serena testa, no alitave desdem de indomavel espirito que se revelava visivelmente, na sua attitude, na sua bocca, no seu olhar, parecia verdadeira encarnação, vivida e material, do valor de sua terra, das divindades de sua adoração, a um tempo heróe e Deus. O murmuro de colera e horror do crime que sudara a sua entrada, cahiu num silencio de involuntaria admiração e quasi respeitosa compaixão; e com um rapido e convulsivo suspiro, que parecia animar toda a massa humana, como si fosse um só corpo, o olhar dos espectadores passou do atheniense para um objecto preto e estranho que se achava no centro da arena. Era o antro cercado de grades onde estava o leão.

— Por Venus, está fazendo calor, disse Fulvia, apesar de não haver sol.

O leão tinha ficado sem comida nas ultimas vinte e quatro horas, e o animal durante toda a manhã mostrava um singular máo estar, que o seu guarda attribuia á fome. Entretanto seu aspecto exterior fazia mais o do receio que o da raiva; os seus uiuos tinham sido dolorosos e lamentaveis, e deixava pender a cabeça, aspirava o ar através das grades, deitava-se, reconhecava, e de novo rugia os seus gritos selvagens que chegavam até longe.

Agora, porém, na sua jaula estava completamente surdo e mudo, com o focinho estendido apoiado fortemente contra a grade e pondo em movimento a areia da arena com seu halito. O director da arena tremia e empalidiecia, olhava ansiosamente em volta, hesitava, demorava, a multidão tornava-se impaciente. Lentsmente deu o signal; o guarda estava por traz da jaula; com todas as precauções retirou a grade e o leão saltou para a arena com um poderoso e alegre rugido de allivio. O guarda retirou rapidamente pela passagem cercada de grade que dava sahida da arena e deixou o senhor da floresta em presença de sua presa. Glauco tinha curvado as pernas, de modo a ficar na posição mais firme possível para resistir ao esperado ataque do leão, com sua pequena e brilhante arma na mão levantada, na incerta esperança de que um golpe que mais bem sabia que não conseguiria dar, bem dirigido poderia penetrar, perfurando um dos olhos, até o cerebro de seu terrivel inimigo. Mas, com o maior espanto de todos, o animal parecia nem sequer dar pela presença do criminoso. No primeiro momento de liberdade parou, repentinamente, no meio da arena, e levantou a juba, aspirando o ar, com impacientes bocejos, e de repente saltou para a frente, mas não contra o atheniense, e poz-se a andar á volta da arena, voltando a cabeça á direita e á esquerda, com um olhar turvo e ansioso, como procurando uma sahida; uma ou duas vezes entou trepar o parapeto que o separava dos espectadores e ao ca-

hir saltou um uiuo um tanto diferente de seu rugir natural. Em uma palavra, o animal não dava signaes de colera, nem de fome, a cauda cahia-lhe arrastando pela arena em lugar de fustigar-lhe os flancos, e seu olhar, embora se dirigisse de vez em quando para Glauco desviava-se de novo, negligentemente, para outro lado. Afinal, como cansado de procurar uma sahida, foi metter-se com um lamento na jaula, e mais uma vez se estendeu no chão, caçado. A primeira surpresa dos espectadores pela apathia do leão depressa se transformou em resentimento pela sua cobardia, e a população já alogava a sua compaixão pela sorte de Glauco na raiva de seu desapontamento. O empresario chamou o guarda:

— Como se explica isso? Pegu no agulhão e pique o leão até sahir da jaula e feche-lhe depois a porta.

No momento em que o guarda com algum medo e maior espanto se preparava para obedecer, ouviram-se gritos em uma das entradas da arena, produziu-se uma grande confusão, houve quem protestasse, mas fez-se silencio de repente. Todos os olhos se tinham voltado com surpresa para o lado de onde viera a desordem, a multidão afastava-se, e de repente, Salustio appareceu nos bancos senatoriaes, com o cabello desalinhado, respirando a custo, afogado, quasi exhausto. Lançou os olhos á arena e disse:

— Retirem o atheniense, depressa, está innocente! Pndam Arbaces, o egypcio. E' elle o assassino de Apcides!

— Está doido Salustio! — exclamou o Pretor, levantando-se de seu lugar. — Que quer tudo isso dizer?

— Manda retirar o atheniense, depressa, ou o sangue do innocente recará sobre a tua cabeça. Pretor si demoras, a tua vida responderá por isto perante o Imperador. Trago commigo a testemunha ocular da morte do sacerdote Apcides. Deixem-n'o passar, vão para traz. Povo de Pompeia, olha para Arbaces, elle alli está. Deixem passar o sacerdote Caleno!

Pallido, macilento, apenas sahido das garras da fome, com a cara puxada, os olhos embaciados como os do abutre e o corpo decaído como um esqueleto, Caleno sustentado por duas pessoas veiu sentar-se na propria fila em que se achava Arbaces. Os que tinham ido em seu soccorro tinham-lhe dado comida, mas o principal sustento que o tinha em pé era a vingança.

— O sacerdote Caleno! Caleno! exclamou a multidão. Será elle? Não: é um cadaver.

— E' o sacerdote Caleno, disse o Pretor gravemente. Que tens tú a dizer?

— Arbaces, o egypcio é o assassino de Apcides, o sacerdote de Isis; estes olhos viram-n'o desfechar o golpe. Os deuses tiraram-me do carcere em que elle me encerrara, da escuridão e horror da morte pela fome, para proclamar o seu crime! Soltem o atheniense, que elle está innocente!

— Foi porisso que o leão o poupu; milagre! Milagre! — exclamou Pansa.

— Milagre, milagre! gritou o povo.

— Tirem o atheniense; Arbaces ao leão!

E este grito ecoou pelas montanhas e praias. Arbaces ao leão! — Officios, retirem o accusado Glauco da arena; retirem-n'o mas guardem-n'o ainda, disse o Pretor. Os deuses prodigialism as suas maravilhas neste dia.

Assim que o Pretor deu a ordem de retirar Glauco da arena houve um grito de alegria; uma voz de mulher, uma voz de creança, uma voz de felicidade que passou pelo coração dos assistentes, com a força de uma commoção electrica. Era enternecedora, era santa aquella voz de creança, e na população ecoou com sympathicas congratulações.

— Silencio! — disse o grave Pretor, quem é?

— E' a cega Nydia — respondeu Salustio — foi a sua mão que tirou Caleno do tumulto e salvou Glauco do leão.

— Isso para depois — disse o Pretor. Caleno, sacerdote de Isis, tu accusas Arbaces do assassinio de Apcides?

— Accuso!

— Tú viste-o commetter o crime?

— Pretor, com estes olhos.

— Basta por agora, os pormenores têm que ficar reservados para occasião e lugar mais proprios. Arbaces do Egypto, ouviute a accusação contra ti. Ainda não falaste; que tens a dizer?

Os olhos da multidão, a principio tinham-se fixado em Arbaces, mas a confusão que elle tinha mostrado quando Salustio lhe fizera as primeiras accusações e Caleno entrou, pouco a pouco diminuiu.

Ao grito «Arbaces ao leão» elle tremera e o bronze escuro de sua face tinha se tornado invis pallido. Mas tornou a recuperar sua altivez e a ficar de novo senhor de si. Sustentou assim os innumerables olhares enfiurecidos da multidão em torno delle; e respondendo agora á pergunta do Pretor, disse com aquelle tom tão particularmente tranquillo e imponente que o caracterisava:

— Pretor, esta accusação é tão insensata que quasi não merece resposta. O meu primeiro accusador é o sacerdote Salustio, o amigo mais intimo de Glaucio; o segundo é um nobre; e eu respeito seus habitos e seu ministerio, mas, oh, povo de Pompeia, vos todos conheceis o caracter de Caleno. A sua sordidez e sede de ouro são proverbiaes. O testemunho de um homem desses pôde ser facilmente comprado. Pretor, eu estou innocente!

— Salustio, perguntou o magistrado, onde encontraste Caleno?

— Nos carceres de Arbaces, respondeu Salustio.

— Egypcio, disse o Pretor com severidade, dirigindo-se a Arbaces, tu oustaste sequestrar um sacerdote dos deuses...

— Eu estou prompto a conformar-me com a decisão do Tribunal legitimo, respondeu Arbaces. Aqui não é lugar para mais conversações.

— Tens razão, disse o Pretor. Guardas, levem Arbaces, guardem Caleno. Salustio, fazemos-te responsavel pela tua accusação, agora os jogos vão continuar.

— O que? — disse Caleno, voltando-se para o povo. Será então lais assim a condemnar? Continuará o sangue de Apicides a pedir vingança? Ficará o leão privado de sua presa legitima? Oh, deuses! Sinto Deus dizer pelos meus labios: Ao leão! Arbaces ao leão!

Sua exhausta estrutura physica não poude sustentar por mais tempo a sua furia, e cahiu no chão em convulso paroxismo; a espuma sahia-lhe dos labios, parecia na verdade possuido de um poder sobrenatural. O povo viu-o e tremeu. A este grito milhares e milhares de peostas avançaram em direcção ao egypcio. O edil multiplicou ordens, o Pretor levantou a voz e proclamou a lei; tudo em vão. O povo tornara-se já selvagem pela exhibição de sangue, queria matar, a sua superstição era ajudada pela sua ferocidade. Excitados, inflamados pelo espectáculo das victimas anteriores esqueceram as autoridades de seus magistrados. Era uma destas terriveis convulsões populares communs ás multidões completamente ignorantes, semi-tervas e semi-livres, que a composição peculiar das provincias romanas tantas vezes produzia.

— Vede, vede, gritou o egypcio, extendendo o braço e procurando colher salvação num extranho phenomeno que, então, nos ares se annunciava. Vede como os deuses protegem aos innocentes.

Os olhos da multidão seguiram o gesto do egypcio e viram com grande terror uma nuvem de vapor irrompendo do cume do Vesuvio, tomando a forma de um gigantesco pinheiro, com o tronco negro e os ramos de fogo, um fogo que se agitava mudando de côr a cada momento, agora ferocemente luminoso, logo de um escuro emsorecido rubro, que de novo se incendiava em intoleravel brilho. Fez-se um silencio de morte, um silencio de desanimo, subitamente cortado pelo rugido do leão, que foi repetido dentro do edificio pelas outros animas, terrificos videntes eram e les das ameaças da atmosphera, e selvagens prophetas da colera dos elementos que se aproximava. Nisto levantaram-se os gritos agudos das mulheres. Os homens ollaram-se atonitos o mudos. Neste momento sentiram a terra tremer debaixo dos pés, as paredes do amphitheatro oscillaram e ao longe ouviu-se o distante demoronar de telhados. Dahi a um momento a nuvem que cobria a montanha parecia rolar para elles escura e rapida, como uma torrente aifando de seu seio uma chuva de cinzas, que envolvia com grandes fragmentos de pedras incandescentes. Por sobre as carregadas linhas, sobre as ruas desoladas, sobre o proprio amphitheatro, perto e longe, com innumeros salpicos no mar, cahia esta terrica chuva. A multidão já não cuidava de justiça, nem do crime de Arbaces. A propria salvação era seu unico pensamento. Cada qual procurava correr, empurrando, atropellando, e esmagando os outros; calcando os pés sem remorso os que cahiam, no meio de grunhidos, palavras, preces e subitos gritos, a multidão despejava-se pelas numerosas passagens. Mas, para onde correr? Alguns, prevendo um segundo terremoto davam-se pressa em correr ás casas para se carregarem com os seus mais cutesos objectos, para fugirem enquanto ainda era tempo; outros tendo a chuva de cinzas, que agora cahia em torrentes sobre as ruas, escandiam-se sob o tecto da mais proxima casa ou templo ou abrigo de qualquer sorte para se protegerem dos terrores do ar livre. Mas a nuvem negra ia-se extendendo cada vez mais ampla. Era uma rapida e medonha noite, conquistando o reino do meio-dia. As nuvens que tinham espalhado uma tão profunda escuridão tinham-se agora agglomerado em uma massa solida e impenetravel. Pareceu menos ainda escuridão de uma noite ao ar livre, do que fechado e cego negrume de algum quarto escuro. Mas, á proporção que a escuridão se accentuava, os relampagos em redor do Vesuvio

augmentavam de brilho. Nem a sua belleza era limitada ás usuas côres do fogo: nenhum arco-iris jamais rivalizou com a sua variada e prodiga palheta. Agora do mais lindo azul profundo de um côo de meio-dia, logo de um livido verde de serpente, depois de sinistro e intoleravel rubro, escapando por entre as columnas de fumo, profusamente illuminando a cidade inteira, de um extremo ao outro, e finalmente emsorecendo de subito em uma pallidez mortuaria, que a todos dava o aspecto de seus proprios phantasmas.

Nos intervallos da erupção ouviam-se a ebulição debaixo da terra e as rugidoras ondas do mar, torturado, e o ouvido attento em interessado receio, percebia até o sibillar dos gazes escapando pelas fendas da montanha. A's vezes a nuvem parecia abandonar a sua forma assumindo pelas chamas que relampagueava atroz della as formas mais extraordinarias de entes humanos ou monstros, correndo na escuridão, precipitando-se uns sobre os outros e esvaindo-se mollemente no turbulento abismo da sombra, de modo que aos olhos e para a phantasia dos atemorizados espectadores, os empolgaveis vapores pareciam os corpos de gigantescos inimigos, agentes do terror e da morte. As cinzas em muitos pontos já chegava á altura dos joelhos e a chuva de corpos em ebulição penetrava até o interior das casas, levando com elles fortes e suffocantes vapores. Em alguns lugares immensos fragmentos de rocha, cahindo sobre os telhados arremessavam ás ruas massas de confusas ruínas, que de hora em hora iam obstruindo a passagem, e á medida que o dia ia correndo os tremores de terra iam tornando-se mais sensiveis, o pé parecia deliziar e escorregar, e os carros não se mantinham immoebes, nem nas mais planas partes do solo. Algumas vezes as maiores pedras chocavam-se umas com as outras ao cahir e rompiam innumeros fragmentos emitindo scintellas que iam communicando o fogo aos corpos combustiveis na proximidade, e a escuridão era agora terrivelmente contrabalancada na cidade e nos campos pelo clarão dos incendios, pois varias casas vizinhas estavam em chamas, e, de intervallos em intervallos surgiam labaredas destacando-se sobre o fundo da escuridão. Accrescia a este effeito o facto de os cidadãos procurarem diminuir a escuridão collocando tochas aqui e além nos lugares mais publicos. Muitas vezes o grupo de fugitivos encontravam-se á luz momentanea dessas tochas, alguns correndo para o mar, outros fugindo do mar para a terra, pois o oceano tinha-se retirado da praia; uma profunda escuridão a cobria e sobre as agitated e roncantes vagas, a tempestade de cinzas e rochas cahia sem protecção que nas ruas davam as casas e seus telhados. Selvagens, ferozes, possuidos de sobrenaturaes temores esses grupos encontravam-se sem tempo para se falarem, consultarem-se, pois as cinzas cahiam agora em abundancia, embora não continuamente, apagando as luzes que mostravam a cada um as faces mortas dos outros. todos presurosos em se recolherem ao mais proximo abrigo. Aproveitavam os momentos em que os clarões vulcanicos alumiavam as ruas para se orientarem e guiarem seus passos por aquella terrivel manhá, mas pouca animadora era a vista que se lhes apresentava. Os gemidos dos moribundos era entremetido com gritos de mulheres tomadas de terror, agora perto, logo distantes, que ouvidos na escuridão tornavam-se ainda mais espantosos pela esmagadora certeza que não havia socorro!... Num desses clarões, numa tornavia encontraram-se Glaucio e Arbaces.

— Traidor e assassino! — exclamou Glaucio encarando seu inimigo. Nemesis guiou teus passos para minha vingança!

Repentinamente, um intenso clarão illuminou a scena. Brillante e gigantesca atraves da escuridão que a cercava como as muralhas do inferno, a montanha relampecou como uma pilha de fogo. O seu vertice parecia dividido em dois, ou antes acima delle pareciam erguer-se dois monstros frente a frente, como dois demônios lutando. Eram de côr uniforme rubra como o sangue ou o fogo, e illuminavam toda a atmosfera até a maior distancia: mas, embaixo, a parte inferior da montanha, estava ainda escura e albrigada, excepto em tres lugares por onde corria a lava fundida. Atraves do ar calmo ouvia-se o ruido de rochas rolando umas por cima das outras ao serem arrastadas pela feroz catarracta. Os que corriam deram altos gritos agachando-se e escondendo a cara. Mesmo o egypcio ficou immovel no ponto em que se achava como pregado ao solo com o clarão que lhe illuminava os trajos recamados de pedrarias. A um clarão Arbaces encarou Glaucio. Porque havia de hesitar?

— Para a frente, escravos! — gritou elle. Atheniense, si me resistes o teu sangue recahirá sobre tua propria cabeça!

Deu um passo para a frente. Foi seu ultimo passo na terra. O solo tremeu com tal violencia que botou abaixo tudo quanto estava á sua superficie. Um ruido tetrico de demoramentos percorreu toda a cidade, toda Pompeia, que desaparecia sob ondas e ondas de lava ardente!...

Assim pereceu o sabio magico, o grande Arbaces, o Hermetico do cinto ardente, o ultimo descendente da realza egypcia, no mesmo tumulo que sepultava a legendaria Pompeia!...

Bulwer Lytton.

# NOTAS DE SCIENCIA

## A FOGUEIRA SOLAR

Desde que Armati, o florentino, inventou, em fins do seculo XIII, os oculos para corrigir os defeitos da visão, varios opticos, quasi todos holandezes, e estabelecidos na cidade de Middelburgo a maior parte, começaram a occupar-se, segundo consta das suas memorias, do partido que se pôde tirar das lentes como instrumentos auxiliares dos olhos, ora para ver ampliados os objectos pequenos e proximos, ora para approximar a imagem dos grandes e afastados.

Roger Bacon, Francastor. J. B. Portu. Jansen e

Lippersken construíram lentes, estudaram a marcha da luz através delias e todos elles falam, em suas memorias, de instrumentos portentosos destinados a augmentar o limite da visão.

Mas parece que a combinação das duas lentes, a *objectiva*, que é a que fica mais proxima do objecto e a *ocular*, proxima do olho, foi inspiração de Santiago Meo e de Galileu, quasi simultaneamente.

Até a epoca em que viveu Galileu, cuja fama se fez universal, tudo quanto a sciencia sabia a respeito dos astros era consequencia da observação a olho nú. Não se vá cuidar, porém, que, com apparelho tão fraco como os olhos, fosse pequeno o cabedal scientifico em materia de astronomia. O fundamento, a base dos alicerces do edificio estavam já bem firmados, ou, mais propriamente, solidamente firmados, porque as leis de Kepler se deduzem das observações de Tico, e daquellas leis se deduz tudo o que abarca a sciencia, que é a gravitação universal.

Mas, ao applicar ao olho o primeiro telescópio para examinar o céu, sem duvida que Galileu ficou pasmado, extatico de adoração ao creador de tanta maravilha.

Elle viu, deslumbrado, sem dar pausa á curiosidade, as manchas do sol e tratou de medir a sua re-

tação; as montanhas da lua, cuja altura calculou tambem; os satelites de Jupiter que, em perfeita alienação equatorial, acompanham o grande planeta e, por fim, as phases de Venus, brilhante comprovação da verdade do systema planetario descoberta pelo canonico de Thorn, o immortal Copernico.

Desde então succederam-se vertiginosamente os trabalhos de investigação para averiguar a natureza dos corpos celestes, sendo certo que o sol excitou, em maior gráo que todos os demais astros, a curiosidade scientifica.

Hoje, com os modernos instrumentos com esses poderosissimos telescópios, que, como o de Melbourne (reproduzido numa de nossas gravuras) recolhem enormes quantidades de luz por meio das suas objectivas e espelhos, já se consegue ampliar muito as provas photographicas e especificar pormenores verdadeiramente surpreendentes.



Retrato de Copernico, por João Matenlo

A gravura da superficie solar, que illustra esta noticia, prova-o sobejamente. O immenso globo é uma fogueira inextinguivel, cujas chammas ou dardos ficam impressos em fórma de pontos brancos, representativos dessa granulada planicie.

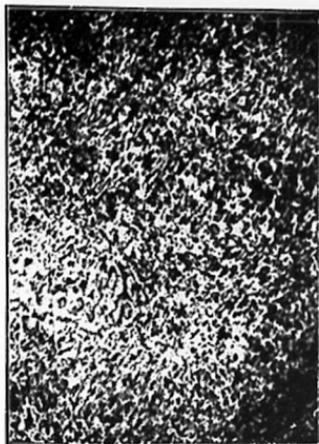
Perto dos bordos e nas proximidades das manchas do sol, esses pontos brilhantes se alargam, como se as chammas fossem atrahidas pela condensação a que as ditas manchas dão origem. Não se cuida que os dardos, as fagulhas da fogueira solar, cujas pontas são as manchinhas brilhantes, constituem a unica manifestação da actividade solar. O que representa a gravura é o estado de quietação relativa da fogueira. Frequentemente são lançadas da fogueira, para cima, chammas mais altas, em fórma de dardos que, compostas principalmente de hydrogenio, alcançam, ás vezes, uma altura de 700.000 kilometros.

O sol pôde considerar-se como constituído de

quatro partes. No núcleo, os metais e demais substâncias contributivas permanecem gasosas, de uma extrema densidade, pelo menos na parte superior.



Um aspecto da superfície do sol, segundo a photographia



Outro aspecto da superfície solar, segundo a photographia.

teria dissociada. Esta coberta superior só é perceptível á vista durante os eclipses do sol.

A despeito dos enormes dispendios de energia que a sua continua irradiação representa, não ha receio para que diminua a sua temperatura de 6.000 grãos. Para manter inalteravelmente este calor, basta a contracção do astro, ou, talvez, uma mudança de pequena porção da sua massa: que do estado de dissociação em que se acha, passa ao equilibrio molecular ordinario com que se nos apresenta a materia.

O mundo acabará pelo resfriamento do sol ou por um accrescimento de calor solar, que torne o mundo inhabitavel? Essas duas questões têm sido impostas aos homens de sciencia, sendo que uns aceitam a primeira como a mais provavel e outros, a segunda. De facto, o sol, durante as primeiras phases da terra, tinha muito mais calor. A' proporção que esse calor foi diminuindo, a terra se foi transformando em seu aspecto e, consequentemente, nas suas variedades vegetaes e animaes.

O estudo da astronomia despertou muito a curiosidade dos intellectuaes até o seculo XVIII. Até essa

epoca pode-se dizer que não havia um só, dentre intellectuaes e homens de letras, que não se occupasse com esses assumptos, que são interessantissimos.

Por cima delle acha-se a photosphera ou região da luz, de onde se eleva a materia em forma de chamma. Segue-se a esta, outra atmosphera, a chromosphera, formada por corpos mais leves, onde predomina o hydrogenio. E, envolvendo o conjunto, estendendo-se a corõa, de luz pallida e amortecida, constituida por materia perceptivel

Fontenelle, Voltaire e todos ou quasi todos os escriptores e poetas dessa epoca possuam uma vasta cultura astronomica, e aquelles dois principalmente fizeram, a proposito dessa materia, as mais uteis e profundas cogitações.

A datar do seculo XIX, essa curiosidade apagouse. Os homens de letras já não cogitam de astronomia, da mechanica celeste, e se, nas suas composições literarias em prosa ou verso, se referem a isso, o fazem apenas no interesse de obter uma imagem ou uma rima, mas sem nenhum proposito scientifico.

Claro é que o estudo da astronomia, em nosso seculo, tem-se adiantado muitissimo. Mas a ella só se dedicam os astrónomos, os estudiosos dessa sciencia. A outra classe de intellectuaes desinteressou-se inteiramente della, o que é para lastimar.

Mas, sejamos francos. Os intellectuaes, modernamente, não se desinteressam da sciencia dos astros. Não.

Não a estudam mais porque a sua cultura, em materia scientifica e sobretudo em mathematicas, é notoriamente escassa. Essa escassez de conhecimentos de mathematica ao lado de outros conhecimentos indispensaveis, inhiibe os homens de letras de dedicar-se a essa sciencia, com a curiosidade e interesse que ella desperta. Curiosidade e interesse terão

elles por certo, faltando-lhes, porém, os elementos necesarios para se orientar nesses estudos.



Grande telescópio de Grubb, pertencente ao observatório de Melbourne (Australia.)

# PUERICULTURA

Na conferência que, subordinada ao thema «Saneamento agrario e puericultura», realiso o dr. Belisario Penna em Ribeirão Preto, a 9 do mez passado, o illustre medico fez, a proposito das horrorosas endemias que devastam as nossas populações agrarias, as mais surprehendes revelações. As pessoas que se não illudem com as apparencias, com os relatorios officiaes e que se não deixam arrastar por esse falso patriotismo que obriga a fechar os olhos ás mazellas nacionaes, já sabiam que o nosso paiz, de norte a sul, é um vasto hospital. Mas o dr. Belisario Penna, com uma audacia, de que poucos seriam capazes, impoz-se a patriótica tarefa de revelar aos olhos do publico todo o quadro tremendo das enfermidades da nossa raça e das taras que a têm penetrado.

E' voz corrente que o brasileiro é preguiçoso. Pois saiba-se que essa preguiça não reside na indole, no temperamento do brasileiro. E' uma doença evitavel e curavel. Mais de duas terças partes da nossa população, diz o dr. Penna, vegetam na completa ignorancia de tudo quanto faz o gozo da existencia, sem noção da vida civilisada, sem idea do conforto e da saude, que poucos conhecem, porque poucos são os que escapam ás doenças, evitaveis, que reinam entre elles, transmitidas por insectos vehicula-dores dos parasitos do sangue, causadores de algumas dellas, e pela terra e pelas aguas, que elles proprios poluem, por ignorancia, e que lhes inoculam parasitos intestinaes e germens de outras molestias, que são as verdadeiras causas da preguiça.

Cochlho Netto, referindo-se ao nosso paiz, lançou, nuni gesto de dôr e de revolta, esta apostrophe:

«Paiz do absurdo; fundado em minas opulentas, é pobre; emoldurado em ouro e prata, com os dias de radioso sol, e as noites de argente luar, é triste; cortado de rios caudalosos, estala de sede; coberto de florestas densas, pede o lenho de selvas estrangeiras; as suas terras ferazes não produzem para o seu sustento.»

Mas o que, sobretudo, nos interessou na memoravel conferencia do abalizado scientista patrio, foi a parte referente á puericultura.

Ouçamos o que diz o mestre:

O acrescimo natural de população de um paiz provém do excesso dos nascimentos sobre os obitos, de modo que para intensifical-o seria preciso augmentar os primeiros e diminuir os segundos. Ora, depende a natalidade de factores Moraes e sociais sobre os quaes a hygiene só pôde actuar muito indirectamente, enquanto a mortalidade é devida a causas que podem ser supprimidas ou pelo menos attenuadas.

A mortalidade deve ser combatida em todas as épocas da vida, mas sobretudo na infancia, não só porque é nessa phase que a morte é devida a causas mais facéis de evitar, como tambem porque é sobretudo na infancia que a mortalidade é mais elevada. Basta dizer que entre nós a metade dos obitos ocorre em pessoas de menos de 15 annos; a metade dessas victimas, individuos de menos de um anno, um terço desses, mata crianças que ainda não completaram um mez. Porque morrerão assim tantas crianças? Uma, porque nascem em más condições, enfraquecidas; outras, porque foram alimentadas sem cuidado, succumbem a affecções digestivas; outras, por fim, são victimadas por doenças transmissiveis. Em todos os casos a culpa é quasi sempre dos paes; no primeiro caso porque geram filhos quando não estavam em perfeitas condições de desenvolvimento ou em completa saude physica e moral, ou porque as mães não tiveram o necessario repouso durante a gravidez; no segundo caso porque não foram amamentadas racionalmente; no terceiro caso, finalmente, porque não foram devidamente resguardadas dos contagios morbidos. Em summa: morreram porque a hygiene não foi observada.

Se nos quizermos deter em considerações relativas ao primeiro caso, cujas regras de boa geração e de perfeita gestação constituem em essencia a «eugenia» ou «eugenetica», sciencia de hem gerar os filhos, e em que os casamentos prematuros (sobretudo femininos), a syphilis, a tuberculose e o alcoolismo influem tão decisivamente, é bem que nos detenhamos um pouco sobre a hygiene da criança depois de nascida, isto é, sobre a puericultura, a cultura da criança.

Numa época em que cuidamos de tantas culturas, de cavallos, de bois, de gallinhas, de arroz, de milho, de feijão, não devemos

descurar da cultura dos brasileiros do futuro. Já dizia Spencer: «Ser bom animal é a primeira condição para o successo da vida; ser uma nação de bons animais é a primeira condição da prosperidade nacional.»

A puericultura ou hygiene infantil, é um mixto de cuidados relativos ao assio, ao vestuario, á dormida, á habitação, aos exercicios, mas sobretudo, á alimentação. A alimentação é o mais sério problema da hygiene infantil, tanto que já foi dito que a criança pequenina, é apenas «um tubo digestivo». A alimentação irracional e defeituosa é uma das mais importantes causas da impressionante mortalidade das crianças, e a este respeito quasi sempre é possível dizer que as mães assassinam os filhos. Assassinio muitas vezes inconsciente, mas assassinio embara.

Nenhuma amamentação vale o leite materno, que só deve ser negado á criança quando de todo fór impossivel, para attender á precaria saude da propria mãe. Mas nem sempre isso basta, porque muitas mães matam seus filhos por excesso de amamentação. A regularidade nos intervalos da amamentação é meio caminho andado neste problema, e o espaço que medeia entre duas alimentações deve dar tempo á digestão de uma porção de leite antes da introdução de nova quantidade, porque, do contrario, não ha digestão, accumula-se o residuo ingerido, irritando o estomago e os intestinos, que protestam eliminando taes substancias sob a fórma de vomitos e diarrhéas. E assim vai a criança definhando, emmagrecendo, mingando, e por fim, morre á fome por excesso de comida.

Mas não é só assim que pôde a alimentação ser inconveniente. Ha tambem o problema da desmama. Pouco a pouco o leite vai ficando insufficiente para as necessidades da criança, que requer outros elementos, cuja introdução na alimentação deve ser iniciada no momento proprio e protegido vagarosa e methodicamente, enquanto o leite vai aos poucos sendo supprimido. O momento do inicio da desmama deve ser aos 8 mezes, quando a criança já tem 2 ou 4 dentes, pois é util saber que a dentição é um bom indicador do desenvolvimento. Se falharem os dentes é signal de atraso e a desmama deve ser retardada. Nos primeiros 2 mezes entrarão diariamente um mingau ralo na alimentação diaria; nos outros 2, mais outros; nos 15 mezes, mais outros; aos 18 um ovo; aos 24, carne de frango. Só aos dois e meio annos deve ser dada carne de vacca. Vencido este periodo, estará passada a phase mais difficil.

Restam as molestias transmissiveis, contagiosas, entre as quaes tem logar de destaque as verminoses, que no Brasil são, a meu ver, a par da alimentação irracional, a principal causa das espantosas mortalidade infantil, e da decadencia da raça. Não basta, pois, elevar a natalidade e baixar a mortalidade. E' indispensavel que a natalidade seja util e proveitosa, isto é, que os elementos novos não sejam desde logo assaltados por doenças evitaveis, que os vão prejudicar no seu desenvolvimento physico e mental. E' infelizmente o que se passa em vastas regiões do nosso paiz, onde impéra de modo permanente a malária, em outras a molestia de Chagas, e em todas a ankylostomiasis. Legares ha onde não escapa uma criança á morte. Assim em Santo Antonio do Madeira, com cerca de 80 annos de existencia, affirmaram-me que não se encontrarão no mundo allgum nascido naquella villa, e isso é facto banal nas regiões amazonicas. Nas zonas do «barbeiro», ha povoados onde ninguem escapa á doença, e mais da metade da população é constituída de aleijados, cretinos e idiotas.

Que vale nascer para vegetar, para ser parasita? »

Urge, portanto, proteger a infancia. Para isso, para que esse empreendimento seja effizaz e possa dar, num futuro embora remoto, resultados apreciaveis, é mister que se tomem desde já as providencias urgentes.

A Associação de Assistencia e Protecção á Infancia, fundada pelo benemerito clinico dr. Antonio Gouveia, tem por fim salvar a nossa raça, que periclitaa, realisando a puericultura.

Eis as expressões com que o dr. Belisario Penna se refere a essa associação:

«A digna associação vai amparar as crianças, ensinar as mães a criar-as, educal-as, portanto, hygienicamente, e preparar desse modo elementos sadios, que para o futuro vão melhorar a raça e concorrer para o progresso do paiz. Ella vai não apenas dar alívio, mas curar os doentes, melhora as condições de vida dos tarados, e tornar aproveitaveis os atrazados.

E' uma obra de benemerencia nacional, que collima os intuitos da campanha do saneamento do Brasil. O ideal seria que se

'fundassem associações destas em todos os municípios do país. A's senhoras — mães, esposas e filhas — incumbe a missão caridosa e quasi divina de dar á benemerita instituição todo o zelo, carinho e protecção, para que caiba ás crianças pobres, pequenos botões de flores, que se citiolam á sombra da indigência e da ignorância, um pouco do sol que brilha nos jardins dos ricos e dos remedidos.

A fortuna ou a mediania farta, ou o simples bem-estar relativo, que desfrutam as classes ricas, as das profissões liberais, as do commercio, da industria, da lavoura e dos funcionarios, provém do trabalho rude e do esforço quotidiano das chamadas classes humildes, que são as do trabalho industrial e agrícola. Quanto mais robustos e sadios esses elementos, mais efficientes na produção; mais facilmente portanto concorrerão para o bem estar ou a fortuna dos outros.

E', pois, de toda a justiça, e constitue até um dever e um interesse, mais que patriótico, porque é humano e christão, o con-

curso dos capitalistas, dos industriais, commerciantes, doutores e funcionarios para mitigar a existencia das classes de trabalho, auxiliando-as effizicamente na criação e na educação de seus filhos. Para a pratica desta obra meritoria, desse dever, que o é para as almas bem formadas, não ha necessidade de sacrificios. Basta que cada qual, em cada mez, se prive de uma das innumeradas coisas superfluas, que á força de repeti-las, nos parecem essenciaes á vida, algumas das quaes, ou muitas dellas são até prejudiciaes.

Excuso-me cital-as porque a consciencia de cada um indica aquella ou aquellas de que é usuario. A's distinctas e valorosas patriotas de Ribeirão Preto, eu imploro, em nome da infancia pobre, que se privem e concitem seus paes, maridos, noivos, irmãos, filhos, á privação, num dia de cada mez, de alguma coisa superflua, em beneficio da Associação de Assistencia e Protecção á Infancia.

No seu activo, da justiça divina esse acto será contado como resgate de todos os peccados da vida delleis. »

## Prodígios da flóra brasileira A castanha mineira

No norte do Brasil ha uma castanha, conhecida geralmente pelo nome de «castanha mineira», cujas virtudes medicinas são verdadeiramente espantosas. Eis o que, a proposito della, escreveu o distincto clinico dr. J. R. Monteiro da Silva:

Viajando pelo interior do Estado do Espirito Santo, notava constantemente que os meus companheiros do hotel, ás vezes tarde, comiam demais pelo adiantado da hora, em contraste com a minha parcimonia, não por falta de appetite, mas pelo receio de perturbações gastricas.

Terminada a refeição, alguns dellas tiravam do bolso uma especie de castanha, de que raspiavam uma porção, collocavam agua fervendo e tomavam todo o conteúdo, depois de frio. No dia seguinte, levantavam bem dispostos e com appetite para nova refeição. Tentei de inquirir um dos convivas sobre o extranho facto de comerem tanto á noite sem se manifestar nenhum embaraço no estomago tão repleto de iguarias que não primavam pelo bom preparo. O bondoso viajante a quem perguntei, tirou do bolso uma semente, parecida com a castanha commum, porém muito maior, e confessou-me que aquella pequena amendoia resolveu todo o segredo de sua boa saúde e dos companheiros; e quem a utilisasse semente usasse como elles faziam, não deveria temer as molestias do estomago. Chama-se «castanha mineira» o prodigioso producto vegetal, que tanto bem espalha pelo campo. Era uma «Drupa» cheia de amendoas, de gosto oleaginoso e muito amargo e tem muitos nomes: «Castanha mineira», no norte do espirito Santo; «Chipoti», em São Fidélis e em outras localidades do Estado do Rio; «Castanha de bugre e jatobá», em diversos Estados.

E' um cipó que trepa pelos troncos das arvores até os ultimos galhos, onde solta a sua ramagem, em contacto com os ramos da arvore protectora. A «castanha mineira» (*Antispermia passiflora*, VELL. F. das Cucurbitaceas), contém grande quantidade de oleo purgativo e amargo, reina e quem sabe se algum alcoolide, pelo facto de sua acção activa nas molestias do estomago e intestinos. Preparei a sua tintura que usava constantemente, sempre

com proveito, e receitava para os dyspepticos de atonia gastro-intestinal, com prisão de ventre, neurasthenia, tonteadas, etc., com muito resultado.

Ainda não se fez applicação conveniente de seu oleo como purgativo, de acção chologoga igual aos colomelinos. Basta tomar uma colherinha de tintura em meio caico d'agua durante as refeições para sentir-se bem, com boa digestão, trazendo bom humor e evitando as fermentações gastricas, causa da neurasthenia abdominal ou dyspepsia nervosa, etc. Conveni-me de sua effizacia pelos resultados favoráveis colhidos em muitos doentes que sempre elogiavam o seu effeito.

Nos mezes de novembro, de embro e janeiro encontram-se em abundancia nas matas, podendo-se colher porção de frutos que se conservam por muito tempo, um a trez annos, sem perder as suas qualidades medicinas. Examine a «poltruna» do caboclo e lá achareis a «castanha mineira», a companheira fiel do viajante, do caçador e do lavrador; a suas curas prodigiosas são propaladas até o sertão pela população rural.

«Castanha mineira» é o nome que goza de justa fama na medicina popular.

Um velho, já avançado em annos, começou a desenrolar um lenço de chita e retirou de dentro um vidro cheio de tintura de «castanha mineira» e mostrando-o a outros circunstantes confessou que devia a sua existencia áquelle medicamento que fiscalisava o seu orgão digestivo já gasto pelos annos, favorecia a digestão e não deixava cair em uma completa inercia e a morte como consequencia. Com a voz tremula apregoava as virtudes curativas da «castanha mineira», que devia ser bem conhecida e propagada a bem da humanidade.

Um negociante, que era obrigado a viajar pelos sertões, tinha tanta fé nessa tintura que preferia esquecer o revólver ou a capa de viagem do que o seu remedio que o livrara das dyspepsias e até da azia, molestias communs nos viajantes que são obrigados a longas viagens sem horas determinadas para as refeições.

A materia medica brasileira muito lucraria com o seu estudo physico-químico e será mais uma conquista da sciencia a sua applicação therapeuticamente como um vegetal util e effizaz.

E como este, ha muitos outros nesta rica flóra, orgulho do Brasil, e que não cessa de ostar as suas maravilhas.



O não é o melhor amigo, disse Shopenhauer, e a sua alma é transparente como o crystal. Shopenhauer, com o seu pessimismo exaggerado, não acreditava no amor e deacris do amado. Sem embargo disso, tinha fé na tenra do não, o amigo mais leal do homem, ou, melhor, o seu unico amigo verdadeiro.

Do livro de Menault - A intelligencia dos animaes :

«Quando chegar o infante, quando a desgraza tiver feito o vacuo em torno de vós, é então que comprehendereis toda a tenrura, toda a fidelidade, toda a dedicação, todas as bellas qualidades do não. Se elle vos consolara, vos affigira, vos humbára as mãos, vos olhára com os seus olhos mais que humanos; então comprehendereis que a intelligencia nada vale sem a grandza do coração.

Tudo no espirito do não pode ser utilizado, porque tudo é naquelle coração. E em dos estudos que me proponho fazer é procurar as relações que existem entre este ultimo organo e o cerebro. Admitte-se geralmente em physiologia que os homens e os animaes possuem o mesmo organo, os nervos, o de ponto organo, porque, estando, então, este organo mais afastado do cerebro, só froucamente lhe transmite a sua impressão. Os cães pelo maior parte têm o mesmo ponto desenvolvido, são ardentes nos seus sentimentos, nas suas paixões, e rheimos de actividade intellectual.

Conta Luiz Noir ter assistido ao seguinte: uma senhora, muito conhecedora dos sentimentos dos cães, fingia que tratava de vender a sua endelinhia proficiente, delectavel, sem affectação e sem oler a voz, as condições do contrato. A cadella começou logo a ganhar e a enrodilhara-se aos pés, como a supplicar-lhe que a não vendesse.

O illustre pensador francez fez outras experiencias concordantes. Assim como os cães lhe comprehendiam a linguagem, também elle lhes comprehendia a d'elles, notando distinctamente que um cão não podia de beber do mesmo modo que pode de comer. Além disso a linguagem dos gestos é bem mais rica nos animaes que a da voz, principalmente nos animaes superiores; o não é o animal que sabe melhor utilizar o gesto á voz na manifestação das suas expressões. Attende-se num cão. Bate-se á porta da casa? A sua voz é forte, é ameaçadora, é cheia de colera. O olhar é brilhante, e a cauda apresenta-se estendida. Cante! Não entre! Passando alguns instantes a porta abre-se e entra o dono; que salta; que festa; que olhar tenro, que alegria brilha nos seus olhos, na sua voz doce, entrecortada, commovida de felicidade. Repara-se agora a sua attitud de dor; com a cabeça inclinada, o olhar fino no chão, a cauda baixa, o andar lento, a voz apaga, segue o enterro do seu dono.

## CASTELLOS...

AO DEB. MIRANHO PIEL XOTD

Postando no regaço a cambria rendada da blusa, em al-nhavo, sustendo o rythmo do pé sobre a placa moveda de Singer, Olga, com a ponta nickelada do tesoura recurva descerrou o envelope da carta, ha pouco entregue, e correndo o macio das retinas pelas linhas calligraphadas num cursivo masculino, nervoso, leu:

—...Si um olhar confiante pôde autorizar uma palavra desesperada, mas sincera e respeitosa, conto di-ti-la hoje, á tardinha, no trecho louro dos Milagres, onde nos vimos pela primeira vez, onde nos vemos pela derradeira. Ivan.

Fôra no banho de mar essa data recordada: ha um anno quasi... Manha de estio, mordida do sol nascente: — o tôldo sideral azul turqueza. Ella boiava a rir-se, entre amiguinhas, no espumejo das maréas agitadas, num ensaio de natação, quando elle jogara-se ás aguas verdes, braços nus, forte, torso enluvado pela camizeta de ricas escarlates, cabellos retintos, rosto glabro, moço. Não sabendo porque, instinctivamente, fremita, tomara pé na areia velludosa, recompusera pudicamente o ligeiro decote do casaco de baeta vermelha, e todo o resto do banho levou a espreitar furtivamente o rapaz, seguindo-o com a vista nas bráçadas largas para o mar alto, temendo um accidente, os peixes, sentindo-se contente a cada regresso, como si de ha muito o conhecesse, ella que a primeira vez o viu... A tarde, no Carmo, reencontrou-o: — roubera então ser o bacharel Ivan Castilho, telegraphista, removido ha pouco do interior para a cidade.

Elle a comprehendera: Olga tivera a certeza dias após. Nos banhos, na platéa do cinema, em derredor dos bancos do Carmo, ou nas missas dominicaes, ella o descobriu perto, a contempla-la extasiadamente. Amava-o: — diziam-lhe-o bem as pulsações céleres do coração quando na mente surgia-lhe a lembrança do rapaz, no primeiro encontro. Sentia estretimecimentos como si estivesse ainda entremegulhada nas vagas escumilhadas do oceano, a boiar, a boiar, com os olhos cerrados ao sol que subia... Amava-o esperadamente, enlevada, num sonho virgem de caricias e bonanças. Nunca se haviam falado, sequer o traço de um bilhete amoroso os unira em pensamento, mas os corações se comprehendiam. Porque não seriam felizes? Elle tinha uma carreira bem iniciada, era trabalhador e intelligente: professora ella recebera uma educação que ensina á mulher o ser a companheira do marido na dedicação, no carinho, no labor domestico. Conjugara-se-iam para forrar o ninho conjugal, com o mesmo apuro das aves a entretecer os seus, entre as folhagens.

Uma tarde, a passeiarem na praia, uma tia, muito sua amiga, dissera a Olga, emlouvavel intenção de aviso: — Minha filha, é preciso esquecer o coração, o teu casamento não terá feliz com esse moço... A phrase sussurrante a revelar dos labios desvelados da tia, trouxera-lhe a inteira desolação ao seu espirito confiante. Quizera saber de tudo: — Ivan, na fraqueza dos rapazes creados fóra do lar, tinha levado uma existencia de bohemia travessa e desviada.

Preciso se tornava esquecel-o, por completo e sem tardança: — nunca accetaria a corte de um homem já preso a um lar illegitimo, embora, sacrificando o nome de uma rapariga e a sorte de duas creanças. De penares foram os primeiros dias, mas a pertinacia gerada pela robustez de sua educação, levou-a a recalcar a esperança, para deixar somente sob as cinzas o resentimento silenciozo da desillusão. Enclausurou-se para não tornar a vê-lo: — o trabalho, a leitura, os seus deveres religiosos, conquistaram-na, suavizaram-lhe as saudades do amor impossivel.

Um mez passou: — Ivan, dissera-lhe-o uma amiguinha, em visita, não mais apparecera... E somente agora, aquella rectangulo de papel de linho, escrevichado por elle, vinha talvez provocal-a, tentar reacceder-lhe a tortura de uma affeição condemnada. Deveria ceder, ir á entrevista? Era animosa o bastante para trazer o rapaz em attitude respeitosa: não seria, decerto, aquella carta uma cilada. Que poderia querer Ivan? Saberia de tudo e ia ensaiar perdões ou, ignorante, viria tentar uma declaração de amor? Falava em "derradeira vez"... Isto poderia ser uma "phrase" para apiedal-a. Lembra-va-se da pobre rapariga abandonada, esquecida no tertão, sem honra e sem nome. Era preciso remediar o mal; se a Ivan a ouvisse!... Quem sabe? Iria... Por isto, ao menos. Deu a esclerecencia nesta boa acção... Retomando o andamento da placa moveda da machina, aninhando sob a lançad'ira a blusa alinhavada, Olga baixou o olhar para a costura, lutando-se á idéa da missiva perturbadora...

11

Ao crepusculo, na calma da beira-mar, tarde de inverno despoçadas as vivendas da faixa dos Milagres, areias auriflamadas

peas reverberações do poente violáceo, Olga, muito esguia, cabellos acastanhados presos na gaze da echarpe, vestida de flanela clara, foi ter, em companhia do irmaosinho de sete annos, ao local onde Ivan a aguardava.

Sentaram-se numa jangada de velame colhido, ainda humida de peregrinação marinha, recendendo a salugem. Mal se saudaram com as cabeças, na frieza dos corações desentendi-dos. Perto, o pequeno cuidara de brincar com a ateia frouxa, dourada, armando baluartes, tunneis, castellos...

Era toda silencio a praia. Só o mar murmurava... Na orla remota do horizonte ia velejando um hiate, no claro-escuro da distancia e da saudade. — Pouca demora será a vossa, Olga. Deixae tratar-vos assim: é a derradeira vez, sendo a primeira... Pouca demora e poucas phrases, como as dos moribundos. Nas agonias, breves são as palavras, mas nellas vaé toda recommendação, toda doçura, todo perdão. Aqui quem morre é o nosso amor... O nosso amor, sim: — eu não careço dizer do meu, nem vos carecerei embutecer as faces para adivinhar que ainda viveis na lembrança do vosso. Sei de tudo: — é bem o impossivel, é...

— Sim. Um impossivel em que não vale mais pensar. Tendes distrações, deveres; a mim o esquecimento será tardio, mas virá. Sou moça e os annos são volúveis... Ivan baixou a cabeça:

— Se vos pedi a presença não foi para falar de amor. Bem o comprehendestes, pois viestes. Acreditei: — nunca embalei a idéa de vos illudir e si, por infortunio, a verdade de tudo soubesseis por outro, não foi certo porque vol-a houvesse negado. Não nos falláramos... E se culpa me cabe, della me confesso, é de vos ter seguido, de vos ter olhado, o que fazer não devesa, tocado pela vossa graça. Não vos enganaram, Olga: ha um desvio na minha vida e um laço a prender-me...

— Ha devesos que a honra, como boa prescriptora, corrige. E nunca é tarde para isto. Vossa companheira o espera assim. Soube de tudo, com a curiosidade de quem precisa conhecer o homem amado: — num rincão sertanejo existe uma rapariga, talvez da minha idade, que chora, envergoadada, batida de reminiscências pelos paes, tendo á orla da sua duas creanças. Confuso e perdido-se, talvez, para sempre. Uma grande falta a empanar o vosso coração. Nesta suprema entrevista, se direitos tendes de implorar o meu perdão para a intranquillidade que me trouxestes, tambem eu posso vos pedir: case-vos, de e vosso nome a estes dois pequenitos que amanhã corarão, na escola, por não terem-no para firmar o seu cursivo... A escola, sabeis, miniatura a sociedade. Case-vos. Prometteis?...

Quasi escurecera de todo; o céu accendiera-se, piscando as gambarras das estrelas no velludo espesso da noite tenebrosa: — o Cruzeiro, scintillante, inclinara-se, como a pesar nos hombros do Nazareno; mais longe, perto do poente, fulgiam as tres estrellas irmãs da constellação de Orion...

Olga, puzera-se de pé e Ivan, sensibilizado, mudo, surpreso da harmonia piedosa daquellas supplicas, entendendo toda a nobreza feminina, todo o estoicismo de coração bem cultivado e de espirito altivo, deixara-se ficar sentado, contemplando-a como a uma sacerdotisa, numa prédica sublimé pelo seu lar repudiado. Sentiu-se aviltado, indigno em frente aquella mulher: — o seu caracter, mal formado, porém capaz de correção, impellia-a a gestos nobres. Quando a olhou de novo a miral-o com a porcellana ambarina das pupillas, severamente doce, cabellos esvoaçando sob a gaze, numa attitude natural de apothéose, alva no escurecer da noite, Ivan, arrebatado, casto, apressou-lhe as mãos, levou-as nervosamente aos labios, ba'buçando:

— Prometto, juro... Casar-me-ei. O vosso pedido é um raio quente de felicidade, clareando-me o dever e acariciando o meu lar. Deus que vos dá de benções o quanto me daes de conforto neste momento. Faz-se tarde: — vejo que estou sendo imprudente. Agradeçido e, para sempre, adeus...

Ficaram uns segundos de mãos entrecruzadas, fitando-se serenamente como dois irmaos, sem angustia, corações tranquilos e recompensados. As collinas onduladas, no verde-mata de vegetação, toucavam-se pelo collar pyllyramente das lampadas electricas.

Apartaram-se: — Ivan se foi, passo a passo, pela areia fóia, caminho do Carmo, sem volver a vista. Olga, destacada na ame-thysta do anoteecer, reconpondo os cabellos revoltos, na graça flexuosa da idade, enlanguescidamente resignada, sentindo humidas as piscinas rútilas dos olhos, baixou os velários dos cilios, chamou o irmaosinho.

A creança, enlevada, desmanchava os castellos de areia alteados ao pé do mar...

Mario Sette.

Do "Rosses e Espiãtos".

GRANDE  
SALDO DE  
VOILE  
DE PURA  
LAN  
A 7\$000

# Au Palais Royal

Rua S. Bento, 72 - S. Paulo

Telephone, 1069 - Caixa Postal, 587

GRANDE  
SALDO DE  
TOILE  
DE VICHY  
A 1\$700  
0 METRO

Dando inicio a sua LIQUIDAÇÃO FINAL, convida a sua distincta clientela a fazer uma visita aos seus armazens para conhecer da exactidão de sua affirmativa.

*Occasião excepcional - - - Preços incomparaveis*

Desconto em todos os artigos variando de 10 a 50 por cento

## AU PALAIS ROYAL

Rua São Bento n. 72 - - - - - S. PAULO

### SAXONIA

TINTURARIA E LAVANDERIA  
S. PAULO

LAVA E TINGE ROUPA DE  
SENHORAS, HOMENS E CREAM-  
ÇAS, CORTINAS, PLUMAS, BOÁS,  
LUVAS, Etc., Etc.

Fabrica: Rua Visconde de Parnahyba N. 210  
Telephone - Braz 297

Lojas: RUA LIBERO BADARO' N. 145 A  
Telephone - Central 2396

RUA SEBASTIÃO PEREIRA N. 5  
Telephone - Central 833

## Gravidina

Approvada e licenciada pela junta de hygiene

### A'S MULHERES

- ¶ *Seboro está grávida?* - Use a Gravidina.
  - ¶ *Gravidina evita as complicações da gravidez.*
  - ¶ *Seboro sofre de utero?* - Use a Gravidina.
  - ¶ *Gravidina - cura muitas molestias de utero.*
  - ¶ *Gravidina - evita os vomitos da gravidez.*
  - ¶ *Gravidina - evita as inchações.*
  - ¶ *Gravidina - evita as hemorragias.*
  - ¶ *Gravidina - alivia a dor do parto.*
  - ¶ *Gravidina - facilita o parto.*
  - ¶ *Gravidina - tonifica a mulher e a creança.*
  - ¶ *Gravidina - cura as flores brancas.*
  - ¶ *Gravidina - regulariza a menstruação.*
  - ¶ *Gravidina - evita os tumores do utero.*
  - ¶ *Gravidina - é a salvação das mulheres.*
  - ¶ *Gravidina - mesmo a mulher se é util.*
  - ¶ *Gravidina - não contém substancias prejudiciais a mulher e a creança.*
  - ¶ *Gravidina - não é Anestesia.*
  - ¶ *Gravidina - deve a sua acção benéfica e curativa na gravidez, no parto e nas molestias do utero, a feliz combinação de substancias vegeto-mineraes que entram na sua composição.*
  - ¶ *Gravidina - é formula e preparado do distincto medico parteiro, Dr. Alfredo Zoquim, com 25 annos de Clinica e Partos.*
  - ¶ *Gravidina - é o melhor remédio para senhoras - Previne e evita os accidentes e complicações da gravidez. Prepara o parto facil e rapido, sem dor e sem os soffrimentos dos partos laboriosos. É um excellento auxiliar da lactação que excita e estimula a função da glandula mamaria.*
- Preço: vidro ..... 3\$00  
A' venda em todas as pharmacias

Depositario: Pharmacia Ypiranga  
J. RIBEIRO BRANCO  
R. Libero Badaró, 112 — S. PAULO



O caboclo olha, coça a cabeça, 'magina, e deixa que do velho mundo venha quem dulle pague de novo. A B de Novembro abate-tu-se um throno vitallado pela cadeira quadrangular. O paiz estremece ante o inopinado da mudança. Mas o caboclo não dá pela coisa. Vem Flávio, estoura os grades de Custodio, Gumerindo bate ás portas do Roma, Inelutau ressurto e derramou o paiz durante quatro annos. O caboclo continua de férias, a modernidade em carrao. Nenhuma ferroteada e p'iu de p'n. Social como individualmente a sua attenção é essa. Para todos os actos da vida, Geca, antes do agir, accora-se.

Geca Tatú é um piriquara do Paralyth, maravilhoso optimo de carne onde se reúnem todas as caracteristicas da raça. Elle que vom latar as fazendas em carrao, vive apartado. Seu primeiro movimento, após prender nos labios o palhilo do millo, sacar o roto do fumo e disparar uma cusparada de cagullão, é sentar-se zolotramente sobre os calcaneares. Só então destrava-se-lhe a lingua e a intelligencia.

— Não vô que...  
De pé, ou assentado, as idéas entramam, a lingua emperra e não ha dizer coisa com coisa.

De noite, na choca de palha, accora-se ao fogo para "aquecê-lo". Imita de a mulher e do prole. Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, assar um esto de feijo, fazê-lo noutra posição será decastru seculo. Nos mercados, não om leve a quillanda deminguê-la. É de férias, como um fakir de Bhiramputra, que vigia os cadalhões de brejadia ou o feizo de tres palmitos.

Quando comparece ás feiras, todo o mundo logo adivinha o que elle quer: sempre coisas que a natureza derrama pelo matto e no homem custa apenas o trabalho de esplanhar o braço, o colhor — cooca de tuem e jussara, gubichão, bacupira, maracujá, jatylá, piludões, orchideas; ou artefactos do taquara póa — peniciras, centinhos, samburás, tipitís, plô de encador; utensilios de boxeira macia de talhação, pinças, piléscintins, colhêres de póo, Nadin mais.

Seu grande cuidado é esprenhe todas as consequencias da lei do menor esforço, e nisto vê longe. Começa a applicar a lei na moradia. Sua casa de pau e lama faz rir aos bichos que moram em toca, e gargalar ao joão de barro. Pura biboca de bichimano.

Molhia nenhuma. A cama é uma esteira capitada de peria póta sobre o chão batido. A's vezes d'ê-se no luxo d'um banquinho de tres pernas — para os hospedes. Nos peres dão o quillubrio de o portão e o trabalho de metter a quarta, o que obriga ainda a nivelar o pavimento.

Para que os essenciais se a natureza e do tou de solidos, rachados e malhados?

Nenhum talher. Não é a muleica um talher completo, colhêr, garfo e faca ao mesmo tempo?

No mais, umas cutas, gamellinhas, um pote esbecado, a picchora e a panela de feijão.

Nada de armarios ou baldís. A roupa guarda no corpo. Se tem dois parelhos, um traz em uso e outro na barrêla. Os mantimentos apoia nos cantos da casa.

Inventou um cipó preso á cumeira, com um gancho na extremidade e um disco de lata no alto e all pendurado o toucinho a salvo de gatos e ratos. De paiz p'ende a pingadura pica-p'ia, o polvarinho de chifre, o S. Benedicto defumado, o rabo do tatú e as palmas bonitas de queimar pelas frotas trovoadas. Servem de gacetos «os buracos da parede.

Seus remotos avós não gessaram de maior comodidades. Seus netos não metterão quarta perna no banco. Porque? Vive-se bem sem ella.

Lellam-se ainda estes trechos: «Se a palha do tecto, aporridada, abre-se em fistulas, por onde pinga a agua da chuva, Geca, em vez de remendar a tortura, limita-se, cada vez que chove, a «parar numa gumeillina a agua gotejante. Rememora... para que? So uma casa dura e um anno e fallam «apenas» cinco para abandonar aquella?»

Esta philosophia economica os reparos. Na mansão de Geca a parede dos fundos boja para fóra um veno empagado, a agua acando rui; os barretes, cooca pela humidade, ossillam na podrequeira do baldrame. Afim de neutralizar o desapravo o preveio suas consequencias, grudou nelle uma Noosa. Senhora enquadra em moldura amarella — santo do mascate.

— Porque não remenda essa parede, homem de Deus?  
Geca rir superiormente.

— Ella não tem coragem de cair. Não vô a «cecora»? »

E assim é do facto, o caboclo. A toda incliativa util, como plantar uma arvore, criar uma duzia de galinhas, por um estoio novo no casbure perijantado, preparar uma ceira de terra para cultura, a tudo isso antepo o caboclo a phrase habitual, caracteristica da sua madrugaria:

— Não paga a pena.  
— E a arte, que negocio de arte tou ello? Nenhuma. A observação do sr. Lobato é flagrante:

«Imorrihencio o seu casburo: que é que demora a ser dada do meu vago senso esthetico? Uma clumhada no cabo do relho e uns ziguezagues a canivete ou fogo pelo rollo do gastaubá. E' tudo. A's vezes surge numa familia um zozão. Ell-o vem: «meua pena reformada. Ell-o vem: començara-se, tosse, espullia, o pigarro, fere as cordas o «tompura». E fica nisso, no tempo.

Dizão: e a molinha? »

A molinha, como as demais manifestações de arte popular existentes no paiz, é cheia de arte e de sentimento. Os vellos o sangue recente do européo, riu de atavismos estheticos, burbulha do mistura com o sangue selvagem negro e são do negro, do feito do Egito. Triste como o nativo, nem siquê a cultura. No meio da natureza brasileira, tão rica de formas e cores, onde os lips floridos derramam felizes no ambiente, e a enfolhosemeia dos cedros, as primeiras chaves de Setentaria, abre a dança dos tanzarás, onde ha abollas de aq, emeraldadas vivas, cigarras, bichas, luz, cor, perfume, vida, discancia, um excação permanente, o caboclo e o «colouro urupé» riu de paiz, a molinar «nencio no recesso das grotas.

Só elle não fala, não ri, não canta, não ama, vô elle, no meio de tanta vida, não vivo.»

Quem comprehendêr o caboclo tal como elle é, tal como o observa e autor dos «Grupos», o não como o phantasmico «gigante», o caboclo e o «colouro urupé» riu de heronismo, de talentos e de qualidades, que nunca teve, quem o comprehendêr assim, terá comprehendido o livro do Sr. Lobato e terá a molinar a prodigiosa molheza das suas narrações.

Emeraldas, versos de Palmyra Wanderley, 1916-1918.  
Rio de Janeiro, Ed. do J. Pinto & C.

Entre as poetisas da nova geração, d. Palmyra Wanderley é uma das que mais se destacam. Apesar de muito jovem, já devessem a maior parte dos seus versos. A sua verificação é perfeita. Nenhuma expressão se lhe pôde fazer quanto á harmonia e a certos efeitos exteriores da forma. Além disso, possui a gentil poesia outras qualidades, entre as quas avulta o sentimento que sabe imprimir em cada uma das suas composições. O seu recente livro de versos, «Emeraldas», tem obtido, principalmente no Norte do paiz, um grande successo.

Para que as leitoras façam uma idéa do livro, aqui transcrevemos o soneto que tem por titulo «Nocturno», o qual, sem ser o melhor da collecção, é, sem duvida, um bello soneto. Ell-o:

Violetas refulgindo á Ave Maria,  
Deixam na tarde velludosa e quente  
De ametyza a expressão vaga e sombria,  
Da saudade da luz, do sol no poente.

Queper, brilhando, a sóz nos annuncia,  
Estalando fior de luto, transporente,  
Ves, do crepusculo, ao morrer do dia,  
Vem a treva descendo lentamente.

No zimbório da noite astros brilhando  
Em chiviscos de luz, ficam acimando,  
Emquanto as nebulosas se entrelaçam...

E a vin-hoceta arrasta um vô sedoso.  
Estrelando o canho luminoso,  
Por onde os poetas, quando morrem, passam.

Espeho encantado, por Gomes dos Santos.

A proposito deste livro, que tem recebido, por parte da critica indigena, as mais justas e elogiosas referencias, eis o que escrevemos para esta secção, o nosso distincto collaborador sr. Raymundo Reis:

«Todos os dias apparecem no mercado das nossas letras livros novos, mais ou menos precedidos de reclame. Mas o tempo de que se dispõe para a leitura é cada vez mais escasso. A vida moderna decorre entre agitações e preocupações multiplas, não deixando para repouso e pasto do espirito senão horas fugidias. Convém que as saibamos aproveitar.

E' por isto que, quando me vem ás mãos um bom livro, desses que raramente surgem, não podendo empertal-o a toda gente, para que toda gente o aprecie, me transformo em arauto e o apregoço aos quatro ventos.

Quando o sol nasce, já diáram os nossos ancestraes, é para todos. Condemnavel seio se os seus raios fecundadores fossem focalizados apenas para as searas dos elictos e deixassem estiolar-se na treva as searas humildes.

E' assim o bom livro. Fundador de idéas, vivificador dos sonhos paridicticos, prompto-allivo para as dres do pensamento, a sua luz se deve derramar misericordiosamente sobre todas as almas dos torturados pela belleza e pela arte.

O *Espeho encantado*, que Gomes dos Santos acaba de publicar, é um livro que nos encheu as medidas e que está no caso de ser indicado a toda gente, para refrigerio do espirito. Não é preciso fazer a apologia do autor, nem é preciso exaltar-lhe a obra. Quem é que por ahí não conhece Gomes dos Santos? Apesar de residir entre nós apenas ha meia duzia de annos, o seu nome de principio impoz como o de um jornalista perfeito, encyclopedico, e principalmente como um chronista adoravel que sabia fazer do assumpto mais futil, em cinco minutos, uma pagina literaria temperada ao gosto do seculo. Foi já em S. Paulo que elle escreveu o *Jardim de Acadêmus*, editado em 1915 por uma casa do Porto, e que teve, nos meios intellectuales de Portugal e do Brasil, o acolhimento que merecia. Era um livro forte e bizarro, detoando do commun dos novos livros e destinado a provocar uma revolução em nozoo pelo mundo artistico. Se Gomes dos Santos não teve aqui imitadores, foi porque, par'imital-o, seria necessario possuir o seu pergrino talento, a sua vasta erudição, a sua acuidade de analyse, o seu espantoso poder de synthetizar e o seu ctylo corrente e doce. Essas qualidades raramente se encontram reunidas num escriptor, e por isso Gomes dos Santos continúa a ser, no jornalismo e nas letras paulistas, uma personalidade á parte.

O *Espeho encantado*, que elle agora nos offerece, numa bella edição, ou antes, numa formosa moldura da republica livraria Rescenação Portugueza, do Porto, é tambem, como o *Jardim de Acadêmus*, um livro de chronicas. Foi posto á venda, em Portugal, em fins do anno passado, mas sómente ha pouco appareceu nas livrarias de S. Paulo, devido ás emergencias da guerra.

Apesar de serem chronicas feitas para jornaes, bordando assumptos do momento, as chronicas do *Espeho encantado* jamais perderão a actualidade. Porque o autor sabe tirar das coisas e dos factos, com a sua perspicacia observação, idéas, reflexões, philosophias em todo o tempo opportunas. Sobre o agora eterno thema da grande guerra, por exemplo, Gomes dos Santos traça paginas admiraveis, de profunda psychologia, que hão-de ficar registradas não só nos fastos da arte como nos da historia.

O *Espeho Encantado*, como o celebre espeho de Nostradamus, que a lenda immortalizou, ha-de tambem ficar immortalizado na literatura portugueza.

Société Financière  
et Commerciale  
Franco Brésilienne

(CASA NATHAN)

CHA' «HORNIMAN» em latas de 1, 1½ e 1¼ de libra, o mais puro e aromático.

Grande sortimento de licores «CUSENIER» de todas as qualidades. Verniz especial «CHINAMEL» para envernizar soalhos, que substitue com vantagem a cera e é mais barato.

Grande sortimento de ferragens finas e grossas.

MACHINAS PARA A LAVOURA de todas as classes, com especialidade em arados, cultivadores, etc. dos melhores fabricantes Norte-Americanos.

□□□□

Pedidos e informações á  
43-A, Rua S. Bento, 43-A

Caixa do Correio - K  
SÃO PAULO

## Marmoraria Tomagnini



Especialidade em  
tumulos de marmore  
e granito polido

≠ Pietrasanta  
(Carrara) Italia ≠  
S. PAULO

Rua Paula  
Souza N. 85

Telephone, 3378  
(CENTRAL)

A todas as  
mães extremosas

Aconselhamos para os  
seus filhos o emprego do

**OLEO INDIGENA**  
Perfumado

Para completa extinção da caspa e a boa hygiene dos cabelos.



Usando o oleo INDIGENA perfumado, alisa os cabelos, mata por completo a caspa, lendias, parasitas e todos os insetos do couro cabeludo. Evita a queda e faz crescer o cabelo, podendo ser usado em todas as «toilettes» de bom gosto, pelo seu perfume e por todas as virtudes.

A' venda em todas as farmacias, drogarias, perfumarias e barberias. PREÇO 2\$000  
PELO CORREIO, 3\$200

Deposito em S. Paulo:  
**BARUEB & COMP.**

Córt e envie sem demora  
este coupon á redacção  
da **Revista Feminina**

.....de.....de 191.....

**SR. JOÃO SALLES** DIRECTOR DA "REVISTA FEMININA"  
Praça Antonio Prado (Palacete Briccola) - S. Paulo

Peço-lhe inscrever-me como assignante da *Revista Feminina*,  
por um anno, a começar em.....  
de 191..... e a terminar em.....de 191.....  
para cujo pagamento encontrará annexa a importancia de Rs. 10\$000  
caso prefira receber a Revista registrada deveis enviar mais cinco mil réis ou  
sejam 15\$000 (em dinheiro, cheque, ordem ou sellos).

As cartas com as importancias devem vir sob registro e valor dec.....

Endereço.....

Bogar.....

Estado.....

Observações.....

# VARIÉDADES

## Encephalite

**Cérebro inflamado. Inchaço da massa cerebral, e não das membranas que o envolvem (meninges).**

Nesse caso chamar-se-ha *meningite*. São dois estados morbiais diferentes, mas que muitas vezes se acompanham, pelo facto de que o cérebro está em contacto com as meninges.

## Meningite

Esta doença consiste na inflamação das meninges, que são as tres membranas que envolvem o cérebro e a medulla; são os órgãos denominados a *dura mater* que adhere aos ossos do crânio ou dia vertebral, e a *pia mater* que está em contacto com o tecido nervoso, e a *aracnoidéa*, que está entre ambas e as liga.

A *meningite*, pôde ser simples, tuberculosa ou cerebral se se dá nas membranas do cérebro; ou *espinal* se se dá nas membranas da medulla.

Os principais symptoms consistem em febre, dores de cabeça, vomitos e muitas vezes irritação do ventre.

Estes são geralmente symptoms denunciadores da doença, pois que são seguidos de convulsões, delírios, etc.

A *meningite* espinal apresenta os symptoms com mais successo o quanto que na *meningite* tuberculosa, os symptoms e mesmo o andamento da doença, são mais nervosos.

**Tratamento** — Como se sabe, é uma das doenças mais perigosas que se conhecem, devendo em todos os casos, e apenas se pronunciam, ser chamado o facultativo.

E' porém conveniente, afim de attenuar o mal e antes de vir o medico, applicar sympnapsios nos pés e pernas, ou banhos de mostarda.

Applique-se um purgante composto de 1/2 decigramma de calomelanos pelo vapor, e 2 1/2 decigrammas de Jalapa em pó, ao fór creança e o dobro das porções se fór adulto. Esta receita costuma ser *avaliada* em um papel de linho das eguazas.

Deve tomar-se uma de hora a hora, em agua ou leite.

## Hepatite

E' a inflamação do fígado. A *Hepatite aguda* é doença rara nos paizes temperados, mas é frequente nos paizes quentes. Tem symptoms locais e geraes: os symptoms locais são uma dor surda na região do fígado (últimas costellas do lado direito e anteriores do peço, região a que se chama *Hypochondrio direito*); esta dor irradia-se para o hombro e espalha do mesmo lado, para o pescoço e para quasi todo o ventre. O fígado augmenta de volume (o que os medicos reconhecem percutido) e pôde mesmo formar-se nelle um verdadeiro *abcesso* que virá a fazer saliência naquella região. Os symptoms geraes são: calafrios intensos, seguidos de febres e suores, vomitos biliosos de cor amarella ou esverdeada com um gosto muito amargo de bilis, (a que vulgarmente se chama *colera*), diarrhéa, que ás vezes proceede os symptoms locais; outras vezes accompanha-se de prisão de ventre (*constipação* de vento ou *obstipação*): o pulso é frequente e pequeno com irregularidade; agitação, delírio, somnolencia e algumas vezes a cor amarella dos olhos e da pelle (*ictericia*).

**Tratamento** — No individuo robusto e sanguineo pôde-se fazer uma sangria no braço, ou melhor, applicar trinta a quarenta sanguesugas na região do fígado, ou em volta do asso, seguida da competente cataplasma de linhaça para se continuar a hemorrhagia. Darse-hão purgantes e depois dos purgantes os temperantes. Sobre o ventre far-se-hão fricções com pomada mercurial só ou com a bel-

ladona em partes eguaes. Dieta rigorosa de caldos, leite, bebidas acidas e frescas e todos os dias dois clysters de agua fria, de litro cada um.

A *Hepatite chronica* succede ás vezes á *aguda*, depois d'um tratamento activo e feito a tempo: mas a maior parte das vezes accompanha outros estados morbidos, e principalmente as *Febres palustres (sestões)*. Os seus symptoms são uma dor pouco forte, como um peso na região do fígado e ramificando-se para o hombro e ventre. O fígado acha-se augmentado de volume, n'alguns casos nota-se a cor amarella dos olhos (*sufusão leterica*) falta de appetite, perturbações digestivas, oração diarrheica, etc. A febre geralmente não accompanha a *Hepatite chronica*, mas pôde vir quando a *Hepatite coexistir* com uma outra doença, como na *Febre Palustre*.

**Tratamento** — Revelusios sobre a pelle da região do fígado com a tintura de iodo, com causticos volantes, etc., fricções com pomada mercurial ou um emplastro resolutivo de mercurio, dióxido de potassio, de cicuta, etc. que se deixa applicado durante dias e até semanas. Internamente dão-se tambem os purgantes e mesmo os chamados *cholagógos*, (as bebidas frescas e os temperantes, bem como as aguas mineraes alcalinas: se ha febre combatem-se com os derivados da quina.

## A lentilha (sarda)

Quantos rostos formosos não estão desfeitos por essa multidão de nodos que destróe a brançura da pelle, annullam a frescura da tez e não deixam transpirar a carne? Alguns remédios são empregados contra as torçíveis nodos, dos quaes damos as formulas:

|   |            |
|---|------------|
| Borax   | 12 oitavas |
| Agua de rossa   | 12 onças   |
| Humedecem-se com este liquido as manchas, tres ou quatro vezes ao dia, deixando secar o liquido no ponto applicado. |            |
| Tem-se empregado tambem com vantagem:   |            |
| Sulphuro de potassio concentrado  | . 39 grs.  |
| Sulphidrato de amoníaco   | . 2 »      |

## Porque teme a Maternidade?



A experiencia é a mãe dos exitos humanos, e sem ella fracassam os maiores propósitos.

### NÃO FAZEMOS RECLAMES

do "COMPOSTO MITCHELLA", pois que não necessitam os que de ha muito o conhecem, e os que não o conhecem, só usando-o é que reconhecerão o valor do mesmo.

A REPUTAÇÃO DO "COMPOSTO MITCHELLA" está tão bem estabelecida nos paizes da America do Norte, particularmente pelo bello sexo da America do Sul e das Antilhas, que em todos os logares confejão-nos como uma maravilha.

### AS MÃES E OS MENINOS

que formam a família, que por sua vez formam o nucleo que sustenta a nação e a Patria, têm no "COMPOSTO MITCHELLA", o mais poderoso auxiliar, para defenderem sua saúde e conservarem-se fortes.

CONSTANTEMENTE SE ESTÃO recebendo sinceros e verídicos testemunhos, de Senhoras que o tem usado nos seus partos, alliviando os vomitos e molestias do embaraço, e reduzindo as dores, e tambem temos innumeros attestados de mulheres em todas as edades, que só tem curado com o nosso preparado,

dos symptoms nervosos e doenças peculiares no sexo feminino. AINDA MILHARES DE SENHORAS E SENHORITAS

o têm usado com exito assombroso, para combater as debilidades femininas, esterilidade e irregularidades mensaes; são innumeraveis os lares onde tem brilhado o mais harmonioso sol da saúde, só com o uso do "COMPOSTO MITCHELLA".

Por isso é que tem sido qualificado como o FAVORITO DAS MULHERES.

### PARA ADQUIRIL-O

podem-no em qualquer Pharmacia ou Drograria; fornecem gratuitamente um livrinho com informações e tambem amostras para experiencia.

Carta com 600 réis em sellos, para despesas e porte, ao unico importador do Brazil!

## LOUIS S. CURT

Departamento F. R.

Caixa Postal N. 1886

— RIO DE JANEIRO —



Toquem-se as sardas com um pincel embebido neste liquido.

Para o effeito ser mais effizaz deve lavar-se primeiro a pelle com sabão borico, enxugando-a depois, ou então;

|                          |         |
|--------------------------|---------|
| Leite puro               | 50 grs. |
| Glycerina                | 30 »    |
| Acido chlorhydrico       | 5 »     |
| Chlorhydrato de amoníaco | 4 »     |

Toquem-se as sardas com um pincel molhado circundando primeiro a mancha com gomma arabica, applicada com outro pincel.

### As empiagas

Curam-se cobrindo-as tres vezes ao dia com touçallo fresco.

Tambem se empregam com vantagem uma mistura de 3 grammas de Borax e 30 grammas de Agua de Rosas.

Applica-se em lavagens, humedecendo as manchas tres ou quatro vezes ao dia e deixando secar o liquido no ponto applicado.

# Heroínas do Brasil

D. ANNA LINS

Como é sabido, a revolução republicana de 1917, que teve por teatro a lenda da República e o nome de glorioso Pernambuco, apenas triunphou o organismo do seu governo provisório, alastrou-se pela Parahyba, Rio Grande do Norte e Alagoas, que a ella plenamente adheriu por Padre Rana, o qual logo que ahi chegou, se pôz em contacto com o alcazanos mais eminentes que haviam abraçado o movimento democratico pernambucano e demovido o povo a secundal-os, a apoiar-se com as armas nas mãos.

Tal movimento encontrou, especialmente na villa de S. Miguel dos Campos, os mais dedicados campeões no Capitão de ordenança Manoel Vieira Dantas e seu filho Naemel Duarte Ferreira Ferro mais tarde barão de Jequiá, chefe politico de maior prestígio em toda essa provincia. Francisco Frederico Vieira da Rocha, 2.º tenente de artilharia.

O capitão Manoel Vieira Dantas era um dos mais abastados senhores de engenho das Alagoas, e ahi muito popular pelas suas grandes virtudes varonis e o seu espirito philantropico.

Sem perda de tempo e a custa de suas haveres, começou elle a armar populares para a organização de forças que pudessem fazer face ao reintrar ataques que da parte do exercito real portuguez no sentido de suffocar a revolução, hein assim com o desígnio de reduzir á republica a villa de Atalaya onde se achava a outdoor e o corregedor dr. Antonio José Ferreira Batalha, que se oppuzera alli á revolução mantendo a villa, fell ao regimen legal.

No organismo dessas forças muito se distinguia, pelo seu influmado patriotismo e ideas democraticas, a exma. sra. D. Anna Lins, sua dedicada e virtuosissima esposa, a qual por seu lado aliviava e assistia, com o auxilio exato, servia de outdoor e o corregedor dr. Antonio José Ferreira Batalha, que se oppuzera alli á revolução mantendo a villa, fell ao regimen legal.

Na organização dessas forças muito se distinguia, pelo seu influmado patriotismo e ideas democraticas, a exma. sra. D. Anna Lins, sua dedicada e virtuosissima esposa, a qual por seu lado aliviava e assistia, com o auxilio exato, servia de outdoor e o corregedor dr. Antonio José Ferreira Batalha, que se oppuzera alli á revolução mantendo a villa, fell ao regimen legal.

Ante essa derrota, os revolucionarios pediram capitulação que lhes foi recusada. Tentaram então um ultimo recurso, com a forças de que ainda dispunham; elegeram ditador a Domingos Theotônio Jorge, que diz o historiador Mattos o Maia: "Vendo a impossibilidade de uma defesa proveitosa, retirouse do Recife, com cerca de 2000 homens de sua gente."

Seguiu-se logo a entrada do Almirante Rodrigo Lobo no Recife e a fuga dos principaes chefes rebeldes. O padre João Ribeiro (membro do governo provisório) a revolução organizadora suicidou-se e posteriormente fell tendo logar a prisão dos cabeças...

Chegados ao Recife a 29 de Junho o general Lins de Algodão, então capitão-general de Pernambuco, mandou logo

constituir comissões militares para processar os chefes revolucionarios das suas propriedades e sentenças. Domingos Theotônio Jorge, José de Barros Lima, Antonio José Henriques e o padre Pedro de Souza Tenorio foram enforcados. Igualmente o foram diversos chefes rebeldes na Parahyba.

Anteriormente tinham sido fuzilados, na Bahia, o dr. José Ignacio de 'Abreu Lima (padre Roma), Domingos José Martins (o chefe supremo do movimento) José Luiz de Menezes e o capitão Miguel Joaquim de Almeida, o "Miguelinho."

As comissões militares substituiu a chamada Alçada, presidida pelo desembargador Bernardo Teixeira Coutinho que, em nome do seu nome, cruei nas sentenças que as referidas commissões militares, pelo que D. João VI a mandou sustar por Decreto de 6 de fevereiro de 1818, no qual concedida plena amnistia aos demais revolucionarios...

A familia do capitão Manoel Vieira Dantas, que se achava até então forjado no interior das Alagoas, voltára ás suas propriedades ao engenho Sinimbu, sua residencia favorita, em S. Miguel dos Campos.

=====  
=====  
=====

Sete annos depois, em 1824, Pernambuco sempre insubmisso ao regimen monarchico, levanta de novo, enthusiasmas e corajosamente, o estandarte vermelho da insurreição, sob a Confederação do Equador.

Eis como essa revolução começou, segundo a narração de Mattos o Maia: "As ideas republicanas que grassavam em Pernambuco desde 1817, foram despertadas por escriptos incoherentes na imprensa da época, firmados pelo jornalista Cypriano José Barata de Almeida, eleito presidente de uma Junta Governativa, que não somente se recusou a reconhecer a autoridade de Francisco Paço Barreto (Marquez do Recife) presidente nomeado pelo governo imperial, como proclamou a Confederação do Equador a 2 de julho de 1824, para a qual, eadidos os dois estados do Rio Grande do Norte, Parahyba, Ceará e Alagoas, onde encontrou partidarios. O presidente Paço Barreto uniu-se ás forças dos maiores heros José Lamenna Lins e Antonio Corrêa, e ahi se deu a entrada da Grande as operações militares contra os rebeldes sem haver a principio resultado notavel..."

Nas Alagoas foi ainda o capitão Manoel Vieira Dantas, o primeiro a levantar-se espontaneamente e em primeiro logar a secundar e apoiar, alli, ardorosamente e patrioticamente, o novo movimento democratico pernambucano.

E outra vez sahia a campo, de certo com actividade, energia e devotamento pela causa republicana do Brasil, ao lado do marido e dos filhos, a admirável e illustre matrona portugetta, cujo perfil é agora occasião de trazar-mos.

Anna Maria José Lima era filha de Porto Calvo, local do territorio alagoano talvez o mais celebre assignalado durante toda a prolongadissima e formidavel lucta contra as invasões holandezas no Brasil, lucta que occupou o largo periodo de quasi trinta annos, pouco começou com a tomada da capital da Bahia, e emtrem também do Brasil em 1624 e terminou, apenas com o interregno de dois ou tres annos, com a capitulação do ultimo chefe hollandes. Seguiu-se a chegada de D. João de Almeida e a paz da capitulação conhecida em nossa historia pela paz da campina de Taborda.

Era descendente pelo lado paterno, de hollandezes que se estabeleceram em Porto Calvo com o engenho de assegurar durante aquella lucta, e pelo lado materno de uma das mais distinctas familias alagoanas, da qual alguns antepassados haviam tomado parte gloriosa em toda essa patriótica campanha contra os audezes invasores hólavos. De estatura alta e atletica essa nobilissima senhora reunia á sua correcta e peregrina belleza, um raro e precioso conjunto de virtudes moraes. Muito intelligente de uma cultura mental pouco commun ao seu sexo na época em que viveu, apesar de esportar a idade mediana, que tinha por supremo principio a educação dos filhos, e a educação de seus filhos, acompanhava com subido interesse e patriotismo a evolução social e politica de nossa Pátria, procurando nella tomar parte activa, ás insignes matronas dos bons tempos de Roma.

E pelos filhos que teve, como se verá no decorrer desta narração, mereceria bem ser comparada á famosa Cornelia, mãe dos Gracchos e immortal filha de Scipião o africano.

Assim fell ella também, não obstante o seu sexo, um prototipo de altanadas virtudes civicas.

Possua saliente temperamento combativo, cheio de iniciativa, de arrojo, de audacia, de firmeza. Já era do mesmo tempo constitucionalmente efectiva, simples e modesta.

E nella cercaram todas essas excepcionaveis qualidades o nobilissimo e magnanimidade para com todos e sobretudo para com os desprotegidos, os fracos, os humilides.

Seu marido era bem digno d'ella, pela intelligencia e cultura que ella possuia, e pela elevação das altas virtudes privadas e civicas.

Era um homem de estatura regular e robusto, alto e cabellos castanhos, varonilmente bello.

Como chefe revolucionario era magnanimoso e bravo, de uma bravura á toda prova, da qual deram os melhores testimonials os seus companheiros de 1817 e os da revolução que era historicos.

Os filhos eram dessa mesma tempera — intelligentes, virtuosos e fortes.

Sobre o que fell a revolução de 1824 em Alagoas, vamos agora falar aqui o que disse o dr. Thomaz Bonfim Espindola, na sua inimitavel "Descrição physica, politica e historica da Provincia do Alagoas". Logo que em Pernambuco rebentou a revolta, ahi se proclamou a Confederação do Equador nesta provincia, o capitão Manoel Vieira Dantas, seus dois filhos — Francisco Frederico Vieira da Rocha, 2.º tenente de artilharia, e o capitão Manoel Duarte Fernandes Ferro, barão de Jequiá — seu genro e tenente Jeronymo Cavalcante de Albuquerque e alferes Ignacio, conhecido por Cutlia, um portuguez chamado Madruga, o sargento Joaquim de Azevedo, e outros que de diversos logares da provincia vieram congregar-se em rede daquelles, adherindo ás ideas revolucionarias, pozeram-se a frente do movimento.

Constatando a Junta Governativa que talos elle e seus adeptos se tinham dirigido ao centro de Pernambuco, ahi de adquirir forças com as quaes visse a supplemental-a, preveniu e impediu a entrada de um novo comandante das armas que havia regressado do Rio, tenente-coronel Joaquim Mariano de Oliveira Hello, para que se obtivesse essa tentativa revolucionaria, mandando esse ponto a forças luciticas, commandado e des-tacamento pelo capitão Antonio do Carmo Lima, da mesma villa. E assim trataram a mesma junta, e o commandante das armas de tomar medidas de defesa para outros pontos da provincia, não esquecendo de guardar a capital.

Diversos combates se deram onde se bateram as tropas da Capitania, que abundavam em milicias o indios, além de ardeuses civis, com as quaes vieram das serções de Pernambuco, quasi todas compostas de piazanos e destorres organizados pela legalidade.

O primeiro combate deu-se no districto de Palmeira dos Indios, o segundo nos suburbios da villa de Andaraí, onde fell gravemente ferido o alferes João Lins de Vasconcellos; o terceiro no engenho de São José dos Campos, para onde marchou o proprio commandante das armas tenente-coronel Oliveira Hello á frente da força composta da 1.ª e 2.ª de milicias, indios piazanos e alguns boceas de fozes de Pernambuco. Como desajoulo, depois de lucta com os revolucionarios que alli se achavam acampanadas ahi de marchar sobre a capital para derribar a Junta do governo legal e substituí-la por uma outra que havia sido instalada por elles na villa de Andaraí.

Era a Junta Revolucionaria desta villa composta do major de ordenanças Antonio de Barros Mota Leite, presidente; do cidadão Joaquim da Rocha Bastos, secretario; do vigário Lourenço Pereira de Carvalho, do major Manoel Ferreira de Sá e Andrade e de outros.

Ao mesmo tempo que eram batidas em S. Miguel dos Campos as forças rebeldes e se retiravam pelo mesmo caminho por onde tinham vindo, ora Alagoas accomettida por outras forças vindas igualmente do centro de Pernambuco, e ahi se deu o combate do rio Parahyba chegaram ahi o engenho Kágado, distante duas leguas da villa de Atalaya onde foram obrigadas a

permanecer por alguns dias em razão de não podermos passar o rio, cuja margem oposta estava occupada por forças legaes.

Neste ponto houve alguns tirotes, até que os rebeldes vendo que não havia apossar o rio ou já sabedores do destino que tivera a outra columna que desceira por Palmira e outra batida em S. Miguel dos Campos, se retiraram, apressando-se a fortissimo tiroete com as legaes no qual houve mortos e feridos de ambos os lados."

Batidas as suas forças, Manoel Vieira Dantas e seus filhos Manoel e Francisco Frederico, 2.º tenente de artilharia, refugiaram-se nas matias. Havia, porém, escoltas a perseguil-os, dia e noite, por toda a parte. Numa occasião, uma das escoltas logrou surprehendel-os, apressando Vieira Dantas e seu filho Frederico, escapando o outro milagrosamente.

Entretanto, seu pai e seu irmão foram conduzidos para o Recife e ali encarcerados no Convento do Carmo.

Aos dois primeiros prisioneiros a Commissão Militar, inexoravel em suas sentenças, condemnou-os a morte, pena que foi commutada em degraço perpetua para as inhospitas margens do Rio Negro, habitadas então por indios e negros.

Manoel Duarte Ferreira Ferro que não encurdeceu, porém, aos clamores e afflicção dos seus, dirigiu-se no Recife e, com um grupo de corsarios e outros, conseguiu saltar a prisão e deu-lhes escapatia, regressando após a seguridade exemplar. . . .

Para conveniente orientação do leitor, é justo que vejamos a ordem das lutas e epistoles o que foi essa revolução em 1824 no proprio local onde ella se originou, isto é, na localidade do Recife, capital de Pernambuco. Sobre o assumpto, damos ainda a palavra ao conceituado historiographo Mattoso Maia: "Nesse interim referese elle ao inicio das operações militares contra os revolucionarios, na Barra Grande, por parte do presidente Paes Barreto e das forças legaes; nesse interim, tinha sido mandada a 1.º de agosto uma esquadrilla ás ilhas de Goiana, em Pernambuco, sob o commando do coronel Francisco de Lima e Silva para supplantar a revolta. Tendo desembarcado em Maciel, Lima e Silva marchou com suas forças para a Barra Grande, seguiu fazer junção com as do presidente Barreto, e a 12 de setembro pôde entrar no Recife. Houve, no dia immediato, um cembaio e um tiroete, em que os rebeldes definitivamente occupada pelo coronel Lima e Silva a 17 de setembro, depois de ter-se posto em communicação com a divisão naval de Jewett. Após a captura das tropas legaes no Recife, Paes de Andrade refugiou-se a bordo da fragata inglesa Tweed. E as derrotas dos revolucionarios proseguiram, no Centro d'Água, Agreste e Engenho do Juiz. Elles viram então que não podiam continuar na lucta e entregaram-se ao commandante legal."

A esse tempo a Parahyba e o Rio Grande do Norte já se haviam submettido ao Imperio, mas o Ceará resistia ainda heroicamente, embora o Almirante Cochrane, saindo da Bahia, para lá navegasse a toda força de velas. Esse martheiro chegou a Fortaleza em comeco de outubro e no dia 18 desse mez conseguiu que o chefe republicano José Félix de Araújo, que se estava na presidencia na ausencia do bravo Triestino do Alencar Araripe, se lhe entregasse totalmente, arrojando no palacio do governo a bandeira imperal. O tenente-silva José Ferreira Figueiras combatia ainda, no local contra a gente da legalidade e o chefe supremo do movimento democratico cearense Triestino de Araripe, traziu ainda de defraudado no ar o pavilhão democratico, que se rolou por terra quando elle cabiu morto e as suas hostes heroicas foram inextinguivelmente desbaratadas no memoravel combate de Santa Rosa, onde tambem acabou de todo a gloriosa Confederação do Equador.

Entrarão então em acção, como em 1817, as trintaes "commissões militares", as quaes a Corte Imperial do 15 de outubro de 1824 autorogava poderes para julgar "breve, verbal e summarissimo" os cabeças da revolução. E assim dezesseis dos principaes chefes foram executados, em diversos pontos do Brasil, entre os quaes o Rio de Janeiro, o illustre João Guilherme Retzliff, portuguez que, apenas chegado ao Brasil um anno antes, se ligára á revolução pernambucana, com incomparavel dedicação e entusiasmo.

Graças á benéfica intervenção do proprio coronel Francisco de Lima e Silva e do

tenente-coronel Conrado Jacob de Niemeyer, taes execuções foram astudadas e no anno seguinte (1825) D. Pedro I decretava plena e geral amnistia para todos os envolvidos na revolução, d'ella aproveitando-se o grande patriota Manoel de Carvalho Paes de Andrade, o proclamador dessa revolução, que só então pôde regressar ao Brasil, sendo elle em 1831, depois da abdicção de D. Pedro I.

=====  
=====  
=====

Mas voltemos ás Alagôas, a narrar as perseguições em que se viam envolvidos D. Anna Lins, seu esposo e filhos, após terem sido castigados com as suas legioes revolucionarias.

Já vimos pela descripção do dr. Bomfim Espindola acima transcripta como foram presos pelos soldadas da legalidade o capitão Manoel Vieira Dantas e seu filho Francisco Frederico Vieira da Rêcha, 2.º tenente de artilharia, os quaes tiveram por carcere, a principio, o convento do Carmo, no Recife.

Vejamos agora a ordem dezaes dois patriotas narrada pelo distincto escriptor catharinense Virgilio Vazas, no seu importante livro de mto historico e biographico de Siminbu, publicado no "Correio da Manhã" em 1905. "O Visconde de Siminbu, dr. João Lins Vieira Canaanão de Siminbu, que foi um salutar ministro e conselheiro de diplomatas e politicos de segundo imperio, era o filho mais moço do capitão Manoel Vieira Dantas e de D. Anna Lins, e posto contasse em 1824 apenas quatorze annos de idade, recebeu tambem o seu quinção de amarguras, quando a legalidade esmagou os republicanos em Alagôas, pois teve de defender com as armas na mão o Engenho Siminbu (que era de propriedade de sua familia e fora o ultimo bastião da revolução naquelles terras) e bem assim acompanhante sua mãe quando ella foi presa pelas forças monarchicas e arrastada á cadeia da cidade de Alagôas do Sul".

Mas não precipitemos os factos de que trataremos mais adiante e occupemo-nos que alli diz Virgilio Vazas sobre a prisão do capitão Vieira Dantas e do seu filho Francisco Frederico: "O primeiro dos prisioneiros do combate de S. Miguel dos Campos foram depois retirados do carcere do Convento do Carmo e embarcados num vaso de guerra que partiu para o Rio de Janeiro, onde se deu a pena de morte, a que os condemnara o tribunal militar. Ah! elegados recolheram-se á fortaleza de Villegagnon, onde seria dada a sentença. Mas o visconde não mudou a pena de ambos, como a de outros que estavam em Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, em degraço perpetua para as inhospitas margens do Rio Negro, no Amazonas. De novo então os remetteram para o Recife, encarcerando-os no forte Brum, onde teriam de aguardar os demais condemnados á fim de seguirem todos para o Rio Negro."

Mas o outro filho de Vieira Dantas, capitão Manoel Duarte Ferreira Ferro, que continuava solto nos serões alagôanos o que ali mantinha ainda o seu grande prestigio popular, apesar de vencido e perseguido pelo governo imperial, apenas soube da prisão de seu irmão e da sua prisão no Recife e presos naquelle forte, atirou-se nuzadamente á tremenda aventura de libertal-os fosse como fosse, custasse o que custasse e em frente de seu grupo de fiéis e amigos dedicadissimos e decididos, promptos a por elle sacrificar a vida, pôs-se afoitamente a caminho do Recife, onde chegou alguns dias depois, como Levaça homigo sem que o governo da provincia tivesse disso a mais leve noticia.

Assim protegido pelo acaso e numa audaciosa indagação, por um soldado de defeita, alta horra, com meia dúzia de seus melhores companheiros, todos a cavallo, resolveu assaltar o forte pelo lado das prisões, de parte do lado do mar. Levaça homigo uma rede e instrumentos de serralheiro e, sem ser apresentado pelas sentinellas, mas fazendo-se logo percebido dos presos, arrebatou a liberdade de forte e de sentinella onde elles estavam, sem que o rumor desse acto se fizesse sentir, graças ao forte marulho das ondas revoltas e ao rude sibilar do vento. Libertados de forte e de sentinella o seu pai e seu irmão como a dois outros prisioneiros irmãos d'armas, os quaes por meio de uma corda se deixaram escorregar da muralha e entraram em liberdade.

Filva, porém, um clamor, um padre, um amigo querido e ardoroso soldado da

revolução; e, para o salvar, tiveram de repetir o assalto. Ao ver que era preciso descer de uma grande altura, por uma corda e a pular, pediu acobardou-se. Entanto, não havia tempo a perder e, lembrando-se da rede que levavam, os libertadores a estendem, segurando-a pelos nós e gritam para o padre que se aitre. O padre aironso. Mas os gritos dos assaltantes tinham sido ouvidos e as sentinellas deram alarme, correndo para o lado das prisões, a verificar o que ali se passava.

Os temerarios libertadores, porém, rapidamente galgaram seus cavalos e sahiram a galope, carregando os evadidos á garupa, já se as primeiras saravadas de balas. Mas os gritos chegaram tanto a Alagôas, saos e salvos. . . .

=====  
=====  
=====

Como já dissemos, o ultimo bastião da Confederação do Equador, nas Alagôas, foi o Engenho de Siminbu.

Ahi a enérgica e heroica D. Anna Lins enforcinou-se e, com um punhado de patriotas e a legião de seus escravos, mal armados mas valentes e decididos, resistiu até a ultima extremidade, sendo por fim obrigada a capitular, por falta de munições e outros recursos bellicos, deante das forças legaes bem armadas e muitas vezes mais numeradas que as suas.

O que foi essa arreadeira e desesperada refrega da revolução, disse-o, em poucas palavras, o proprio Visconde de Siminbu ao escriptor catharinense, num precioso tópico da carta que elle transcreveu no seu já mencionado estudo historico e biographico sobre esse grande estadista.

O Engenho de Siminbu tornou-se, nas Alagôas, o ultimo bastião da revolução de 1824. Cercado pelas tropas do governo, resistiu quanto pôde. Os imensos canaviaes e as matas de que ali trabalhavam os dois escravos, foram incendiadas. A soldadesca vencedora tudo saqueou e assaltou, prendendo aquelle que a morte poupára... Prisioneiro aquillo de D. Anna Lins, levado para a cadeia da cidade de Alagôas do Sul. Eu tinha quatorze annos e acompanhava a minha horrivel provação. Durante o tempo que elle esteve no forte, trabalhava com toda a consideração, por ordem do tenente-coronel Oliveira Belo, commandante das forças legaes... Depois de alguns meses de encarceramento, Manoel Lins voltou para o seu Engenho de Siminbu, onde tudo encontrou na maior miseria e desolação. . . .

=====  
=====  
=====

Dissemos que D. Anna Lins mereceria ser comparada á Cornelia illustre matrona romana, mãe dos Gracchos e dissemos bem. Cornelia foi celebre pelo seu talento, cultura e patriotismo, como pelos filhos que teve — Tibério e Caio.

D. Anna Lins igualmente. Não só por essas luminosas qualidades, mas tambem pela sua acção politica e guerreira, acção muito embora regional, cabella perfeitamente o glorioso qualificativo de heroica e a mais elevada celebridade (tal qual Cornelia) nos annos de 1824. Manoel Duarte, Visconde de Siminbu foi o mais eminente, legando á familia e ao Brasil um nome verdadeiramente insigne e immortal.

General Carlos de Campos.

=====  
=====  
=====

## Philosophando...

(Do «Jntermes30» de Heine)

Querias vêr alfin o desenlace  
Desta vida de abrochos e sem norte,  
Quem de mim soluçando se afastasse  
Que faria depois de minha morte,  
Quando fosse meu corpo sepultado...  
"Querias perguntar ao coração,  
Si valeria a pena eu ter andado  
A vida toda atraz de uma illusio!"

JOSÉ VELHO

(Do livro «Friedelides.»)

# JARDIM FECHADO

(Nesta secção publicaremos pequenas comunicações de nossas leitoras, bem como produções literárias que não excedam de 30 linhas em prosa e de 14 em verso.)

(É nosso intuito desenvolver assim o gosto literário entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondência útil e interessante. As produções literárias deverão ser assignadas, sem o que não serão publicadas.)

Nair V. — S. Paulo.

Li a sua correspondência dirigida ás collaboradoras que se reúnem nesta secção. A senhora tem razão. As anthologias de sonetos interessam sómente ás pessoas que se incumbem de as organizar, escolhendo as composições segundo o seu gosto pessoal, as suas tendências poeticas e a sympathia que têm por este ou aquelle poeta. Dentre os sonetos que mais me impressionaram, não resisto ao prazer de transcrever o que tem por título «A uma santa», de Francisca Julia, que é, ao meu ver, o mais bello da língua, pela elevação de conceitos que encerra e pela forma magistral.

Ei-o:

## A UMA SANTA

Foge, sem odio, ao mal; o bem pratica;  
Se a dôr lhe dóe, cuida-a gostosa e boa,  
Ou faz então com que ella lhe não dóa;  
Na pobreza em que está julga-se rica.

O mal sabe que passa; o bem, que fica;  
Porisso o bem acolhe e o mal perdôa;  
Quanto mais vive, mais se aperfeiçoa;  
Quanto mais sofre, mais se glorifica.

P. essa alta moral os actos regra;  
Em nenhum ouro esforço em vão se cança,  
Por nenhum outro ideal se bate em vão;

E é feliz, mais feliz porque se alegra  
Não com o pouco que a sua mão alcança,  
Porém com o pouco que já tem na mão.

É' verdadeiramente encantador, não acha?

Alair Miranda — S. Paulo.

## Minhas boas amigas.

Apezar de não ter nenhum defeito nos olhos, tenho, entretanto, na cornea dos olhos, radiações sanguíneas. Isso é a minha tortura. Não ha olhos bellos senão quando a cornea é bem limpa e de um branco azulado. Aqui não ha, nas pharmacias, os recursos de que preciso. Ficaria grata ás companheiras desta secção que me indicassem um remedio efficaz para o meu caso.

Alexandrina — Avaré.

No numero 51 desta revista, uma assignante de Minas, que se occulta sob o candido nome de Camélia, faz ás collaboradoras desta secção uma série de perguntas. Essas perguntas são formuladas mais ou menos da seguinte maneira: «Qual a casa, (nome da firma) que offerece tal objecto (nome do objecto) por tal preço? Qual o Estado, o paiz, rua e numero que ella reside?» Etc., etc.

Ora, essas perguntas estão cheirando, de longe, a annuncio. Não é preciso attentar muito nellas para se verificar que se trata disso. Quando, por esta secção, uma assignante faz uma pergunta, é de suppor que ella solicita, de boa fé, a informação, e se pede um conselho, é certo que deseja apoiar a sua incerteza na experiencia de uma conscia que tem, para o seu caso, mais saber e experiencia. Mas Camélia, ao formular aquellas perguntas, está, mais que quaesquer outras, em condições de responder. Camélia sabe perfeitamente que casa é essa e conhece por certo pessoalmente os seus proprietarios. As outras socias é que não sabem nada disso. Se se trata de um annuncio, porque Camélia não o manda inserir na secção destinada aos annuncios? E' verdade que teria de pagar. Mas quem é que faz annuncios de graça?

R. Magnolla — Bahia.

O melhor methodo para violão é o methodo Aguado, hespanhol. Ha outros muitos, inclusive o Carcassi, italiano, mas todos elles têm lacunas. O violão é um instrumento de enormes, de surpreendentes recursos, quando a pessoa se orienta por um bom methodo. Quem o toca de ouvido, nunca progride, nunca adquire execução e nitidez por causa da dedilhaagem errada.

O methodo Aguado encontra-se, creio, no Rio, nas casas de musica, e é provavel encontral-o em S. Paulo.

Zizi Cortez — S. Paulo.

Rosa — Vaccaria.

O habito de fumar é muito nocivo. Ha um medicamento que combate o mal causado pelo fumo e que, ás vezes, concorre para o individuo deixar de fumar. Em S. Paulo, esse medicamento, que é o «66», criação homeopathica do dr. Alberto Seabra, está muito vulgarizado entre os homens de letras e jornalistas.

André — S. Paulo.

R. Brigida — Santos.

De todos os nossos escriptores, o de moral mais pura, de linguagem mais honesta e de arte mais edificante para o espirito, é Machado de Assis. Uma moça em qualquer idade pôde lê-lo. Todos os outros são suspeitos.

Helena J. — S. Paulo.

## COUSAS DE HOJE...

Amavam-se. Ambos jovens, os dias corriam-lhes em delizioso firr, prenuncio certo de um proximo e felicissimo enlace, quando ahiellas de posição financeira lha sorrissem, a elle, recentemente doutorado em engenharia.

Expatriados ambos — ella acompanhando o pai, da legação franceza, chefe, creio, ha uns tres annos no Brasil, fixára residência, na idolatrada patria, deixando tão somente dois irmãos no exercito, em conclusão de tempo; elle, orgulhoso filho da indomita Germania, orphão de paes, sem familia, concluido o curso e liquidados os poucos haveres que lhe fornecia a renda subsidiadora dos estudos, abalara para a tão decantada «terra das minas» em busca de fortuna, certamente conquistavel com a sua intelligencia e mocidade sã.

Estatura regular, bem reforçado de corpo, adivinhava-se nelle um athleta; roado, olhos limpissimos azues, louros os cabelos, bocca, nariz, enfim os traços em perfeita harmonia com o todo masculino, escultural, davam-lhe a belleza physica dos fortes, e a vasta, luminosa frontezilha-lhe a lucidez de espirito, o imperioso do olhar, o desdenho do sorriso, o hereditario orgulho.

Ella, em dias mais felizes representando a belleza franceza, irreprezivelmente formosa, doode o delicado dos pés, das mãos aristocratas, do bem contornado busto, até a scintillação dos negros olhos, aluminando pallido semblante e da azevichada, farta cabelleira.

Amavam-se. Conheceram-se numa festa de beneficio, ás cinco, no Trianon. E dançando, e palestrando, assimilações de idéas, ambos expatriados, admiração mutua pela belleza de um e outro, posições já asseguradas na sociedade, uniu-os, e amaram-se.

Um anno se écouo nesse delizioso firr, em que ambos, cada vez mais se conhecendo um ao outro, amavam-se com mais intensidade, o maior amor pudessem conhecer.

O pallido de casamento já era coisa resolvida: esperavam-se tão somente a vinda dos dois militares francezes, no Natal, quando já reservistas.

Estava-se em agosto. Certa tarde, á hora do jantar, entrou pela casa a dentro do engenheiro um patrio amigo, do consulado patrio. Era um chamado urgente de subditos allemaes para a mobilisação do exercito, em breve ou lita com a França.

— «Attende-o era mister?», cogitava-lhe o hereditario orgulho automatico, mas partir para sempre talvez, e deixa-o?

Não, não era possível: amava-o muito, sentia ligada á sua vida como uma cousa de imprescindivel necessidade ao seu viver; e deixa-la... não, não era possível.

«Odeia-a ainda?», com o odio que merecem os inimigos? O' Deus, será possível o odio a uma creatura tão santa? Não, não na podia odio: amava-a, adorava-a muito...

E longo tempo se deixou ficar em dolorosa scisma.

Silencio, um pensamento sinistro, passando-lhe pela mente, estremeceu-o num riso de dementada alegria.



# O MENU' DE MEU MARIDO

## Puré de abobora

Descascada a abobora, parte-se em bocados pequenos, os quaes se coze em agua a ferver, levemente temperada de sal.

Depois de cozida esmague-se no passador e deite-se o puré resultante numa caçarola com um bocado de manteiga, uma chavena de nata, assucar ou sal, ou assucar e pouco sal, conforme se preferir, e uma pitada de farinha.

Misture-se tudo bem, mexendo, deixe-se abeberar por espaço de quinze a vinte minutos, ligue-se com gemmas d'ovos e sirva-se.

## Lampreia guisada

Lava-se a lampreia e sangra-se, guardando o sangue. Escalda-se depois com agua a ferver, e limpa-se-lhe a pelle com as costas d'uma faca. A seguir tira-se-lhe a tripa, e parte-se em bocados.

N'uma caçarola faz-se derreter e alourar uma porção de manteiga, em harmonia com o tamanho do peixe, juntado-lhe a farinha conveniente.

Mettem-se então os bocados de lampreia, que se regam com um pouco de vinho tinto bem alcoolico, porção igual de agua a ferver, e se temperam de sal, pimenta, noz moscada, uma capella de cheiros, e uma cebola cravejada.

Deita-se assim a ferver em lume brando até estar cozida, e então junta-se-lhe o sangue e deixa-se apurar o molho.

Serve-se quente com sumo de limão.

## Robalos á marinheira

Limpos e preparados, cortam-se em postas iguaes, que se mettem numu vazilha com bastante cebolas (mais ou menos, conforme a porção de peixe, e já meio cozidas ou engroladas, como vulgarmente se diz), sal, pimenta, hervas finas e uma cebola crua cravejada.

Por cima deite-se-lhe uma porção de manteiga amassada com farinha córada, uma gotta d'agua, ou caldo, e deixe-se ferver lentamente com a tampa.

Quando o peixe estiver prompto e o molho reduzido, tire-se a capella e a cebola cravejada e sirva-se regado com sumo de limão ou laranja.

## Enguia marinada e grelhada

Amanha-se, esfolia-se a enguia e parte-se em postas, põem-se estas a saltar em manteiga derretida, e em seguida se deitam num prato coberto com um pouco de azeite fino, sal, pimenta, noz moscada e cebolinhas,

cogumelos, salsa e hervas finas, tudo bem picado.

Depois de estarem a marinha durante duas ou tres horas, envolvem-se em pão ralado e grelham-se.

Servem-se com molho picante ou remoulade, ou simplesmente com manteiga de anchovas.

## Molho Italiano para peixe

Faça-se um escabeche vulgar e reduza-se pela fervura durante tres horas.

Acrescente-se-lhe depois um copo de vinho da Madeira, meio copo de puré de tomates e duzentas e cincoenta grammas de cogumelos, com com as hastes bem limpas e cortadas e os chapéos inteiros. Quando tudo estiver cozido, retira-se a vazilha do lume e então se juntam ao molho bocadinhos de manteiga e o sumo de um limão.

Leve-se a vazilha novamente ao fogo durante um instante, mexa-se bem tudo, mas não se deixe ferver.

## Vitella em fatias

Escolha-se um bocado de fibra de vitella magra, corte-se em fatias, batendo-as como os bifés, para que fiquem o mais fina possível.

Em cada fatia ponha-se uma colher de carne picada, com salsa picada, pimenta, sal, formando recheio, e enrolle-se d'uma fatia de toucinho fresco, amarrando-as com um cordel.

Metta-se tudo n'uma caçarola, que se tapa; e deixe-se cozer no proprio vapor, a lume amortecido.

## Lombo de carneiro á Valleri

A carne, depois de conveniente batida, para ficar bem macia, é lardeada com tiras de toucinho e metta por espaço approximado a uma hora em vinagre e agua, partes eguaes, sal, pimenta e uma folha de louro.

Passado este espaço de tempo assa-se no espeto a fogo lento.

Molho á discreção da cosinheira.



**ATÉ AS  
CREANÇAS**

Sabem qual é o medicamento de inteira confiança para dar-lhes saúde e robustez:

A incomparavel  
**EMULSÃO**  
DE  
**SCOTT**

Recusem-se os  
Substitutos

# "AGUA RABELLO"

INDUSTRIA NACIONAL

Nova Emballagem

Antiga Emballagem



Este preparado, verdadeira "Maravilha domestica" cuja antiga denominação era

Agua Curativa Rabello, tem hoje nova rotulagem, por exigencias dos fabricantes de um producto similar.



A Agua Rabello

é o

Remedio da Familia

O medicamento, de urgencia, indispensavel em toda parte onde for possivel um accidente. Cura Feridas contusas, talhos ou golpes, Queimaduras de qualquer especie, Hemorrhagias, hemorrhoides, dor garganta, inflamação do rosto, espinhas inflamadas, corysa, colicas, vomitos e escarros sanguineos.

VIDE PROSPECTO

Approvada e licenciada pela Inspectoria Geral de Hygiene e premiada nas Exposições Universal de S. Luiz e Nacional de 1908  
COM MEDALHAS DE OURO



Laboratorio Pharmaceutico  
ANTONIO RABELLO JUNIOR

Rua Maciel Pinheiro, 44—Parahyba do Norte

**MEDICAMENTO PURAMENTE VEGETAL**

Marca e denominação Registrada — Autorisada e analysada pela  
Directoria Geral da Saude Publica do Rio de Janeiro

Vende-se nas Pharmacias, Drogarias e Casas de Commercio da Campanha  
PREÇO AO ALCANCE DOS POBRES

Depositorio Geral **Antonio Rabello Junior** - Parahyba do Norte

## "O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.

Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extinção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette — O PILOGENIO

SEMPRE O "PILOGENIO"

"PILOGENIO" SEMPRE!

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias

# LYCETOL

GRANULADO

## GIFFONI

DISSOLVE E EXPELLE

### ACIDO URICO

RECEITADO DIARIAMENTE PELAS SUMMIDADES MEDICAS

CONTRA

DIATHESE URICA—COLICAS NEPHRITICAS

CALCULOS BILIARES

ARTHRITISMO—RHEUMATISMO

→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRAZIL

DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI & C.

DE

FRANCISCO GIFFONI & C.<sup>MA</sup>—RUA 1.<sup>º</sup> DE MARÇO 17

RIO DE JANEIRO

Exclusivamente para  
**Senhoras e Senhoritas**

Premiado na Exposição de Bruxelas e com medalha de ouro na Exposição de Hygiene

## O CREME DO HAREM

tem a primasia, porque . . .

. . . é uma preparação conscienciosa, seria e não é imitação.

. . . tem sido usado, sempre com excellentes resultados, contra as sardas, rugas, pannos, espinhas e manchas da pelle e nenhum outro é comparável a elle.

Portanto, todas as imitações que appareceram, que apparecem, e que apparecerão, embora com nomes diferentes, não podem fazer concorrência ao já consagrado

## CREME DO HAREM

Estojo 3\$000

Pelo Correio 4\$000

Em todas as perfumarias e drogarias e na

PHARMACIA E DROGARIA

SANTOS

Rua São Bento 74-A- S. PAULO

## VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)

Para os desconvalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos, etc. etc. Poderoso tónico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador indispensavel indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiaca.

É o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cacluxia, arterio-sclerose), etc.

Reconstituinte indispensavel ás mulheres, durante a gravidez e após o parto, assim como nas fases de leite. É um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Receitado diariamente pelas summidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias. Depósito Geral:  
PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.  
Rua 1.<sup>º</sup> de Março, 17 — Rio de Janeiro

(TRICALCICAS)

Antes do mais :

As pastilhas Americanas Tricalcicas do Dr. Malcom não são uma panacea. Trata-se de um producto chimico definido cujos elementos principais assim se compoem (Ph 32 02) Ca<sup>4</sup> (Ph 04) 2 Ca 3 adicionados de seivas vegetaes, esliminantes da funcao histologica e que lhe fornecem em outros elementos (Fe 03 4 4 Ph 2 0) vegetal e facilmente assimilavel, constituindo a forma global, alem de principios aromaticos e fibrinosos com (Ph 12 02) Ca<sup>4</sup> (Ph 04) 2 Ca 3<sup>4</sup> (Fe 03 4 4 Ph 2 0).

É uma forma de calcificacao intensa do organismo com absorcao facilitada pela vehiculacao das seivas vegetaes. Trata-se portanto de um medicamento de rezes resultados em todos os vicios da nutricao.

(Relatorio dos Drs. FOX e CHAMPBELL)

A cura tricalcica do Dr. Malcom deve durar pelo menos dois mezes e por este motivo que as suas pastilhas são entregues ao publico em tubos de 50 ou 100, o que naturalmente lhes eleva um pouco o preço, mas em compensação faz-se a cura sem necessidade de estar repetindo os pedidos de medicamentos.

Ha outros preparados que custam aparentemente menos; são porém vendidos muito de industria em pequenos vidros, que obrigam o doente a repetir a despesa cada semana. Demais as Pastilhas Malcom não são um producto commercial no qual se sacrificam as vezes certas exigencias de technica, para diminuir o preço.

Trata-se de um producto medico, preparado com todo o esrupulo e que dá resultado.

Em todas as molestias de nutricao as nossas pastilhas deverão ser empregadas: Rachitismo, má denticao de creanças, pernas tortas (das creanças) quasi sempre devido á fraqueza dos ossos, escrophulas, lymphatismo etc.

Para o desenvolvimento dos seios as PASTILHAS MARCOLM são extraordinarias e temos em nosso poder centenas de attestados de senhoras que no cabo de dois mezes de tratamento tiveram resultado completo.

Muito uteis na convalescenca das molestias debilitantes e para uso continuo das pessoas que se entregam a trabalhos cerebraes exhaurientes e que necessitam de phosphoro, bem como, para a fraqueza de qualquer outro orgão.

Durante o aleitamento as Pastilhas Malcom são indispensaveis. Fornecem ao leite materno todos os elementos calcicos necessarios á formacao do esqueleto da creança.

Preço: Tubo de 100 pastilhas . . . 20\$000

**DOSE:**— PARA ADULTOS. Começar por duas pastilhas a cada refeição durante a primeira semana e augmentar em seguida para tres. Para casos simples taes como cansaco cerebral, fraqueza dos moços é bastante metado da dose acima.

PARA CREAÇAS. Uma pastilha cada refeição; augmentar para duas ao fim de uma semana. Para creança de menos de 4 annos começar por 1,2 pastilha e continuar por uma.

Pedidos á Revista Feminina  
Praça Antonio Prado - S. Paulo

S. P. Mfg. Druggs Co.



O Chocolate FALCHI é o melhor